

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL DOUTORADO**

KATIUSCIA DE ALMEIDA CUSTODIO LOURO

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: performances narrativas de mulheres acometidas
pela Doença de Alzheimer**

São Leopoldo

2023

KATIUSCIA DE ALMEIDA CUSTODIO LOURO

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: performances narrativas de mulheres acometidas
pela Doença de Alzheimer**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador(a): Prof. Dr. Caio Mira.

São Leopoldo

2023

L892m Louro, Katiúscia de Almeida Custodio.
Memórias e histórias : performances narrativas de
mulheres acometidas pela doença de Alzheimer /
Katiúscia de Almeida Custodio Louro. – 2023.
207 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada, 2023.

“Orientador(a): Prof. Dr. Caio Mira.”

1. Doença de Alzheimer. 2. Narrativas. 3. Performance.
4. Self. I. Título.

CDU 801

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

KATIUSCIA DE ALMEIDA CUSTODIO LOURO

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: performances narrativas de mulheres acometidas
pela Doença de Alzheimer**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

APROVADA EM 14 DE JULHO DE 2023.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. THAYSE FIGUEIRA GUIMARÃES - UFGD
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. ALEXANDRE JOSÉ PINTO CADILHE DE ASSIS JÁCOME - UFJF
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. ANDERSON CARNIN - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



**PROF. DR. CAIO CÉSAR COSTA RIBEIRO MIRA - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Para minha mãe, meu esposo e minha filha.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor, meu Deus, por sempre me abençoar com mais do que eu mereço e por me levar por lugares onde nunca imaginei chegar.

À minha mãe, por seu apoio incondicional, por entender cada momento, todos os meus esforços e abdições e por estar sempre ao meu lado. A mulher forte que você é tornou-se o exemplo que me motiva.

Ao meu pai (*in memoriam*), por seu incentivo aos estudos e por acreditar em mim.

Ao meu esposo, que embarcou nessa jornada comigo nos últimos dois anos, por sua confiança, amor, apoio, compreensão e pelas doces palavras que me motivam diariamente. Você me ensina muito todos os dias sobre o que é realmente importante na vida.

À minha amada filha Isabela, que chegou há um ano em minha vida e que me transformou completamente. Espero que este trabalho um dia sirva como um incentivo para que você nunca desista do que deseja e saiba que é capaz de conquistar o que quiser. O seu sorriso é a minha inspiração diária.

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e meu orientador, Prof. Dr. Caio Mira, por sua competência, dedicação, apoio, confiança, disponibilidade, compreensão e parceria em diversos trabalhos que me tornaram a pesquisadora que hoje sou.

Aos membros da Banca de Qualificação e da Banca Examinadora da presente tese, pela riqueza de suas contribuições que aprimoraram este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, por compartilharem seus conhecimentos e contribuírem de forma direta ou indireta para a minha tese.

Às participantes deste estudo e suas famílias, que me permitiram conhecê-las por meio de suas histórias e possibilitaram a realização deste estudo.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa NIL, pelos momentos de discussões e troca de saberes.

Aos familiares e amigos, pelas palavras de incentivo e de apoio.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pela qualidade do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada que muito contribuiu para minha formação.

Believe

Believe in yourself and your life
Believe you can do anything you set your mind to
Even if in reality you can't pick up that airplane
Believe you can when others say you can't
Believe your children can even when they think they can't
Especially when you think they can't

Believe in more than the negative
Believe that you can reach the stars of your dreams
And the goals of your life

Believe there is life after dementia
Believe the diagnosis is not the end
Even when others say it is

Believe in today and tomorrow
Believe that love will get you through
And it will...

(SWAFFER, K., 2016, n.p)

RESUMO

A presente tese tem por objetivo *investigar as performances narrativas de pessoas acometidas pela DA em situações de interação face a face, analisando o que esses empreendimentos demonstram em termos de construção identitária*. Inserido no campo da Linguística Aplicada, este trabalho tem caráter qualitativo, fundamentalmente interpretativista, utilizando a abordagem de pesquisa narrativa na geração de dados em entrevistas abertas com três participantes acometidas pela DA. Alinhados a uma concepção socioconstrucionista, consideramos as narrativas conversacionais que emergem nas interações face a face como *lócus* da construção de quem somos e como um lugar privilegiado para que as pessoas acometidas pelas DA possam reafirmar seu *self* e construir suas identidades localmente. Aliando a concepção de narrativa coconstruída (OCHS; CAPPS, 2001) à noção de performance, segundo Goffman (1998) e Bauman (1986), buscamos identificar como se estruturam as narrativas orais, como as participantes manejam suas performances na interação e como constroem suas identidades por meio das narrativas. Assim, os construtos teóricos indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003), *footing* (GOFFMAN, 1998) e as pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998) explicitam a materialidade dos recursos expressivos de construção de sentidos mobilizados pelas participantes. Para tanto, nosso estudo fez a análise de cinco narrativas que emergiram nas interações gravadas com os participantes, em entrevistas abertas, ou seja, sem roteiro pré-definido, em suas residências, a fim de propiciar uma maior naturalidade à situação e maior conforto às participantes. Esta análise foi organizada a partir do modelo de lâminas de Biar, Orton e Bastos (2021), por meio das quais se podem verificar: *i) a organização das narrativas atendendo às dimensões propostas por Ochs e Capps (2001); ii) o modo como as pessoas acometidas pela DA manejam suas performances na interação; iii) a maneira como as pessoas constroem suas identidades por meio da narrativa*. Os resultados de nossas análises revelam que as narrativas das participantes acometidas pela DA apresentam dimensões observáveis, conforme proposto por Ochs e Capps (2001), que revelam o grau de sua participação na interação, ressaltando o papel imprescindível que a colaboração desempenha nesse contexto. Além disso, pode-se verificar que as participantes lançam mão de diferentes recursos semióticos, a fim de construir suas performances narrativas e, mais do que isso, a fim de resignificar

experiências e representar seu *self* para o interlocutor, apontando para construções identitárias as quais revelam seu papel social.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer. Narrativas. Performance. *Self*.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the narrative performances of people affected by AD in situations of face-to-face interaction, analyzing what these undertakings demonstrate in terms of identity construction. Inserted in the field of Applied Linguistics, this work has a qualitative character, fundamentally interpretive, using the narrative research approach in the generation of data in open interviews with three participants affected by AD. Aligned to a socioconstructionist conception, we consider the conversational narratives that emerge in face-to-face interactions as the locus of construction of who we are and as a privileged place for people affected by AD to reaffirm themselves and build their identities locally. Combining the concept of co-constructed narrative (OCHS; CAPPS, 2001) with the notion of performance, according to Goffman (1998) and Bauman (1986), we seek to identify how oral narratives are structured, how participants manage their performances in interaction and how they build their identities by means of narratives. Thus, the theoretical constructs indexicality (SILVERSTEIN, 2003), footing (GOFFMAN, 1998) and contextualization clues (GUMPERZ, 1998) make explicit the materiality of the expressive resources for the construction of meanings mobilized by the participants. To this end, our study analyzed five narratives that emerged in the recorded interactions with the participants, in open interviews, that is, without a pre-defined script, in their homes, in order to provide a greater naturalness to the situation and greater comfort to the participants. This analysis was organized based on the model of slides by Biar, Orton and Bastos (2021), by which it is possible to verify: i) the organization of the narratives according to the dimensions proposed by Ochs and Capps (2001); ii) the way people affected by AD handle their performances in interaction; iii) the way people construct their identities by means of narrative. The results of our analysis reveal that the narratives of the participants affected by AD have observable dimensions, as proposed by Ochs and Capps (2001), which reveal the degree of their participation in the interaction, highlighting the essential role that collaboration plays in this context. In addition, it can be seen that the participants make use of different semiotic resources in order to build their narrative performances and, more than that, in order to re-signify experiences and represent themselves to the interlocutor, pointing to identity constructions which reveal their social role.

Keywords: Alzheimer's disease. Narratives. Performance. Self.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Incidência de demências por região no mundo.....	28
Figura 2 - Imagem de um cérebro danificado pela DA.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estimativa de custo com a DA em relação a outras doenças	29
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estágios da DA e sintomas	31
Quadro 2 - Características dos dados gerados.....	69
Quadro 3 - Laminações e categorias de análise.....	80
Quadro 4 - Ações desempenhadas por Joana durante a narrativa 1.....	102
Quadro 5 - Movimentos de colaboração da pesquisadora.....	103
Quadro 6 - Ações desempenhadas por Joana durante a narrativa 2.....	129
Quadro 7 - Movimentos de colaboração da pesquisadora.....	130
Quadro 8 - Ações desempenhadas por Carmen durante a narrativa 1.....	148
Quadro 9 - Movimentos de colaboração da pesquisadora e da filha Ana.....	150
Quadro 10 - Ações desempenhadas por Carmem durante a narrativa 2.....	165
Quadro 11 - Movimentos de colaboração da pesquisadora e da filha Ana.....	165
Quadro 12 - Ações desempenhadas por Joana durante a narrativa.....	182
Quadro 13 - Movimentos de colaboração da pesquisadora e da neta Pamela.....	184
Quadro 14 - Ocorrência das dimensões nos dados analisados.....	188

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dimensões da Narrativa e Possibilidades	48
--	----

LISTA DE SIGLAS

ACP	Atrofia Cortical Posterior
DA	Doença de Alzheimer
LA	Linguística Aplicada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 O CONTEXTO DA PESQUISA: A DOENÇA DE ALZHEIMER	27
2.1 A Vida após o Diagnóstico: o Papel da Colaboração na Manutenção das Interações Sociais.....	33
3 A AMPLITUDE DAS NARRATIVAS: DE RECAPITULAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS A COCONSTRUÇÃO DO EU SOCIAL.....	39
3.1 O Início: o Modo Laboviano de Análise.....	39
3.2 A Narrativa sob um Prisma Socioconstrucionista e Interacional	44
4 NARRATIVA E PERFORMANCE: DUAS FACES DE UMA MESMA MOEDA.....	53
4.1 Performance Segundo Goffman	54
4.2 Performance Segundo Bauman	58
5 O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	62
5.1 A Pesquisa Qualitativa na Linguística Aplicada.....	62
5.2 A Pesquisa Narrativa.....	64
5.3 Os Objetivos de Pesquisa e o Método de Geração de Dados	65
5.4 Corpus da Pesquisa.....	68
5.5 Participantes da Pesquisa	70
5.5.1 Joana.....	71
5.5.2 Carmen.....	74
5.5.3 Rúbia.....	76
5.6 Transcrição	78
5.7 Modelo e Categorias de Análise	79
5.7.1 Indexicalidade	81
5.7.2 Enquadre e <i>Footing</i>	85
5.7.3 Pistas de Contextualização	88
6 ANÁLISE DOS DADOS	90
6.1 Performance Narrativa de Joana: a Trajetória Profissional de uma Professora.....	90
6.1.1 “Eu tive benesses maravilhosas”	91
6.1.2 Análise do Dado	97
6.2 Performance Narrativa de Joana: a Simplicidade do Amor.....	105
6.2.1 “ <i>My dear</i> , meu querido”	106

6.2.2 Análise do Dado	124
6.3 Performance Narrativa de Carmen: a Infância.....	133
6.3.1 “Coisinha de criança”	133
6.3.2 Análise do Dado	145
6.4 Performance Narrativa de Carmen: o Casamento, a Família.....	153
6.4.1 “Tudo passa no tempo da gente”	153
6.4.2 Análise do Dado	162
6.5 Performance Narrativa de Rúbia: os Estudos	169
6.5.1 “Umas surras bem boa”	169
6.5.2 Análise do Dado	179
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
REFERÊNCIAS	197
APÊNDICE A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO	205
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	206

1 INTRODUÇÃO

A Doença de Alzheimer e muitas outras demências têm uma coisa em comum: elas progressivamente danificam o cérebro de tal forma que o cérebro eventualmente não pode funcionar como um órgão de suporte vital e de coordenação de ação. Do ponto de vista médico, as lesões cerebrais causadas por distúrbios são frequentemente traduzidas em lesões psicológicas mais ou menos específicas, como problemas de memória, falta de controle social ou desaparecimento do self¹ (HYDÉN, 2018, p. 53-54, tradução nossa).

Joana, Carmen e Rúbia. Delas são as vozes que ouviremos na presente tese, que teceram as histórias que nos contaram. Mulheres de histórias de vida tão singulares e aparentemente tão distintas, mas que compartilham uma mesma condição neurológica: a doença de Alzheimer (doravante DA). No entanto, essa mesma condição não traduz como elas se veem ou como são suas histórias de vida. Quem são essas mulheres por trás do diagnóstico? Este trabalho versa exatamente sobre isso. Quem essas mulheres são, como elas se constroem socialmente?

A epígrafe que inicia a introdução desta tese apresenta o contexto de pesquisa abordado no presente trabalho: a doença de Alzheimer. Contudo, mais do que apresentar o *locus* de pesquisa, essa epígrafe traduz os impactos físicos, mentais, comportamentais e psicológicos advindos dessa condição, que, apesar de nossa insciência no que diz respeito à área médica, todos conhecemos por sua grande veiculação na mídia e nas relações sociais mais próximas.

Os termos utilizados no texto de Hydén (2018): “danificam”, “lesões cerebrais”, “distúrbios”, “lesões psicológicas”, “problemas de memória”, “falta de controle social” e “desaparecimento de *self*” remetem-nos à noção de uma doença triste, incapacitante e fadada ao desaparecimento da identidade do indivíduo. É fato notável que muito sabemos sobre a DA pela perspectiva médica e sobre o que as pessoas que convivem com pessoas acometidas dizem sobre ela, como, por exemplo, os trabalhos de Gimenes e Mira (2019) e Mira e Carnin (2017). Há no campo da Linguística Aplicada, ainda, poucos trabalhos que abordam o que as pessoas com DA têm a dizer. Foi essa ausência que nos instigou a realizar esta

¹ “Alzheimer’s disease and many other dementias have one thing in common: they progressively injure the brain in such a way that the brain eventually cannot function as a life-supporting and action-coordination organ. From a medical perspective, the injuries to the brain caused by disorder are often translated into more or less specific psychological injuries, like memories problems, lack of social control, or a disappearing self. Many of these psychological dysfunctions can often be established and assessed through the use of various kinds of neuropsychological tests.”

pesquisa em nível de mestrado, participando do Grupo de Pesquisa NIL – Narrativa, Interação e Linguagem, coordenado pelo Prof. Dr. Caio Mira e foi essa lacuna que nos levou a querer explorar mais esse ambiente linguístico-interacional.

Inicialmente, o Grupo de Pesquisa tinha como projeto vigente na época “O tópico discursivo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer”. Em seguida, passamos a trabalhar com os dados gerados com uma pessoa com DA, Joana, diagnosticada com um subtipo da patologia denominada Atrofia Cortical Posterior (doravante ACP), como um desdobramento do projeto inicial. A primeira dissertação de mestrado que utilizou tais dados foi intitulada “Como é que é que eu vou dizer...”: A coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com Atrofia Cortical Posterior (CUSTODIO, 2019). Esse trabalho teve como objetivo geral analisar a participação da pessoa acometida pela ACP em interações orais cotidianas, verificando a forma como o discurso se configura do ponto de vista textual-interativo. Dessa forma, observamos a relação intrínseca entre interação, linguagem e cognição e verificamos que o caráter colaborativo da linguagem se sobrepunha às dificuldades linguísticas ocasionadas pela doença, visto que a participante recorria a diversas estratégias sociocognitivas com o objetivo de manter-se ativa na interação, como as estratégias de referenciação.

Além disso, as narrativas produzidas pela participante revelavam fundamentalmente a coconstrução, unindo a materialidade textual-interativa que ocorria na performance narrativa com as diferentes formas de contar as histórias com o interlocutor. Por meio da atividade discursiva, verificamos que a participante coconstruía referentes com o interlocutor, evidenciando o trabalho sociocognitivo próprio da linguagem e negociando sentidos bem como ressignificando experiências.

Na ocasião da mencionada pesquisa de mestrado, tivemos a oportunidade de conhecer melhor como se configuravam as narrativas orais de uma pessoa com uma patologia neurodegenerativa e percebemos que, apesar de tratar-se de um quadro patológico amplamente conhecido por déficits, a participante demonstrava, ao narrar suas histórias durante as interações, posicionamentos que apontavam para uma coconstrução da sua identidade com os interlocutores. Esse fato foi bastante significativo e acabou se tornando a inspiração para a investigação mais aprofundada desse contexto: a tese de doutoramento.

Assim, na presente pesquisa, propomos estudar a construção de narrativas de pessoas com a DA, construídas interacionalmente em situações cotidianas, observando-as do ponto de vista linguístico-interacional. Como *corpus* de análise, utilizaremos os dados gerados junto à participante do estudo de mestrado, Joana, além de incluir os dados obtidos junto a duas novas participantes: Carmen e Rúbia. A seguir, faremos uma breve descrição das participantes apenas para contextualizar a tese. Os maiores detalhes serão descritos no capítulo sobre a metodologia.

Joana é uma professora universitária de língua inglesa que já viajou muito em sua vida, gosta de livros, cinema, teatro, passear, socializar com os amigos. Tem o diagnóstico de DA há cerca de sete anos e é ciente de seu diagnóstico.

Carmen é uma dona de casa de 85 anos, que tem o diagnóstico da doença há cerca de seis anos, mas não tem ciência dele. Carmen dedicou-se a cuidar da família desde criança; dessa forma, não foi para a escola e não se alfabetizou. Quando adulta, casou-se e se dedicou a cuidar do marido e dos filhos. Carmen gosta de conversar e olhar televisão. É muito receptiva em todas as entrevistas.

Rúbia foi entrevistada por outra pesquisadora do Grupo de Pesquisa. Nas interações observadas em meio audiovisual, é possível perceber como Rúbia presta atenção a tudo o que ocorre a sua volta e como se mantém ativa nas interações. Rúbia tem 77 anos e foi diagnosticada há cerca de cinco anos. Também não é ciente de seu diagnóstico. Na infância, Rúbia morava no interior, distante da escola e, por isso, não se escolarizou. Contudo, sua irmã mais velha a alfabetizou e a participante, por meio da leitura, aprendeu muito, fato que é motivo, para ela, de muito orgulho.

Esta tese avança em relação à pesquisa de mestrado, no sentido de reunir dados gerados com outras participantes e de assumir como objeto de investigação a ação de narrar e os elementos que constroem as performances discursivas das participantes. Além disso, visa investigar o que essas performances indicam em termos de construções identitárias, sustentando que, apesar das perdas ocasionadas pela doença, existe um *self* que é ressignificado na relação com o interlocutor.

O interesse nas narrativas orais está intimamente relacionado à necessidade de se compreender a patologia por uma outra perspectiva: a partir das narrativas das pessoas que vivem com DA. Afinal, nas palavras de Bastos (2005, p. 74):

As histórias estão nas mais diversas instâncias de nossas vidas e estudar essas histórias é uma forma de compreender a vida em sociedade. Nessa atividade de narrar não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca.

A autora traduz nosso objetivo de estudar as narrativas das pessoas com DA, a fim de conhecer as relações que essas pessoas mantêm com o mundo social e como se constituem nas relações com os outros. Ao analisarmos as narrativas que emergem nas interações, percebemos que é preciso desconstruir a ideia pré-concebida sobre a doença para dar espaços às potencialidades e à participação dessas pessoas de forma a assegurar as suas sociabilidades.

Diante disso, a presente tese apresenta como pergunta de pesquisa central: *como se constituem as performances narrativas de pessoas acometidas pela DA nas interações face a face e o que essas narrativas demonstram em termos de construção identitária?*

Para responder a essa questão de pesquisa, inserimos a tese no campo de estudo na Linguística Aplicada (doravante LA) e partimos do pressuposto de que o estudo das narrativas “envolve compreendê-las como um lugarTempo de entendimento da vida social por meio do estudo da linguagem como ação em uma prática social, ou seja, como uma prática discursiva” (MOITA LOPES, 2021, p. 15). Assim, determinamos os seguintes objetivos de pesquisa:

Objetivo principal: *investigar as performances narrativas de pessoas acometidas pela DA em situações de interação face a face, analisando o que esses empreendimentos demonstram em termos de construção identitária.*

Objetivos específicos: *ii) descrever como se estruturam as narrativas orais de pessoas com DA; ii) analisar como as pessoas acometidas pela DA manejam suas performances na interação; iii) identificar como as pessoas constroem suas identidades por meio da narrativa.*

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa, de caráter fundamentalmente interpretativo, voltada às narrativas como forma de entendimento da vida social, mais especificamente das pessoas com DA e utiliza as histórias narradas como dados para entendimento e análise do fenômeno estudado. Pautando-nos no princípio de que a linguagem é uma prática social na qual nos ressignificamos constantemente, compreendemos que a presente tese se encontra ancorada em uma abordagem socioconstrucionista da linguagem que toma “a interação, a conversa e o discurso como lugar de construção de quem somos” (MOITA LOPES,

2009, p. 40). A análise das histórias contadas nas interações é concebida como formas de os indivíduos agirem e se constituírem no mundo social o que torna sua relevância indiscutível.

No intuito de analisar as narrativas que emergem nas interações, recorreremos à concepção de narrativas conversacionais (OCHS; CAPP, 2001), por seu caráter de coconstrução e colaboração. Igualmente, utilizaremos os conceitos de performance em uma perspectiva interacional, conforme proposto por Goffman (2014), mas também narrativa, de acordo com o ensinado por Bauman (1986). Por fim, verificando recursos que apontam para as construções identitárias das participantes, mobilizamos as noções de indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003), *footing* (GOFFMAN, 1998) e pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998).

O estudo é realizado com fundamento na análise dos dados gerados em situações de entrevista aberta, mais especificamente, em interações face a face previamente agendadas nas residências das entrevistadas, privilegiando uma interação o mais naturalista possível. As convenções de transcrição que adotamos têm base no sistema de notação utilizado na transcrição dos dados dos estudos do projeto NURC - Norma Urbana Culta (MARCUSCHI, 1986) e adaptados por Mira (2019) e Mira e Custodio (2021a; 2021b; 2022). Nossa opção em não utilizar todas as notações presentes dos estudos do Projeto NURC e não realizar uma análise multimodal ou tão apurada das características da fala justifica-se pela perspectiva teórica que assumimos, dando ênfase às narrativas e aos aspectos discursivos, ou, em outras palavras, privilegiando o micro no sentido de encontros sociais como objeto de estudo (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021). Dessa forma, optamos por realizar as marcações apenas do que será analisado, facilitando a leitura e compreensão de estudiosos de outras áreas interessadas sobre o assunto.

O conhecimento sobre a DA e as perdas desencadeadas por ela tornaram-se socialmente muito difundidas devido ao número crescente de casos que vêm sendo diagnosticados. Segundo relatório de 2018 da Associação do Alzheimer, se, em 2015, o número mundial de pessoas acometidas pela DA era de 46 milhões, tal cálculo tende a aumentar para 131,5 milhões em 2050. (ALZHEIMER'S ASSOCIATION REPORT, 2018). Esse indicativo de incidência, além de ressaltar uma questão preocupante de saúde pública, chama a atenção para conhecer melhor o contexto em que as pessoas acometidas vivem, bem como as melhores formas de convívio com familiares, cuidadores e diferentes profissionais relacionados a ela.

A literatura médica trata sobre as causas, características e limitações que a doença causa e sobre um diagnóstico irreversível:

Na Doença de Alzheimer, neurônios em outras partes do cérebro são eventualmente danificados ou destruídos também, incluindo aqueles que permitem a uma pessoa realizar funções corporais básicas, como caminhar e engolir. As pessoas nos estágios finais da doença ficam presas à cama e requerem cuidados 24 horas por dia. A Doença de Alzheimer é fatal² (ALZHEIMER'S ASSOCIATION REPORT, 2018, p. 368, tradução nossa).

Diante desse cenário que a DA instaura, é inegável o impacto que acarreta não somente para as pessoas acometidas, mas também para a família e para o contexto social, o entorno. Segundo Mira (2019, p. 421), “o declínio desencadeado pela patologia não pode ser restrito ao que acontece individualmente no cérebro de alguém que vive coma DA”, e esse é um dos motivos pelos quais é relevante de ser abordada não somente pela área médica, mas por todas aquelas áreas capazes de contribuir para conhecimento desse contexto de alguma forma. Mais do que limitar estudos a apontar apenas as falhas ou os déficits que a DA acarreta, é necessário atentarmos também para as potencialidades, ou seja, para aquilo que as pessoas acometidas conseguem fazer em colaboração com o outro (MIRA; CUSTODIO, 2019; 2021a; 2021b; 2022). Nesse sentido, a Linguística Aplicada, nas palavras de Moita Lopes (2009, p. 37-38),

[...] é um campo de investigação das Ciências Sociais (veja-se, por exemplo, Sealey; Carter, 2004 e Moita Lopes, 2008) e opera, atualmente, com a compreensão de que é uma área de pesquisa que tem como objetivo criar inteligibilidade sobre os problemas sociais nos quais a linguagem tem um papel central (Moita Lopes, 2008; 2009a) e que, para tal, é fundamental entender como as práticas sociais contemporâneas se organizam.

Com base nessas premissas, a presente tese advoga que o estudo da linguagem deve estar refletido em situações práticas de uso, considerando os falantes como sujeitos sociais e a pesquisa como uma forma de contribuição à vida. O contexto específico que abordamos implica perdas de linguagem que incidem diretamente nas interações cotidianas e na participação da pessoa acometida nas relações sociais mais íntimas. Hydén (2018) afirma que na medida em que a DA avança, há mudanças de padrão em relação ao engajamento da pessoa acometida

² “In Alzheimer’s disease, neurons in other parts of the brain are eventually damaged or destroyed as well, including those that enable a person to carry out basic bodily functions such as walking and swallowing. People in the final stages of the disease are bed-bound and require around-the-clock care. Alzheimer’s disease is ultimately fatal.”

na atividade narrativa. Poderíamos ampliar essa ideia propondo que há mudanças quanto ao seu engajamento em qualquer forma de interação, mas é inegável a relação íntima estabelecida entre narrativas e identidades. As narrativas podem servir como uma forma interacional de negociar quem essas pessoas são juntamente ao interlocutor para coconstruir, nessa relação, a identidade e o *self* (HYDÉN, 2018).

Portanto, o presente trabalho justifica-se também quando salienta a necessidade de trazer à discussão a realidade vivida, os desafios que a DA ocasiona às pessoas que são acometidas por ela e aos familiares que convivem com essa patologia ainda incurável. Além disso, consideramos de suma relevância que se compreenda esse complexo ambiente linguístico, a fim de contribuir de forma direta para estudos posteriores e indireta para as pessoas que, de alguma forma, estão relacionadas a essa enfermidade. Tudo isso em benefício de uma melhor interação, convivência e inclusão social, tendo em vista as dificuldades que familiares enfrentam ao receber o diagnóstico da doença, suas implicações cotidianas e como esta afeta as relações familiares (MIRA; CARNIN, 2017). Nosso intuito não se resume a teorizar a respeito da coconstrução das narrativas interacionais de todas as pessoas que são acometidas pela DA, mas busca observar um pouco desse contexto linguístico ainda não focalizado pelos estudos da narrativa e tenta contribuir tanto para estudos da área quanto para os relacionados à interação com pessoas com DA.

De acordo com Moita Lopes (2001, p. 59), “o discurso é ação através da qual os participantes discursivos se constroem, constroem os outros e, portanto, constituem o mundo social”. Compartilhamos dessa premissa de que o mundo social se constitui na e pela linguagem e assumimos que, por meio das narrativas que contamos, nos constituímos na relação com o outro.

Assim, a oportunidade de desmistificar o estigma que cerca a patologia e falarmos sobre as potencialidades dos indivíduos bem como reconhecer como ressignificam seu *self* na e pela interação são aspectos de grande relevância nesta pesquisa. Analisar as narrativas orais de pessoas com DA é contribuir para a legitimação do seu lugar no mundo social e observar como se estabelecem frente aos posicionamentos assumidos nas narrativas que contam e que ainda não são exploradas.

A fim de alcançar os objetivos de pesquisa, a presente tese tem a seguinte organização, conforme é descrito abaixo.

Logo após esta introdução, o capítulo 2, de fundamentação teórica, apresenta a DA, características, sintomas e implicações no contexto mundial e particular das pessoas acometidas. Além disso, também discute o papel que a colaboração desempenha nas interações cotidianas com as pessoas acometidas e a sua relevância para a uma real participação social.

Após a contextualização sobre a patologia, o capítulo 3 apresenta estudos teóricos a respeito das narrativas, realizando uma contextualização histórica desde os estudos seminais de Labov e Waletzky (1967) até uma concepção de narrativa mais abrangente ao cenário cotidiano, assumida neste trabalho como uma coconstrução interacional, social e cultural entre os indivíduos.

Finalizando o referencial teórico da presente tese, na sequência, o capítulo 4 versa sobre os conceitos de performance que embasam a presente tese. Primeiramente, discutimos os conceitos de *self* e identidade dos quais compartilhamos e, posteriormente, discutimos as concepções de performance segundo Goffman (2014) e Bauman (1986), mostrando como se complementam em nossas análises.

Apresentando a nossa abordagem e o caminho metodológico percorrido, o capítulo 5 apresenta a discussão metodológica que ampara a presente pesquisa, versando sobre a abordagem metodológica qualitativa à qual fazemos adesão, o paradigma interpretativista, a concepção de pesquisa narrativa e de entrevista que assumimos, além da contextualização específica de nosso *corpus* de pesquisa, participantes, transcrição e categorias de análise.

Na sequência, o capítulo 6 diz respeito à análise dos dados que apresentam narrativas das participantes. O capítulo está dividido em três partes, sendo uma para cada participante. Dentro de cada uma das partes, há subseções que organizam a contextualização da narrativa, a narrativa em si mesma e a análise.

Finalizando a tese, o capítulo 7 apresenta as considerações finais, os resultados observados, atendendo aos objetivos traçados que nortearam o trabalho. O capítulo também apresenta reflexões que emergiram ao final deste trabalho e aponta possíveis contribuições para nosso campo de estudos e outras áreas que podem se valer desses resultados como um estímulo ou motivador para novos

estudos, almejando um entendimento mais amplo da doença e auxílio das pessoas acometidas pela DA.

2 O CONTEXTO DA PESQUISA: A DOENÇA DE ALZHEIMER

[...] eu não sou mais quem eu era, eu sou outra pessoa, tu entende? O meu eu, eu sei quem eu sou. Eu sou os meus sentimentos de infância e de adulta, são os mesmos cheiros, tu entende? Tudo eu sei que tem, mas, ann... tem coisas que não tem mais, tu entende? E essas coisas que não têm mais a gente tem que aceitar (Joana, participante da pesquisa).

O excerto acima mostra o desabafo de Joana que surge entre lágrimas, em uma das entrevistas, após uma narrativa sobre algumas cartas da família que ela encontra em suas coisas e que a fazem recordar do passado. Joana se emociona ao refletir sobre sentimentos que se acumulam, como a chegada dos seus 70 anos, e ao recordar pessoas que já se foram, as perdas que a doença está ocasionando bem como, conseqüentemente, a sua condição naquele momento. Para uma pessoa cuja vida foi marcada pela presença de livros, a atual impossibilidade de ler, desencadeada por problemas de visão relacionados à DA, representa uma ruptura com sua identidade.

As perdas deflagradas progressivamente pela Doença são o que a tornam reconhecidamente uma patologia cruel e irreversível, que muda a pessoa lentamente até não mais se reconhecer. Infelizmente, tal cenário é cada vez mais comum. Esse fato se deve em grande parte ao envelhecimento da população, observável mundialmente devido “à queda da mortalidade infantil (que contribui fortemente para o aumento da expectativa de vida ao nascer) e à queda da natalidade” (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 28).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE, o número de idosos no Brasil manteve a tendência de crescimento, aumentando 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca de 30,2 milhões no ano de 2017 (NÚMERO DE IDOSOS..., 2017). Considerando que, em 2012, o número de idosos era de 25,4 milhões, o aumento representou o crescimento de 18% do grupo etário neste período.

Diante do crescimento da população de idosos, há o aumento, também, da incidência de doenças relacionadas a essa faixa etária. De acordo com Gao *et al.* (2019, p. 1361, tradução nossa), “prevê-se que a prevalência de demência quase

quadruplicará nos próximos 40 anos, quando aproximadamente 1 em 45 americanos e 1 em 85 pessoas em todo o mundo serão afetados pela doença”³.

Estimativas demonstravam que 46,8 milhões de pessoas em todo o mundo tiveram algum tipo de demência⁴, em 2015, e que este número dobraria a cada 20 anos, chegando a 74,7 milhões, em 2030, e 131,5 milhões, em 2050 (ALZHEIMER'S DISEASE INTERNATIONAL, 2015, p. 1). A figura que segue ilustra essa estimativa de pessoas que viviam com algum tipo de neurodegenerência, por regiões do mundo, em 2015.

Figura 1 - Incidência de demências por região no mundo



Fonte: Alzheimer's Disease International (2015).

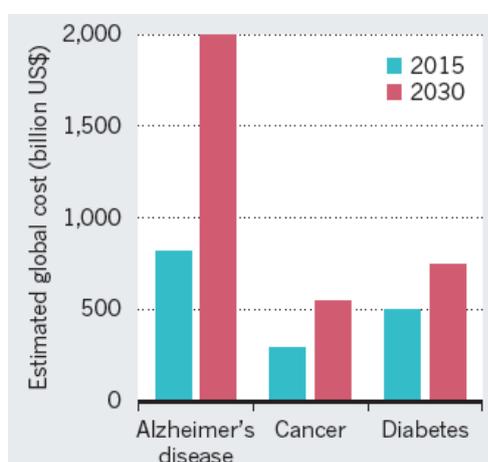
Dentre as demências que afetam os idosos, estudos mostram que a DA é a causa mais comum (BORGES *et al.*, 2022). Em proporções mundiais, a DA chama a atenção não somente pela incidência, mas também pelos custos dos cuidados demandados por quem é acometido pela patologia. Li *et al.* (2019) destacam que

³ “It is projected that the prevalence of dementia will nearly quadruple in the next 40 years, by which time approximately 1 in 45 Americans and 1 in 85 people worldwide will be affected by the disease.”

⁴ De acordo com Alzheimer's Association Report (2018, p. 368), demência é uma síndrome, ou seja, uma patologia que envolve um grupo de sintomas de várias causas. Os sintomas apresentados pela demência são dificuldades de memória, linguagem, resolução de problemas e outras habilidades cognitivas que afetam a capacidade da pessoa acometida de realizar tarefas cotidianas. Isso ocorre devido à destruição ou danificação de células nervosas na parte cerebral responsável pela função cognitiva. Usaremos o termo “demência” somente nesse capítulo, voltado às características da DA, em respeito à literatura médica consultada. Nos demais capítulos, substituiremos esses termos por sinônimos como doença neurodegenerativa ou neurodegenerência, por acreditarmos que o termo “demência” carrega consigo uma forte carga de estigma social.

doenças como as cardíacas, artrite e demência impõem a maior carga global na saúde. Os autores definem como “transição epidemiológica” o cenário atual em que as doenças transmissíveis, infecciosas e parasitárias dão espaço às doenças que atingem a velhice. De acordo com McDade e Bateman (2017), em 2015, o custo global em decorrência da DA alcançou os US\$ 818 bilhões, e a projeção é de que, até 2030, o número de pessoas com a patologia passe a 70 milhões no mundo todo. Os autores ainda apresentam um gráfico que demonstra o comparativo de custo entre a DA e outras doenças muito comuns.

Gráfico 1 - Estimativa de custo com a DA em relação a outras doenças



Fonte: McDade e Bateman (2017, p. 154).

Da mesma forma, a preocupação em termos de saúde pública no Brasil também acontece frente à significativa ocorrência de DA. De acordo com Feter *et al.* (2021, p. 2, tradução nossa), em 2016, o Brasil apresentou a segunda maior prevalência de demências no mundo, sendo que a DA abrangia 70% dos casos.

De 2007 a 2017, o número de mortes por demência no país aumentou em 55,5%, o que é mais do que as mortes por câncer de mama, próstata e fígado juntas. Alta prevalência e taxa de mortalidade levaram a um aumento da carga de DA no sistema hospitalar brasileiro. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil, o número de internações por DA e seu custo econômico total aumentaram 88% e 44%, respectivamente, de 2010 a 2019.⁵

⁵ “From 2007 to 2017, the number of deaths due to dementia in the country increased in 55.5%, which is more than breast, prostate, and liver cancer deaths combined³. High prevalence and mortality rate have led to an increased burden of AD in the Brazilian hospital system. According to the Brazilian Ministry of Health⁴, the number of hospitalizations due to AD and their total economic cost increased 88 and 44%, respectively, from 2010 to 2019.”

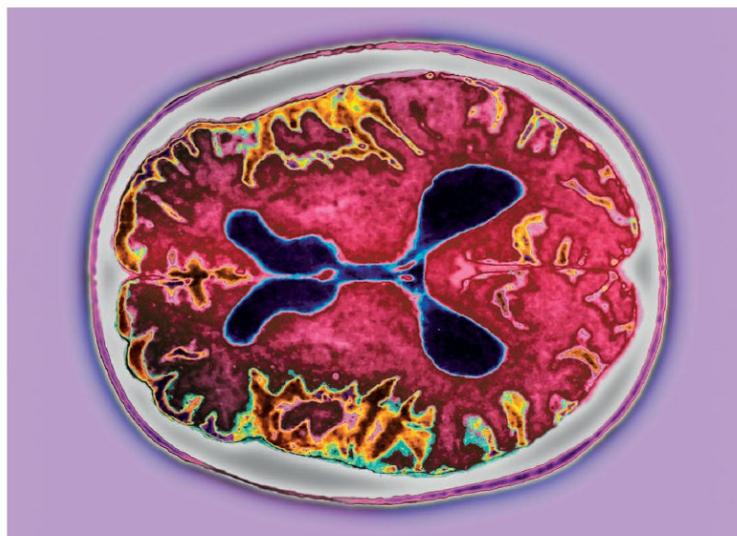
Além do número perturbador de incidências de DA, a questão das perdas é outro ponto de agravamento da patologia, não somente para o indivíduo diagnosticado, como também para o seu contexto familiar e social. Por ser uma doença cerebral degenerativa, na DA “neurônios ou outras partes do cérebro são eventualmente danificados também, incluindo aqueles que permitem que uma pessoa realize funções corporais básicas como andar e engolir”.⁶ (ALZHEIMER’S ASSOCIATION REPORT, 2018, p. 368, tradução nossa). No estágio final da doença, a pessoa acometida fica acamada e necessita de cuidados integrais, sendo, por fim, fatal. De acordo com Leite *et al.* (2020, p. 48) a fisiopatologia da DA se caracteriza pelo:

[...] excesso de depósito extracelular de peptídeo β -amilóide (β A) nas placas senis, muitos emaranhados neurofibrilares intracelulares contendo a proteína Tau hiperfosforilada (p-Tau), atrofia cerebral, principalmente na região hipocampal, perda neuronal e sináptica, ativação da glia e processo inflamatório.

A DA afeta principalmente a região do hipocampo, córtex temporal e pré-frontal (SERINO *et al.*, 2014), o que afeta primeiramente a memória episódica, a orientação espacial e a cognição. A figura a seguir demonstra a aparência de um cérebro obtida por meio de um exame de ressonância magnética que mostra, na cor laranja, os danos cerebrais causados pela DA.

⁶ “In Alzheimer’s disease, neurons in other parts of the brain are eventually damaged or destroyed as well, including those that enable a person to carry out basic bodily functions such as walking and swallowing.”

Figura 2 - Imagem de um cérebro danificado pela DA



Fonte: McDade e Bateman (2017, p. 155).

Como mencionado, em vista de um dano cerebral, a DA se manifesta principalmente pela deterioração da memória e das funções cognitivas, bem como pela desorientação espacial. Assim, os primeiros sintomas percebidos pelas pessoas que convivem com o indivíduo podem ser assim identificados: esquecimentos de conversas e acontecimentos recentes, utilização inadequada de objetos de uso cotidiano e problemas para finalizar uma ação iniciada, como desligar o fogão, por exemplo, perda de localização mesmo em lugares conhecidos, dentre outras ocorrências.

Segundo Alzheimer's Association Report (2018), os sintomas variam de pessoa para pessoa e de acordo com a idade e o estágio da doença. Na maioria dos casos, os estágios da DA apresentam as seguintes características:

Quadro 1 - Estágios da DA e sintomas

Estágio da doença	Sintomas comuns
Leve	As pessoas ainda conseguem desempenhar as tarefas de modo independente.
Moderado (o mais longo)	Surgem as dificuldades em realizar tarefas rotineiras, as pessoas ficam confusas sobre onde estão e começam a perambular, sofrer mudanças de personalidade e de comportamento, incluindo desconfiança e agitação.
Grave	As pessoas necessitam de ajuda incisiva em atividades básicas da vida diária como tomar banho, vestir-se e usar o banheiro. Eventualmente, sua capacidade de se comunicar verbalmente é limitada.

Fonte: Elaborado pela autora.

No que tange ao comprometimento linguístico, Morato (2016) destaca que os estudos neurocognitivos distinguem três fases específicas de desencadeamento da doença: a forma leve, na qual se observam dificuldades mnésicas, no processamento semântico e na manutenção das regras pragmáticas; a fase moderada, em que os problemas mnésicos se agravam, além de os problemas de linguagem tornarem-se mais evidentes e recorrentes; e a fase severa, na qual os problemas de memória e de linguagem comprometem profundamente a pessoa em sua convivência.

Todas essas características da DA tornam-na uma patologia que incide não somente sobre a saúde física do acometido, mas também sobre o convívio social e as formas de recepção e de cuidados da doença entre familiares e profissionais que atuam no campo da saúde, pois:

O declínio nela observado, pois, não pode ser reputado apenas ao que acontece na intimidade do cérebro do indivíduo com diagnóstico da Doença de Alzheimer, tem a ver também com os impactos da doença no entorno interpessoal, nas formas de recepção social da doença (algo que inclui as práticas diagnósticas e a interação do doente com seus próximos), bem como de seu enfrentamento no plano psicossocial, médico-terapêutico e familiar⁷ (MORATO, 2016, p. 584, tradução nossa).

⁷ “Even those who escape the disease will have at least one close friend or relative who can no longer converse with them, has no recollection of what happened minutes before and is reliant on round-the-clock care.”

Essa afirmação reflete os impactos que a DA ocasiona no entorno do indivíduo e nas suas relações sociais, e estabelece uma forma de conceber a doença como incapacitante e alienadora. Diante desse cenário, na seção que segue, discutiremos a importância da participação das pessoas com DA nas interações cotidianas e o papel que a colaboração exerce.

2.1 A Vida após o Diagnóstico: o Papel da Colaboração na Manutenção das Interações Sociais

A seção anterior demonstrou o impacto que o diagnóstico de DA causa tanto no indivíduo quanto no seu entorno, entre as pessoas com as quais convive. No que tange ao enfrentamento e à convivência com a DA, na maioria das vezes, o diagnóstico é como uma sentença final, com a qual as pessoas devem conformar-se. Swaffer, que foi diagnosticada com DA de início precoce, aos 49 anos de idade, declara sobre seu diagnóstico: “Disseram-me para 'desistir do trabalho, desistir dos estudos e ir para casa e viver o tempo que me resta'. Em 2009, denominei esse Descompromisso Prescrito e acabei optando por ignorá-lo”⁸ (SWAFFER, 2015, p. 3, tradução nossa).

A atitude de Swaffer e de sua família foi fundamental para que continuasse protagonista de sua própria vida, interagindo socialmente e mantendo sua identidade social pelo tempo que fosse possível, sem deixar de realizar tudo que ainda poderia, em vista do diagnóstico. Sabat (2019) chama a atenção de que, enquanto esforços estão concentrados na medicalização da doença, pouca atenção tem sido dada à orientação de formas como se pode melhorar a vida dos milhões de pessoas já diagnosticadas, em termos de interação.

O autor ainda discute que testes clínicos realizados não expressam fielmente o que as pessoas com DA conseguem realmente fazer na vida cotidiana, em interação com outras pessoas. Em suas palavras, Sabat (2019, p. 166, tradução nossa), nas interações, postula:

É possível observar como as pessoas diagnosticadas com demência são capazes de fazer sentido em situações sociais e como suas ações podem

⁸ “I was told ‘to give up work, give up study, and to go home and live for the time I had left’. By 2009, I had termed this Prescribed Dis-engagement, and I ultimately chose to ignore it.”

ser dirigidas por significado, ou semióticas. É esta capacidade que tem grande importância na vida de cada um de nós e que se pode observar intacta nas pessoas com diagnóstico de demência.⁹

O estigma da doença atua na despersonalização do indivíduo, pois o que ocorre frequentemente é dar atenção às dificuldades ou aos sintomas e não às potencialidades e habilidades que podem ser desenvolvidas e trabalhadas no convívio com a DA. Sabat, Napolitano e Fath (2004) afirmam que as pessoas com DA estão em uma situação de vulnerabilidade em relação a aspectos das suas personalidades e identidades sociais, visto que são construídas pela cooperação de outras pessoas. Dessa forma, os autores exemplificam que:

se uma pessoa com DA, que tem dificuldades em lembrar-se de palavras não conseguir rejeitar a maneira negativa como está sendo posicionada, ela será vista de forma negativa pelos outros e não será capaz de construir uma identidade social valorizada; ele ou ela estará limitado à identidade social do paciente disfuncional¹⁰ (SABAT; NAPOLITANO; FATH, 2004, p. 178, tradução nossa).

Algumas características que as pessoas apresentam, e que se demonstram diferentes do que é socialmente esperado, tornam-se estigmas. Isso é muito comum ocorrer com pessoas acometidas pela DA. Toda e qualquer dificuldade é atribuída à limitação causada pela doença, como esquecer-se de palavras, ficar irritado ou muito calado, sem considerarmos outros elementos que também podem causar tais comportamentos. Afinal de contas, todas as pessoas esquecem palavras, ficam por vezes retraídas ou irritadas. Conforme Goffman declara (2021, p. 14),

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana, possui um traço que pode impor-se à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.

⁹ “[...] it is possible to observe how people diagnosed with dementia are able to make meaning in social situations and how their actions can be meaning-driven, or semiotic. It is this ability that is of great importance in the lives of each of us and that can be observed to be intact in people diagnosed with dementia.”

¹⁰ “So, if a person with AD who has word-finding problems cannot reject the way he or she is being positioned negatively, that person will be seen in a negative light by others and will not be able to construct a valued social identity; he or she will be limited to the social identity of the dysfunctional patient.”

Não apenas a doença, mas o entorno social pode fazer com que a pessoa perca o valor da sua identidade pessoal. Para que essa perda não ocorra, a colaboração é um elemento chave a ser considerado quando se observarem as potencialidades que a pessoa com DA tem para participar das interações. Essa participação garante o seu direito social de reafirmar seu papel no mundo, valorizando sua identidade social e mantendo seu *self*.

Uma expectativa normativa de comunicação pode considerar que as pessoas com DA não conseguem manter a participação em interações por apresentarem problemas como perda de memória ou perdas em relação à linguagem. De acordo com Beard (2004, p. 418, tradução nossa),

embora as “realidades” daqueles que vivem com perda de memória sejam, às vezes, diferentes daquelas consideradas mais intactas cognitivamente, não podemos simplesmente tentar ajustar as pessoas com diagnóstico de DA a nossa realidade cognitiva.¹¹

Em outras palavras, é preciso expandir a compreensão de como as pessoas podem construir significados em colaboração com o outro durante a interação, utilizando-se de diferentes recursos linguísticos, não linguísticos e pragmáticos no intuito de contornar dificuldades. Hydén (2014) afirma que analisar um indivíduo com DA, participando de interações, engajado com outros indivíduos não acometidos, auxilia o entendimento sobre como o declínio das habilidades cognitivas e linguísticas é administrado em conjunto, deixando de ser um problema individual da pessoa com DA e passando a ser algo que é tratado colaborativamente nas interações cotidianas. Segundo o autor, “em uma perspectiva colaborativa, os indivíduos e seus comportamentos e atos são vistos como parte da atividade conjunta¹² (HYDÉN, 2018, p. 18, tradução nossa) e isso significa mudar o foco para a atividade em si mesma, em vez de centrar-se unicamente no indivíduo e no seu comportamento.

Em grande parte dos movimentos de colaboração durante as interações com pessoas com DA, o andamento é o elemento que estabelece o auxílio interacional de que a pessoa acometida pela doença necessita para prosseguir nas situações

¹¹ “Although the ‘realities’ of those living with memory loss will, at times, differ from those deemed more cognitively intact, we cannot simply attempt to adjust AD-diagnosed people to our cognitive reality.”

¹² “From a collaborative perspective, individuals and their behavior and acts are seen as a part of the joint activity.”

comunicativas do cotidiano. Andamento foi um termo cunhado pelo psicólogo Bruner e seus colegas, a fim de nomear a ação que um adulto exerce sobre uma criança como alguém mais experiente que pode auxiliá-la na resolução de um problema, alcançar um objetivo ou realizar uma tarefa (WOOD; BRUNER; ROSS, 1976).

Partindo desse conceito original, Hydén (2018) considera que, na interação, há pelo menos três tipos de andamento, ou seja, apoio interacional conjunto que dá suporte à construção de significados: (i) os enquadres das atividades, ou seja, o ambiente e pré-condições gerais que irão facilitar a participação da pessoa com DA; (ii) as ações ou contribuições que propiciarão a construção conjunta de significados e (iii) as atividades de reparo, que auxiliarão na produção e aceitação por quaisquer dos participantes. Diferentemente do modelo de andamento original, em que uma das partes era mais "qualificada" do que a outra, a ideia de andamento na interação distribui igualmente a responsabilidade de apoio interacional, caracterizando-a, portanto, como uma atividade conjunta.

Outro destaque que é necessário fazer é em relação à importância da atividade narrativa como uma forma de manutenção do *self* do indivíduo com DA, afirmação e valorização da sua identidade social por meio da ressignificação de experiências de fatos acontecidos no passado. No entanto, da mesma forma, se estabelecermos padrões rígidos de como uma narrativa deve se apresentar e se não associarmos a atividade narrativa a uma atividade de coconstrução, é muito provável que cometamos o equívoco de afirmar que as pessoas com DA não conseguem produzir narrativas.

Todavia, se alargarmos nossa concepção de narrativa, considerando-a como uma construção colaborativa, sem delimitar uma estrutura fixa e rígida, veremos que ela poderá ser produzida pelas pessoas acometidas pela DA. Hydén (2011) pontua que, para a pessoa com DA, contar história sozinha é uma tarefa difícil; ela encontrará muitas dificuldades, mas, ao contar uma história de forma colaborativa, certamente obterá mais sucesso. O autor ainda discute que

À medida que a capacidade da pessoa de se comunicar linguisticamente declina, ela pode recorrer a outros recursos semióticos usando seu corpo para representar fisicamente e realizar memórias de eventos passados,

bem como fazer uso dos recursos semióticos e cognitivos dos parceiros de conversação¹³ (HYDÉN, 2013, p. 361, tradução nossa).

Ao analisarmos as narrativas de pessoas com DA, é fundamental que aspectos performativos da narrativa e tudo o que envolve a construção de significados sejam levados em consideração. Isso também envolve o papel que a presença da colaboração exerce na interação e, conseqüentemente, para a construção das histórias.

Principalmente no contexto da DA, as narrativas desempenham um papel de suma importância, pois, quando elas surgem na cena interacional, inferem ao interlocutor quem é este eu que narra, como se representa e como se coconstrói no aqui e agora, na relação com o outro. De acordo com Hydén e Örvulv (2009), pelas narrativas, o indivíduo demonstra que tipo de pessoa ele é e a que contexto social, moral ou político ele quer se ver pertencente.

Nossos estudos anteriores (CUSTODIO, 2019; MIRA; CUSTODIO, 2021a; MIRA; CUSTODIO, 2021b; MIRA; CUSTODIO, 2022) demonstraram que Joana, nossa participante acometida por DA, participava ativamente das interações e coconstruía histórias colaborativamente com o interlocutor as quais ressignificavam suas experiências do passado. Em relação às dificuldades linguísticas com as quais a participante se deparava, ela utilizava estratégias referenciais e diferentes recursos semióticos que possibilitaram a construção conjunta de significados.

As histórias conectam o passado e o presente e possibilitam que a pessoa com DA assuma seu lugar social e se coconstrua interacionalmente, desmistificando estigmas e valorizando sua identidade social (SABAT; NAPOLITANO; FATH, 2004). Assim, espera-se que esta tese, a partir dos estudos da narrativa, contribua para outras formas de entendimento sobre as pessoas acometidas e possa desconstituir a ideia de incapacidade interacional, apatia e exclusão social que o próprio diagnóstico da doença causa de forma não intencional e, algumas vezes, precoce. Presumimos que, ao conhecer as histórias que serão contadas pelas participantes e considerando nossas análises, seja possível reconhecer como as pessoas acometidas pela DA se constituem na interação com outras pessoas e como se compreendem no mundo social, apesar das dificuldades mnésicas, linguísticas,

¹³ "That is, as the person's ability to communicate linguistically declines, he/she may resort to other semiotic resources using his/her body to physically enact and perform memories of past events, as well as making use of the conversational partners' semiotic and cognitive resources."

entre outras que podem vir a apresentar. Além disso, esperamos contribuir, em um contexto mais micro e cotidiano, para um maior entendimento sobre a Doença na direção de melhores formas de convívio e interação, difundindo a ideia de que o engajamento da pessoa com DA em qualquer interação cotidiana deve ser estimulada e que as histórias narradas em colaboração não são apenas distração, mas desempenham um papel fundamental.

Pelas situações de entrevista nas quais geramos os dados, almejamos demonstrar como as pessoas com DA são capazes de interagir em colaboração com a pessoa não acometida, e, mais do que isso, como as histórias narradas de forma coconstruída demonstram que essas pessoas têm um self que emerge, identidades que desejam manter e mediante as quais ressignificam sua vida.

No capítulo seguinte, abordaremos os estudos das narrativas e situaremos a nossa perspectiva teórica em relação à concepção de narrativa que fundamenta a presente pesquisa.

3 A AMPLITUDE DAS NARRATIVAS: DE RECAPITULAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS A COCONSTRUÇÃO DO EU SOCIAL

A narrativa, como a letra ou a dança, não deve ser considerada como uma invenção estética usada por artistas para controlar, manipular ou ordenar a experiência, mas como um ato mental primário transferido para a forma de vida da arte. [...] Pois sonhamos na narrativa, sonhamos acordados na narrativa, lembramos, antecipamos, esperamos, desesperamos, acreditamos, duvidamos, planejamos, revisamos, criticamos, construímos, focamos, aprendemos e amamos pela narrativa¹⁴ (HARDY, Barbara, 1968, p. 5, tradução nossa).

A ação de contar histórias é indissociável de qualquer contexto social imaginável no qual podemos estar inseridos. O que pode parecer uma ação corriqueira e sem importância, cada vez mais, é trazida para uma lente de análise das ciências sociais que buscam entender o papel que as pessoas ocupam e que relações estabelecem com os outros nos seus mais variados contextos. Passando de uma análise narrativa voltada à sua estrutura e entendendo-a como uma representação de fatos passados, estudiosos ampliam a concepção de narrativa como uma ação social. Isso ocorre, em grande parte, graças ao fato de que a narrativa pode construir ou ressignificar uma experiência de acordo com o contexto em que se encontra o narrador e com quem este interage.

As teorias do estudo das narrativas são abrangentes e, com o passar do tempo, foram se modificando, passando de uma concepção mais estrutural/formato de narrativas até uma concepção mais flexível, de acordo com os diferentes cenários em que as narrativas acontecem. Assim, nas seções subsequentes, primeiramente será apresentado um breve histórico da abordagem de narrativas orais, partindo do estudo pioneiro de Labov e Waletzky (1967), no campo de estudos da linguagem, especificamente a Sociolinguística Variacionista, até adentrarmos o estudo de narrativas segundo uma visão socioconstrucionista.

3.1 O Início: o Modo Laboviano de Análise

Na década de 60, a Sociolinguística lança olhar sobre as narrativas como objeto de estudo do mundo social com o trabalho pioneiro de Labov e Waletzky

¹⁴ "Narrative, like lyric or dance, is not to be regarded as an aesthetic invention used by artists to control, manipulate, or order experience, but as a primary act of mind transferred to art form life. [...] For we dream in narrative, daydream in narrative, remember, anticipate, hope, despair, believe, doubt, plan, revise, criticize, construct, gossip, learn, and love by narrative."

(1967). A pesquisa dos autores tornou-se um dos modelos mais influentes no estudo das narrativas e estabeleceu uma relação direta entre a recapitulação de episódios vividos e a ordem sequencial e sintática em que tais eventos narrados realmente aconteceram na vida do indivíduo. É possível afirmar que “não é de modo algum um exagero sugerir que uma das abordagens mais influentes da estrutura narrativa e, sem dúvida, a mais influente dentro da linguística, foi a proposta por Labov”¹⁵. (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 27, tradução nossa). Isso ocorre, essencialmente, por tal modelo distinguir a narrativa de qualquer outro tipo de relato, apontando para ela uma estrutura básica de composição e organização.

Embora o interesse inicial dos pesquisadores fosse o estudo da variação linguística do inglês em comunidades afroamericanas, os dados gerados por meio da pergunta “você já esteve em uma situação em que pensou que estava em grave perigo de ser morto?”¹⁶ (LABOV; WALETZKY, 1967, p. 5, tradução nossa), suscitou narrativas monológicas que possibilitaram o surgimento do modelo laboviano. Este caracteriza uma narrativa a partir da identificação de uma estrutura básica que a compõe.

Na pesquisa, foram entrevistadas pessoas cuja idade variava de 10 a 72 anos, falantes de comunidades negra e branca, de área rural e urbana, que não haviam concluído o Ensino Médio. Labov e Waletzky (1967) utilizaram dois contextos de geração de dados diferentes. No primeiro deles, as entrevistas foram gravadas e as interações face a face compreendiam a presença do entrevistador e do narrador, sendo que o primeiro não era integrante da comunidade linguística deste último. No segundo contexto, o narrador gravava a interação com a participação da comunidade linguística do entrevistado. Dessa forma, a fala do sujeito seria, em parte, a uma pessoa de fora do grupo (o entrevistador), que desempenhava o papel de impulsionador da narrativa e, em outra parte, aos seus pares (a comunidade linguística).

Tais recursos utilizados pelos pesquisadores (incluir membros de uma mesma comunidade e utilizar uma pergunta que impulsiona uma fala mais espontânea, motivada pela emoção da história narrada) têm o objetivo de contornar o que Labov (1972) denominou como o “paradoxo do observador”. Segundo o autor, os

¹⁵ “It is by no means an exaggeration to suggest that one of the most influential approaches to narrative structure, and arguably the most influential within linguistics, has been the one proposed by Labov.” (1972; initially Labov and Waletzky, 1967).

¹⁶ “Were you ever in a situation where you thought you were in serious danger of getting killed?”.

participantes, quando diante do pesquisador de outra etnia, sendo observados em uma interação gravada, teriam a tendência de apresentar uma fala mais “artificial”, isto é, monitorada pelo falante naquele dado momento.

A partir do registro das narrativas, Labov e Waletzky publicam, em 1967, o artigo intitulado *Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience*. O texto continha a definição de narrativa e apresentava a estrutura básica que a compõe. Nesse trabalho pioneiro, os autores definiram narrativa como “[...] um método de recapitulação da experiência passada, combinando uma sequência verbal de cláusulas com a sequência de eventos que realmente ocorreu”¹⁷ (LABOV; WALETZKY, 1967, p. 12, tradução nossa).

Podemos perceber que a definição inicial de narrativa está intimamente ligada à ideia de que os fatos narrados devem estar em consonância com a experiência vivida e relacionada a eventos passados e reais. As cláusulas sintáticas são utilizadas como elementos de análise desse sequenciamento temporal. Logo, há uma orientação de que a narrativa tem a função *referencial* e, além desta, a função *avaliativa*. Essas funções estabelecem que a narrativa deve retomar os eventos na mesma ordem temporal na qual realmente aconteceram, a fim de não alterar a compreensão dos fatos (referencial) e deve revelar a impressão do indivíduo frente aos eventos narrados, enfatizando sua percepção sobre a ação complicadora ou o seu desfecho, atribuindo a essa expressão uma análise baseada na emoção (avaliativa) (LABOV; WALETZKY, 1967).

Além disso, para os autores, a narrativa é regida pelo *ponto*, a finalidade a que se propõe, o motivo pelo qual o locutor conta a história e pela *reportabilidade*, ou seja, a história deve ser digna de ser contável, deve despertar o interesse no interlocutor.

No clássico de 1972, intitulado *Language In The Inner City: Studies In The Black English Vernacular*, Labov dedica o capítulo “*The Transformation of Experience in Narrative Syntax*” à definição dos aspectos das narrativas observados em sua pesquisa com Waletzky de 1967. O autor retoma o estudo apresentado e sustenta a definição de narrativa “[...] como um método de recapitular a experiência passada, combinando uma sequência verbal de cláusulas com eventos (os quais se

¹⁷ “We have defined narrative informally as one method of recapitulating past experience by matching a verbal sequence of clauses to the sequence of events that actually occurred.”

inferem) que realmente ocorreram”¹⁸ (LABOV, 1972, p. 359-360, tradução nossa). Como podemos observar, é mantido o enfoque de que as sentenças estão dispostas em ordem, de acordo com o acontecido na história, de modo que, alterando essa ordem, haja uma interferência na interpretação original. O enfoque temporal característico da narrativa continua prevalecendo.

Labov (1972) ainda destaca a estrutura que constituía a maior parte das narrativas, já apresentada no modelo anterior, porém, desta vez, delimitada em seis seções e reelabora o esquema apresentado no primeiro artigo, no qual a avaliação apareceria entre a ação complicadora e a coda. Nessa nova análise, o sociolinguista esboça um esquema no qual a avaliação pode ocorrer em qualquer parte da narrativa. Abaixo, apresentamos cada uma dessas partes:

- i. **Resumo (*Abstract*):** Constitui-se de breves orações que sumarizam o que será narrado;
- ii. **Orientação (*Orientation*):** Informa ao interlocutor o espaço, os personagens, o tempo, ou seja, situa o interlocutor provendo informações básicas sobre o cenário no qual a história ocorreu;
- iii. **Complicação (*Complication*):** Compõe a parte principal da narrativa sem a qual ela não existe. Trata-se de uma série de eventos acontecidos que levam a uma ação complicadora ou a própria ação em si mesma que desencadeia os fatos narrados;
- iv. **Avaliação (*Evaluation*):** Algumas vezes como uma parte da narrativa, outras vezes vinculada à resolução, a avaliação refere-se à importância dos fatos narrados, demonstra o impacto sobre o narrador, de forma direta, por meio de seus comentários, ou indireta, pelas ações narradas ou diálogos reportados. A avaliação é essencial à narrativa, pois constitui uma de suas funções, é a razão da narrativa;
- v. **Resolução (*Resolution*):** É o desfecho da história, como as ações narradas finalizam;
- vi. **Coda (*Coda*):** Caracteriza-se pelo desligamento da história, retorno ao presente, à conversa; algumas vezes, traz um posicionamento moral.

¹⁸ “We have defined narrative as one method of recapitulating past experience by matching a verbal sequence of clauses of events which (it is inferred) actually occurred.”

Em 1997, Labov refina sua teoria sobre a narrativa, considerando outras características não relacionadas anteriormente. A definição do autor estabelece que “uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante por uma sequência de sentenças que corresponde à ordem dos eventos originais” (LABOV, 1997, p. 393). Dessa forma, a relação entre a história narrada e experiência significativa vivida pelo sujeito distingue a narrativa de qualquer outro gênero. Além disso, Labov associa a *credibilidade* (*credibility*) à *reportabilidade* (*reportability*). O primeiro diz respeito ao fato de que a narrativa deve ter a importância devida que assegure um turno de fala mais longo ao narrador e cause no interlocutor o interesse para ouvir. No entanto, o segundo critério deve garantir a veracidade do que é narrado. Ou seja, é preciso encontrar o equilíbrio entre garantir a palavra, manter o interlocutor atento e não utilizar recursos exagerados que não garantam a veracidade do que é reportado.

A partir do modelo laboviano, novas perspectivas teórico-analíticas dos estudos da narrativa foram surgindo, o que desencadeou críticas ao modelo canônico. Muitas dessas posições reforçam a ideia de que a narrativa foi considerada uma produção discursiva essencialmente monológica, ambientada em uma situação planejada, com baixa interação entre os interlocutores. As críticas ao modelo laboviano evidenciam o desacordo a uma narrativa exclusivamente verídica, que retrata fielmente os fatos tais como aconteceram, dentro de uma estrutura engessada, conforme argumentam De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 35, tradução nossa):

De fato, a falta de sensibilidade no modelo de Labov para papéis de participação na narrativa tem sido vista como sintomática de uma marginalização mais geral do papel do contexto situacional (isto é, imediato) na formação da estrutura de uma história.¹⁹

As autoras acrescentam a essa crítica o fato de que, em seu estudo, Labov teria privilegiado uma narrativa considerada por elas como “destacável”, ou seja, ela não surge em meio a uma situação de comunicação, mas é solicitada pelo

¹⁹ “In fact, the lack of sensitivity in Labov's model to storytelling participation roles has been seen as symptomatic of a more general marginalization of the role of situational (i.e. immediate) context in shaping a story's structure.”

pesquisador. Assim, não tendo ligação ao contexto, é um texto autônomo, artificial, não espontâneo.

Outro ponto polêmico é relacionado ao fato de que não houve uma atenção, por parte de Labov, aos sujeitos que participam da interação e ao papel que desempenham ou para a interação por ela mesma. O foco foi unicamente dirigido à narrativa.

É sabido que toda teoria inicial é aperfeiçoada por estudos posteriores que surgem e acabam aprimorando os primeiros modelos em alguns aspectos. Os estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) têm o mérito de trazer à discussão o papel da narrativa nos estudos sociolinguísticos e abrir espaço para muitos outros que por estes foram influenciados. Ainda mais: devemos considerar que o objetivo primordial da pesquisa de Labov era estudar a variação vernácula de uma realidade linguística e, para esse propósito, o tipo de dados utilizados, o contexto de pesquisa, as entrevistas e narrativas sobre uma experiência de vida foram fundamentais para alcançar seu objetivo. Consequentemente, o foco não era o estudo da interação ou dos papéis desempenhados pelos interlocutores, mas sim a forma pela qual se comunicavam e que padrões essa comunicação refletia.

A partir de sua observação, Labov e Waletzky (1967) puderam delinear uma estrutura recorrente naquele tipo de narrativa (que não é exclusivamente a única possível). No entanto, o que pretendemos enfatizar é que este estudo inicial foi fundamental para a definição da narrativa oral como um objeto de investigação, estabelecendo os elementos a compõem, partes fundamentais, como pode se estruturar e o que ocasiona ao contexto no qual emerge. Os estudos de Labov e Waletzky (1967) abriram as fronteiras para outras pesquisas que irão abordar outras formas de estudar as narrativas as quais serão discutidas na próxima seção.

3.2 A Narrativa sob um Prisma Socioconstrucionista e Interacional

Conforme abordado na seção anterior, os estudos pioneiros de Labov e Waletzky (1967) marcaram canonicamente os estudos das narrativas no campo da sociolinguística. Posteriormente, o interesse pelas narrativas possibilitou o desenvolvimento de lentes de análise das histórias que emergem nas interações cotidianas, tendo em vista a ubiquidade deste dado fenômeno e a importância de sua emergência na cena interacional.

De acordo com Flannery (2015, p. 32), isso ocorre devido aos novos interesses que surgem na pesquisa linguística “1) à relação entre narrador e audiência; 2) à relação entre narrador e estória propriamente dita; 3) e aos recursos empregados para organizar a narrativa”. Assim, estudos posteriores passam a utilizar uma definição mais alargada de narrativa que abrange uma série de histórias que ficavam fora do escopo laboviano, além de flexibilizar a dada estrutura canônica de Labov e Waletzky (1967).

A chamada virada narrativa, fruto de um paradigma pós-construtivista de pesquisa que considera a complexidade dos fenômenos sociais, não é suficientemente explicada com métodos tradicionais de pesquisa; lança luz à narrativa como uma forma de compreender o fenômeno social de uma maneira mais humanística (BASTOS, 2005). Em outras palavras, estudar as histórias passa a ser uma forma de estudar a vida em sociedade. Segundo Bastos (2005), em vez de apenas considerar como as narrativas se apresentam em termos de estrutura, os pesquisadores passam a considerar o que as pessoas fazem ao contar uma história, ou qual é o sentido que as pessoas fazem de si mesmas, sua compreensão do mundo e de suas experiências.

A perspectiva socioconstrucionista de natureza interdisciplinar compreende que os sujeitos sociais constituem a linguagem ao mesmo tempo em que são constituídos por ela (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2020). De acordo com Moita Lopes (2009, p. 40), “essa abordagem é particularmente relevante por se basear na visão de que a linguagem é prática social”. Considerando essa visada, as identidades dos sujeitos não são fixas ou pré-determinadas, mas construções sociais e históricas que se constituem, se constroem e se reformulam nas práticas discursivas (MOITA LOPES, 2003). Nas palavras de Fabrício e Moita Lopes (2002, p. 16):

Do ponto de vista da construção das identidades sociais, o socioconstrucionismo aponta para nosso contínuo envolvimento no processo de autoconstrução e na construção dos outros, o que implica dizer que, nas práticas discursivas em que estamos situados, tornando o significado compreensível (ou não) para o outro, construímos a outridade ao mesmo tempo em que ela nos constrói.

Ao falarmos em autoconstrução e construção do outro, devemos lembrar que, obviamente, uma narrativa pode se apresentar essencialmente monológica, como no modelo canônico laboviano. No entanto, em inúmeras vezes, ela pode se apresentar coconstruída, ao passo que os participantes revezam o turno de fala e,

conjuntamente, um influencia aquilo que está sendo narrado enquanto o outro repensa estratégias de contar a história. Segundo Norrick (2007, p. 127, tradução nossa), “nossas narrativas conversacionais são encaixadas em contextos locais, e suas formas e funções se desenvolvem com base e refletem esses contextos”²⁰. Assim, a Análise da Conversa Etnometodológica considera a narrativa como uma produção discursiva que emerge na e pelas interações face a face cotidianas e estuda justamente o papel que elas exercem na interação e o papel interacional que os indivíduos assumem (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008). A crítica ao modelo laboviano focaliza-se essencialmente em duas características que são apontadas por Jefferson (1978): a primeira remete ao fato de que a narrativa está diretamente relacionada ao aqui e agora interacional (assim, narrativas são textos encaixados ao discurso e não destacáveis), isto é, *local occasioning*. A segunda crítica deriva do fato de as narrativas serem moldadas pelas ações anteriores dos participantes, ou seja, *sequential implicativeness*. Nesse sentido, é possível considerar que a narrativa está ligada ao contexto no qual emerge, ao discurso circundante e atrelada às ações posteriores dos interlocutores, a fim de cumprir o seu propósito na interação. Caso isso não ocorra, ou a audiência não a compreenda dessa forma, pode ser considerada como uma falha interacional que deve ser reparada (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012).

A respeito dos reparos que ocorrem ao emergir uma narrativa no curso da interação, Goffman (1998, p. 93-94, grifo do autor) ressalta que:

O status de ‘narrador’ e ‘ouvinte de história’, que poderiam parecer irrelevantes em termos de estrutura social como um todo, passam a ter então considerável importância na conversação, pois fornecem um *footing* para o qual uma grande escala de falantes e ouvintes podem brevemente alternar. [...] Durante a narração de um conto [...], o contador provavelmente quebrará o enquadre da narrativa em pontos estratégicos: para recapitular para ouvintes recém-chegados, para incentivar (na versão do discurso direto do *raconteur*) os ouvintes a esperarem o desfecho, ou fornecer caracterizações gratuitas de vários protagonistas da história; ou para fazer uma correção de algo já dito a fim de não comprometer os requisitos da narrativa, tais como detalhe contextual, sequência temporal adequada, construção dramática, e assim por diante.

O argumento de Goffman (1998) deixa explícito o quanto a narrativa envolve a participação dos interlocutores, considerando a alternância de papéis e as formas

²⁰ “Our conversational stories are embedded in their local contexts, their forms and functions developing form and reflecting these contexts.”

possíveis de aquela ser moldada durante a interação, de acordo com a audiência. Essa é outra característica fundamental apontada pelos estudos contemporâneos: a coconstrução. O narrador pode alternar papéis, em histórias já conhecidas dos participantes, passando a ouvinte ou a personagem e voltando a ser narrador, durante a interação. De igual modo, a participação da audiência é sempre presente, mesmo que não verbalizada, por meio de outros recursos semióticos como olhar, gestos, expressão facial, risadas, entre outros (GOODWIN, 2015).

Na perspectiva de Ochs e Capps (2001), as histórias têm a característica fundamental de serem emergentes e coconstruídas, o que leva as autoras a afirmarem que as narrativas são contadas com alguém e não por alguém. Segundo as autoras, “a ênfase está na atividade narrativa como um processo de criação de sentido, e não como um produto acabado no qual pontas soltas são unidas em uma única linha de história”²¹ (OCHS; CAPPS, 2001, p. 15, tradução nossa). Exatamente por colocar sob a lente de análise narrativas cotidianas que surgem em conversas abertas, sem muitas vezes um grau de formalidade, as autoras indicam uma estrutura que tais narrativas podem apresentar não de forma rígida, ou seja, a narrativa pode apresentar alguns desses itens e deixar de apresentar outros assim como podem surgir em ordens diferentes em cada ocasião: **descrição**, **cronologia**, **explicação** e **avaliação**. A descrição, por exemplo, normalmente abrange o cenário da história; a cronologia, o desenrolar dos eventos que podem seguir uma ordem cronológica ou mais complexa. A explicação, que argumenta por que motivo algo aconteceu em determinado momento e a avaliação, que revela pensamentos, crenças, emoções, enfim a moral do narrador.

Ainda mais podemos destacar: como as narrativas são abertas e mutáveis, podem apresentar outras ações conversacionais como perguntas, clarificações, desafios e especulações sobre o que poderia ter acontecido. Tratando as narrativas não como um produto, mas como um processo de coconstrução, Ochs e Capps (2001) optam por não delimitar uma estrutura fixa que as compõem, mas as analisam a partir de dimensões relevantes que possibilitam “analisar como diferentes interlocutores moldam a narração de uma narrativa e como os acontecimentos da

²¹ “Here the emphasis is on narrative activity as a sense-making process rather than as a finished product in which loose ends are knit together into a single storyline.”

vida se estruturam através da forma narrativa”²² (OCHS; CAPPS, 2001, p. 19, tradução nossa). As dimensões propostas pelas autoras são demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 1- Dimensões da Narrativa e Possibilidades

Dimensões	Possibilidades	
Narração	Um narrador ativo	→ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	→ Baixa
Encaixe	Isolada	→ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	→ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	→ Indeterminada, fluida

Fonte: Ochs e Capps (2001, p. 20).

As dimensões desenvolvidas pelas autoras explicitadas no quadro acima, abrangem uma gama de possibilidades que devem ser vistas como um *continuum*. Tais possibilidades permeiam as narrativas e consubstanciam um modo mediante o qual podemos analisá-las. A primeira dimensão narração (*tellership*) diz respeito ao envolvimento dos narradores durante a atividade, podendo ocorrer com tão somente um narrador principal ativo ou com múltiplos conarradores, que contam a história em colaboração, dependendo do grau de envolvimento com o que está sendo narrado.

No modelo de Ochs e Capps (2001), o envolvimento relativamente baixo ocorre quando há um narrador principal ativo e os demais participantes se colocam no papel de ouvintes; o envolvimento relativamente alto evidencia-se quando há mais de um narrador ativo, ou seja, embora haja um narrador principal, há a interferência de outros participantes que colaboram com a narrativa.

A segunda dimensão, historiabilidade (*tellability*), destaca a relevância da narrativa emergir em dado contexto interacional e o seu objetivo na interação. Quanto maior a historiabilidade da narrativa, maior a sua relevância, o espaço do turno conversacional do narrador e a atenção dos interlocutores julgando se a narrativa é envolvente, entediante ou importante de ser ouvida, por exemplo.

A terceira dimensão, o encaixe (*embeddedness*), demonstra o caráter emergente da narrativa, ou seja, o seu surgimento na fala em interação, atrelada ao contexto discursivo. As narrativas encaixadas normalmente são breves e têm um

²² “We use these dimensions and their fields of possibilities to analyze how different interlocutors shape the telling of a narrative and how life events are structured through narrative form.”

tópico relevante ao contexto, servindo como um exemplo, para argumentar, fazer uma comparação, entre outras possibilidades.

A quarta dimensão, linearidade (*linearity*), diz respeito à duração de tempo que envolve um fato narrado ou a sua sequência temporal. Uma narrativa de experiência pessoal pode abranger história envolvendo uma duração de tempo maior, como uma história autobiográfica ou histórias de enredo mais breve como um acontecimento, uma viagem, uma visita, por exemplo. Outra característica importante é que as narrativas também podem ter uma sequência linear progressiva, com relação temporal e causal e um final fechado, ou pode ter uma sequência não linear, e um final aberto, indeterminado.

A quinta e última dimensão, a postura moral (*moral stance*), reflete sobre os princípios morais que podem ser revelados nas histórias. As narrativas de experiências pessoais trazem consigo reflexões sobre acontecimentos cotidianos; assim, os narradores fazem avaliações dos personagens da história, considerando o que julgam como certo, moral, ético ou errado, imoral, de acordo com seus princípios, valores e crenças.

A proposta de Ochs e Capps (2001), que se alinha à perspectiva socioconstrucionista, abrange a análise de uma gama de narrativas que ocorrem cotidianamente nas interações e que se tornam uma fonte de estudo sobre como as pessoas coconstroem uma história e como ressignificam tais eventos os quais possivelmente deixariam de ser objeto de investigação em um modelo canônico como o de Labov e Waletzky (1967). Entendendo que as narrativas de pessoas acometidas pela DA, por exemplo, têm a tendência de não ter uma linearidade e não apresentarem uma estrutura fixa, o modelo proposto por Ochs e Capps (2001) possibilita a compreensão e análise dessa característica, sem desconsiderá-las, visto que as histórias são produzidas em uma situação conversacional como qualquer outra narrativa cotidiana.

Segundo as autoras, “compreender a narrativa, contudo, obriga a ir além desses exemplos para investigar narrativas menos polidas e menos coerentes que permeiam os encontros sociais comuns e são um marco na condição humana”²³ (OCHS; CAPPS, 2001, p. 57, tradução nossa). Isso inclui considerar as narrativas de

²³ “Understanding narrative, however, compels going beyond these examples to probe less polished, less coherent narratives that pervade ordinary social encounters and are a hallmark of human condition.”

peessoas com DA com intuito de perceber o quanto podem desempenhar um papel ativo na interação, ocupando o papel de narradoras (MIRA; CUSTODIO, 2020) e ocupando o seu papel de sujeito no cenário social.

Outra abordagem analítica com o objetivo de analisar narrativas e identidades é proposta por Georgakopoulou (2006), sob o termo guarda-chuva histórias curtas (*small stories*). O termo não apenas exerce oposição às histórias longas, monológicas, mas reconhece a heterogeneidade de histórias possíveis de serem analisadas, abrangendo:

Uma gama de atividades narrativas sub-representadas e “típicas”, como relatos de eventos em andamento, eventos futuros ou hipotéticos, eventos compartilhados (conhecidos), mas também alusões a relatos, adiamentos de relatos e recusas de relatos²⁴ (GEORGAKOPOULOU, 2006, p. 130).

A análise de pequenas histórias serviu tanto para estudos sociolinguísticos como também para pesquisas em outras áreas que identificaram esse tipo de narrativa como a possibilidade de se analisarem vozes negligenciadas, marginalizadas. Na sociolinguística, as narrativas que este termo guarda-chuva abrange tornaram-se objetos de estudos relacionados à visão anti-essencialista do *self*, da sociedade, da cultura e da performatividade das práticas de comunicação, para citar algumas abordagens. Nas palavras da autora, “a pesquisa de pequenas histórias serve como uma abordagem para descobrir a “bagunça”, a performatividade, a incompletude e a fragmentação das identidades das pessoas” (GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 264).

A proposta de análise das histórias curtas trazida por Georgakopoulou (2015) considera três níveis de análise que estão inter-relacionados: formas de narrar (*ways of telling*); espaços (*sites*) e narradores (*tellers*). As formas de narrar consideram as escolhas verbais utilizadas, os enredos das histórias, os eventos narrados e as ligações intertextuais com histórias prévias. Espaços dizem respeito aos espaços sociais nos quais as narrativas são geradas e analisam os fatores do contexto situacional. Para a autora, há uma relação dialética entre linguagem e espaço que molda as escolhas de linguagem e a interação, ambas realizadas pelo narrador. Por fim, a análise dos narradores considera participantes da atividade comunicativa

²⁴ “A gamut of under-represented and “a-typical” narrative activities, such as tellings of ongoing events, future or hypothetical events, shared (known) events, but also allusions to tellings, deferrals of tellings, and refusals to tell.”

como entidades complexas, com papéis específicos na interação, como personagens das histórias, como indivíduos com características e crenças próprias (GEORGAKOPOULOU, 2015).

Avançando nessa perspectiva de análise de histórias curtas que emergem interacionalmente nos mais variados contextos e considerando as respectivas características aqui descritas, pesquisas sobre o posicionamento também se interessam em observá-las pequenas como objeto de estudo, demonstrando como o eu se manifesta pelas narrativas orais como um personagem da narrativa e no aqui-e- agora interacional (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

Se tomarmos o contexto de pesquisa no qual estamos inseridos, fica claro que as pessoas com algum tipo de neurodegenerência, como focalizado neste trabalho, a DA, apresentam certas dificuldades ao narrar. Desse modo, se restringirmos nosso olhar apenas a narrativas essencialmente monológicas, como no caso do modelo laboviano, podemos cair no equívoco de asseverar que essas pessoas perderam a capacidade de contar uma história ou de demonstrar seu *self* durante a atividade de narrar. Dificuldades inerentes à doença como as relacionadas à memória e ao acesso lexical, por exemplo, fazem a tarefa de contar uma história de forma monológica complexa e, em alguns casos, inviável de ser realizada.

Contudo, se tomarmos uma concepção de narrativa pautada nos estudos socioconstrutivistas que aqui descrevemos, podemos verificar que as pessoas acometidas por essa patologia são capazes de narrar colaborativamente (CUSTODIO, 2019) e coconstruir seu *self* por meio de suas histórias (MIRA, CUSTODIO, 2022). A participação de pessoas não acometidas que conhecem os fatos e que possam auxiliar a lembrá-los, ou de pessoas com atitude colaborativa na construção de significados conjuntos, propiciam um ambiente favorável para que as narrativas possam emergir e para que as pessoas com DA possam efetivamente performá-las.

De acordo com Hydén (2018, p. 199, tradução nossa), ao analisarmos as histórias no caso das pessoas com DA, “pode-se esperar que contar histórias de novas maneiras resulte em novas maneiras de experimentar a si mesmo e os outros, em particular a relação entre eu, o outro e o mundo”²⁵.

²⁵ “Telling stories in new ways can be expected to result in new ways of experiencing self and others, in particular the relationship between self, other, and the world.”

Assim, por nos posicionarmos a favor de uma visão de narrativa socioconstrucionista, ou seja, considerando a narrativa como uma construção social e não mera representação de fatos passados (BASTOS, 2004) e pela natureza de nossos dados, elegemos a noção de narrativas conversacionais, de Ochs e Capps (2001) dado o seu caráter de coconstrução e emergência nas situações cotidianas como base para tecermos nossas análises e embasarmos nosso estudo.

Destacamos, contudo, que a concepção de *small stories* de Georgakopoulou (2015) também contribui para o nosso entendimento epistemológico sobre as narrativas de pessoas com DA, bem como alguns elementos dispostos na estrutura delineada por Labov e Waletzky (1967). Isso se deve ao fato de que as análises suscitam percepções nas narrativas investigadas, não de forma fixa ou em sua completude, mas que também podem auxiliar a atividade analítica.

Por fim, considerando que a narrativa é construída tendo por base os valores do indivíduo e tendo em vista o *self* que deseja “representar”, no próximo capítulo, trataremos mais especificamente a relação entre narrativa e performance no que diz respeito à atitude do narrador, segundo a concepção de performance de Goffman (2014) e de Bauman (1986).

4 NARRATIVA E PERFORMANCE: DUAS FACES DE UMA MESMA MOEDA

Cada performance [narrativa] terá um aspecto único e emergente, dependendo das circunstâncias distintas em jogo dentro dela.²⁶ (BAUMAN, 1986, p. 4, tradução nossa).

Nosso entendimento sobre o papel que desempenhamos no mundo, quem somos, como nos identificamos é o produto das relações estabelecidas entre os contextos histórico, social e cultural que influenciam as nossas construções identitárias. Assim, vemos a identidade não como uma condição fixa, mas como uma relação dinâmica estabelecida entre o *self* e a sociedade (OLIVEIRA, 2013), uma construção contínua e permanente ao longo da vida (HALL, 2006), sendo influenciada constantemente pelas interações que estabelecemos e pelo "entrecruzamento de realidades macro (os contextos social, histórico e cultural) e realidades de ordem micro (discurso)" (OLIVEIRA, 2013). Na visão de Giddens (2002, p. 37):

a reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo. [...] Nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo, mas também uma contribuição constitutiva dele.

Se a modernidade influencia o indivíduo para que este esteja constantemente em reflexão do eu, a linguagem, então, passa a ser investigada como "constitutiva da vida social", (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002, p. 13) na qual os indivíduos agem em práticas discursivas específicas que os constituem de forma situada. De acordo com Ochs (1993), os falantes mudam suas posturas e diversas vezes reconfiguram suas identidades e as daqueles com quem interagem, ou seja, as identidades evoluem no curso da interação social, mesmo brevemente.

A identidade, inúmeras vezes, é revelada pelas narrativas, uma vez que é uma construção/condição transitória, resultado de escolhas linguísticas e semióticas emergentes em que o indivíduo opera (BUCHOLTZ; HALL, 2005) na atividade discursiva, tendo em vista como quer apresentar seu *self* ao outro. Para Linde (1993), as histórias de vida servem como um modelo de análise linguística que expressa o senso de identidade: quem somos e como chegamos a ser quem somos

²⁶ "Every [narrative] performance will have a unique and emergent aspect, depending on the distinctive circumstances at play within it."

agora. Ochs e Capps (2001), ao investigarem as narrativas cotidianas, vivas, transitórias e essencialmente coconstruídas, também lançam olhar sobre aspectos pertinentes a como as histórias podem expressar quem somos.

Conforme as autoras, as narrativas conversacionais realizam uma função básica de explicar, ordenar e tomar posição sobre uma experiência e isso inclui apreender nossas vidas por meio delas. Ochs e Capps (2001) ainda ressaltam que as pessoas narram por inúmeros motivos e o objetivo, ou melhor, o propósito da narrativa não necessariamente está determinado até que a interação se finalize. Na verdade, “o conteúdo emergente e o significado das narrativas são resultado, em grande parte, das contribuições de outros interlocutores”²⁷ (OCHS; CAPPS, 2001, p. 60, tradução nossa). Dessa forma, o indivíduo trabalha operando escolhas linguísticas e pragmáticas que constroem uma performance identitária, de acordo com a noção de Goffman (2014) como também realiza a performance narrativa, conforme teoria de Bauman. Nas seções que seguem, passamos a apresentá-las.

4.1 Performance Segundo Goffman

Como nos projetamos interacional e discursivamente nas interações de que participamos? Essa questão é objeto de estudo de Erving Goffman, no livro *A representação do eu na vida cotidiana*, obra emblemática pela contribuição a diversas áreas de estudo que se voltam à questão da identidade e das relações sociais. Se o homem é um ser social, como afirma Aristóteles, as relações sociais são essenciais para a sua autocompreensão e a do outro. É no dinamismo das interações e por meio da linguagem que o indivíduo se constitui junto ao outro e se autorrepresenta.

Nas palavras de Goffman (2014, p. 18), “quando um indivíduo chega diante de outros, suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar”. Isso está relacionado à metáfora norteadora de toda sua reflexão na obra *a representação teatral*. O autor estabelece uma comparação entre a performance que assumimos nas interações como uma representação teatral, na qual os indivíduos assumem a posição de atores, desempenhando papéis e regulando as impressões que são formadas a seu respeito. Em suas palavras, “no palco o ator se apresenta

²⁷ “The emergent content and significance of narratives are an outcome in part of the contributions of other interlocutors.”

sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores” (GOFFMAN, 2014, p. 11).

Ao longo dessas representações, existe um indivíduo que se apresentará sob uma “luz favorável”, ou seja, “vendendo” uma projeção pessoal positiva sobre si mesmo e também um outro indivíduo que “compra” essa informação, negociando uma construção identitária colaborativamente. Segundo Goffman (2014), o indivíduo age de tal forma a passar a impressão que deseja ao outro indivíduo, de acordo com o plano que tenha traçado. “Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe em geral alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir.” (GOFFMAN, 2014, p. 16).

A performance do indivíduo é o elemento que conduz sua ação mediante a impressão que deseja causar no outro, construindo seu próprio *self*. Para o autor, o *self* é resultado da interação do indivíduo com o social, sendo modificado continuamente em contato com outras identidades, ou seja, ele é estabelecido pelas relações sociais das quais o indivíduo participa e em que atua. Em sua performance, o indivíduo pode utilizar diferentes recursos semióticos que o auxiliem na sua construção identitária, como gestos, movimento corporal, expressões faciais, entonação, riso, direcionamento do olhar, movimentação no espaço, pausas, silêncio, enfim, diferentes elementos podem ser utilizados na construção de um sentido sobre si mesmo. De acordo com Oliveira (2013, p. 61):

através de meios linguísticos, não-linguísticos e paralinguísticos, os interactantes exibem, reafirmam, questionam, mantêm, e modificam suas várias (e complexamente múltiplas) identidades sociais como desdobramentos da fala turno-a-turno.

A performance desempenhada, levando-se em consideração o contexto de ocorrência e os recursos semióticos não linguísticos empregados, também recupera sentidos que não são expressos literalmente, mas que indicam algo exterior, de ordem macrossocial, que contribui para a construção da imagem de si. Assim, podemos afirmar que a performance do indivíduo na interação, tem como princípio em sua natureza o caráter indexical, do qual trataremos mais especificamente no capítulo seguinte.

Em síntese, o que falamos e como falamos (a performance que desempenhamos) é moldado no curso da interação, de acordo com a impressão que queremos passar ao interlocutor e com as suas reações, tendo presente o objetivo

de apresentar-se sob uma “luz favorável”, ou com uma imagem positiva sobre si mesmo, influenciando, de alguma maneira, o interlocutor (GOFFMAN, 2014). Utilizando a metáfora de Goffman (2014), como em uma representação teatral, o indivíduo age conforme um ator, realizando um gerenciamento de impressões sobre seu *self*.

De acordo com os padrões da sociedade da qual fazemos parte e das crenças e valores que nos constituem, a performance do indivíduo toma forma no sentido de se apresentar para o outro e de construir a sua identidade. As projeções do *self* estão impregnadas de um caráter moral o qual se espera que o outro valorize de forma adequada. Assim, Goffman (2014) chama de “práticas defensivas” medidas tomadas pelo indivíduo com a intenção de proteger suas projeções e “práticas protetoras”, ou “diplomacia” as ações empregadas para salvaguardar a definição de situação ocasionada pelo interlocutor. Assim, a situação e a interação são compreendidas pelos participantes em razão dos “se/ves” que estão sendo construídos naquele momento. Esse aspecto, de certa forma, pode comprometer a representação do eu, em especial em uma situação de doença que pode desacreditar a boa impressão, conforme abordamos no segundo capítulo.

A identidade, de acordo com Hydén (2018), frequentemente é associada pelo indivíduo a uma categoria social, como pai, mãe, médico, professor, assim como a uma pessoa com problema de saúde. O contexto patológico atribuído à pessoa com DA que, apesar de não ser reconhecido fisicamente, em uma interação torna-se nítido frente às dificuldades de memória e linguagem que são percebidas pelas pessoas não acometidas. Tais problemas podem dificultar a participação da pessoa acometida em conversas cotidianas, ocorrendo seu descrédito e o estigma, ou seja, “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 2021, p. 7).

Segundo Goffman (2021, p. 12), “quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua identidade social” e transformamos nossas exigências em expectativas normativas. Ao quebrar tais expectativas, o indivíduo pode ser considerado inferior aos nossos padrões pré-estabelecidos, o que causa o estigma. O sociólogo ainda chama a atenção que “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (GOFFMAN, 2021, p. 13). Assim, comumente esse

indivíduo que é percebido como diferente dos padrões desejados, é afastado das interações cotidianas. Nas palavras de Hydén (2018, p. 13),

As doenças em geral tendem a desafiar o “eu” de uma pessoa. Para o indivíduo, as auto-representações muitas vezes tornam-se problemáticas porque a doença pode implicar um estigma, ou seja, um risco de ser percebido como uma pessoa “defeituosa” pelos outros. Isto é especialmente verdadeiro para a doença de Alzheimer, bem como para outras demências, pois essas doenças muitas vezes parecem implicar um desafio ao status de pessoa participante de atividades contínuas.

Muitas vezes, a nossa percepção baseada em expectativas sobre quem é esse outro, não condiz com a sua real identidade ou com suas habilidades, conforme já discutimos em relação à DA. Goffman (2021) denomina como “identidade social virtual” o caráter que imputamos ao indivíduo, considerando nossas próprias expectativas sobre ele ou sobre a categoria que julgamos a que pertence, diferindo-a de “identidade social real”, em outras palavras, a identidade que ele realmente prova possuir. Frequentemente, a identidade social virtual que imputamos a uma pessoa, após uma apresentação ou uma interação, apresenta-se diferente da identidade social real, fugindo do estereótipo que inicialmente criamos.

Argumentamos em favor de que é necessário considerar a pessoa antes do diagnóstico, possibilitando que participe das interações, que se autorrepresente para o outro, que se ressignifique na interação social. Segundo estudos realizados por Hydén (2018), a maioria das pessoas acometidas por uma doença neurodegenerativa passam de uma posição central nas atividades conjuntas que costumavam ter antes da doença, nas quais compartilhavam de igual responsabilidade interacional com os outros participantes, para uma posição periférica. No entanto, a participação nas diversas interações e situações sociais as quais possa integrar são extremamente relevantes para a manutenção do sentido sobre si mesmo e de uma construção identitária na presença do outro. A performance que desempenha na interação poderá, inclusive, revelar sua identidade social real, quebrando expectativas ou concepções pré-definidas a seu respeito e representará o seu verdadeiro papel social.

Associando a performance identitária à narrativa, apesar de as histórias contadas pelas pessoas com DA se apresentarem fragmentadas ou repetitivas como reflexo da condição neurológica, elas são a chave para que o indivíduo ressignifique suas experiências e o sentido sobre si mesmo, contribuindo para a manutenção do

self e construindo sua identidade real na relação com o outro, não de acordo com o que a doença lhe atribui. Pelas histórias, o indivíduo assume a posição de ator social e representa o seu papel para o outro, gerenciando as impressões de seu *self*, servindo a narrativa como uma ferramenta que lhe permite negociar quem é em situações específicas.

4.2 Performance Segundo Bauman

Richard Bauman (1986), apesar de adotar um objeto de estudo diferenciado para a analisar a performance, necessariamente não deixa de compactuar do fundamento de performance de Goffman. A grande diferença entre a abordagem de ambos talvez seja o fato de Bauman tratar especificamente da narrativa como performance. No livro História, Performance e Evento, o antropólogo, baseado em uma perspectiva etnográfica da performance oral, analisa textos literários orais de forma relacionada ao contexto em que ocorrem, “a fim de descobrir neles fatores individuais, sociais e culturais que lhe dão forma e significado na vida social”. (BAUMAN, 1986, p. 2).

Na concepção de Bauman (1986, p. 3), performance é

um modo de comunicação, uma maneira de falar, cuja essência reside na assunção de responsabilidade para com os interlocutores, demonstrada pela habilidade comunicativa, destacando a forma como a comunicação é realizada, para além do seu conteúdo referencial.

Dessa forma, tratando a narrativa como performance, Bauman apresenta uma relação direta que conjuga o evento narrado, ou seja, o acontecimento que está sendo narrado, ao evento narrativo. Em outras palavras, focaliza a ação narrativa por si mesma, havendo uma interdependência entre ambos. As narrativas, que tiveram berço na literatura, são vistas por outras áreas como um objeto de estudo que tem muito a explicar sobre a vida social. Enquanto os teóricos literários voltam-se à relação entre as narrativas e os eventos narrados, os antropólogos, nas palavras de Bauman (1986, p. 3), “tendem a olhar em outra direção, para a relação entre as narrativas e os eventos em que são realizadas”.

Assim como Goffman (2014) refletia sobre a performance do indivíduo na condição de um ator social que gerencia seu *self*, de acordo com a situação interacional e interlocutores, Bauman enfatiza que a performance é compreendida:

como toda atividade humana, é situada, sua forma, significado e funções estão enraizadas em cenas e eventos culturalmente definidos - segmentos delimitados do fluxo de comportamento e experiência que constituem contextos significativos para a ação, interpretação e avaliação.

Bauman (1986) ainda estabelece alguns fatores situacionais que devem ser levados em consideração ao estudarmos a performance narrativa:

- i. as identidades e os papéis dos participantes;
- ii. os meios expressivos empregados na performance;
- iii. as regras e estratégias básicas de interação social para a performance e critérios para a sua interpretação e avaliação;
- iv. a sequência de ações que compõem o cenário do evento.

O autor ainda salienta que, apesar de a descrição etnográfica da performance seguir a um padrão, cada performance tem sua individualidade, devido ao contexto único de ocorrência. Assim, “os eventos, nesses termos, não são moldes congelados e pré-determinados para a performance, mas são eles próprios precedentes e diretrizes para o leque de alternativas possíveis” (BAUMAN, 1986, p. 4).

Em um trabalho posterior, Bauman e Briggs (2006), aprofundando o estudo da performance narrativa voltada à vida social, argumentam que trabalhos como os de Gumperz, Bateson e Goffman, quando mudam o enfoque de contexto para contextualização, exerceram grande contribuição para a noção de performance. Segundo Bauman e Briggs consideram, os “contextos comunicativos não são ditados pelos cenários sociais e físicos, mas emergem de negociações entre os participantes nas interações sociais” (2006, p. 200). Para estudar um texto, é necessário prestar atenção aos detalhes que refletem a maneira como os participantes constroem o mundo ao redor.

Os autores também destacam que a contextualização:

envolve um processo ativo de negociação no qual participantes examinam reflexivamente o discurso em sua emergência, inserindo avaliações sobre sua estrutura e significado na própria fala. Atores (performers) estendem tais avaliações de modo a incluir previsões sobre como a competência comunicativa histórias pessoais e identidades sociais de seus interlocutores darão forma à recepção do que é dito. (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 201).

A noção de performance, seja ela pela perspectiva de Goffman (2014) ou de Bauman (1986), considera um desempenho do indivíduo que é construído de maneira complexa visto que envolve elementos linguísticos, pragmáticos, culturais, sociais e contextuais. Ao participar de uma situação interacional, envolvendo ou não uma narrativa, de qualquer forma o indivíduo realiza escolhas e, mesmo que imperceptivelmente, faz reflexões sobre como quer se apresentar, quem é o seu interlocutor, em que espaço ou situação estão, como o outro está recebendo essa informação, em quais crenças ou valores acredita e o que vai deixar transparecer, que recursos semióticos vão utilizar (gestos, expressões, riso), como enunciar o que deseja, que escolhas linguísticas vai realizar. Todo esse leque de escolhas que se abre, e que o indivíduo realiza na sua performance, está intimamente relacionado aos elementos de construção de sentidos que utilizamos localmente, em um contexto micro, mas reverberam discursos mais amplos de ordem macrossocial, conforme trataremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

Como bem traduz Oliveira (2013, p. 69) em sua metáfora:

Em um hibridismo que contempla as ideias de Goffman e de Bauman, se considerarmos que o principal efeito de contar histórias é realçar experiências, entenderemos que a noção de performance é central para estudos da narrativa porque performances dão shows que o narrador exhibe para seus interlocutores, e, como todo bom show, não há como passar despercebidas.

Apesar de estar voltada à arte verbal, a performance narrativa de Bauman compartilha da ideia de Goffman que o indivíduo opera suas escolhas e estas conduzem à elaboração de uma performance que atenda ao seu projeto, expectativas e projeções que deseja causar. Seja uma performance identitária, seja uma performance narrativa, ambas atuam no sentido de se coconstruir e ao outro na situação interacional bem como ao modo como isso é realizado. Nesse aspecto, cabe uma análise mais minuciosa de categorias como indexicalidade, enquadre e *footing* e pistas de contextualização que serão trabalhadas adiante.

O entrelaçamento entre o texto, o evento narrado e o evento narrativo que constituem a performance narrativa, conforme a proposta de Bauman (1986), se relaciona diretamente à presente pesquisa ancorada em uma concepção de narrativa coconstruída, com fins específicos relacionados à atividade interacional e carregada de significados construídos, influenciados pelo contexto. Além disso, a noção de identidade localmente situada (HALL, 2006) na qual nos fundamentamos,

também encontra relação com a teoria de Bauman (1986, p. 4), o qual entende que “a estrutura dos papéis sociais, relações e interações; o texto literário e seu significado; e a estrutura do próprio evento são todos emergentes na performance [...]”. Além disso, “os eventos são abstrações das narrativas” e as estruturas de significado da narrativa atuam no sentido de dar “coerência aos eventos em nossa compreensão” (BAUMAN, 1986, p. 5). Portanto, a narrativa é um instrumento que torna os eventos ocorridos compreensíveis, ao mesmo tempo que pode ser “um instrumento para obscurecer, cercar, confundir, explorar ou questionar o que aconteceu, isto é, para manter a coerência ou a compreensibilidade do narrado” (BAUMAN, 1986, p. 5).

Considerando que as narrativas são práticas sociais (BASTOS, 2004), dentre as inúmeras tarefas que podem realizar, uma delas é a construção do sentido de quem somos na relação com o outro. Entendemos que ambas as concepções de performance aqui descritas são fundamentais para a análise de como as participantes com a DA criam essas projeções de sentido para sua experiência humana (MOITA LOPES, 2002), como suas performances narrativas ratificam seus *se/ves*, como constroem suas identidades internacionalmente e como tais sentidos são construídos na atividade narrativa. No capítulo seguinte, abordaremos detalhadamente o caminho metodológico empreendido na presente tese.

5 O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social (BASTOS; BIAR, 2015, p. 98).

Esta tese insere-se no campo da Linguística Aplicada, pois se enquadra em uma abordagem qualitativa interpretativista, especificamente no arcabouço teórico-metodológico da pesquisa narrativa (BARKHUIZEN; BENSON; CHIK, 2014). Nessa perspectiva, o método de geração de dados é a entrevista aberta compreendida como um evento de fala (MISHLHER, 1986) entre pesquisador e participante (s).

Nas subseções abaixo, descreveremos os pressupostos epistemológicos que envolvem a pesquisa narrativa, a concepção de entrevista concebida nesta tese, e o nosso percurso metodológico, incluindo o *corpus* de pesquisa, as participantes, o contexto e a transcrição dos dados.

5.1 A Pesquisa Qualitativa na Linguística Aplicada

Pesquisar é um trabalho minucioso que vai além de buscar respostas para perguntas. É uma atividade pautada na tentativa de compreender a realidade de forma que se possa contribuir, com descobertas, para ela. No entanto, entender a realidade, muitas vezes, é uma tarefa complexa que exige mais do que questionários e quantificações de dados, sendo necessário um engajamento maior do pesquisador no contexto do pesquisado. Nesses casos, há a necessidade de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que é outra opção metodológica do presente estudo.

O termo “pesquisa qualitativa” abrange uma série de procedimentos de investigação complexos e em constante evolução (CROCKER, 2009). A pesquisa qualitativa originou-se no século XX, das Ciências Sociais, que questionavam o paradigma clássico científico de pesquisa, também chamado de positivista. No paradigma positivista, há somente uma realidade fixa, acordada, e a pesquisa deve concentrar-se em encontrar essa verdade universal, possível de ser replicada em qualquer outro contexto. Os pesquisadores mantêm uma atitude objetiva e acreditam que os dados obtidos na pesquisa podem ser mensurados, quantificados.

À medida em que as Ciências Sociais foram ganhando espaço e as indagações passaram a ficar mais complexas, o positivismo foi sendo questionado e o paradigma construtivista foi se firmando de modo a influenciar o desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Segundo Crocker (2009, p. 6, tradução nossa), “em contraste com os positivistas, os construtivistas acreditam que não há acordo sobre a realidade ou ‘verdade’ universal”²⁸, mas sustentam que o sentido é construído socialmente pelos indivíduos.

O paradigma construtivista apoia-se na ideia de que não há uma verdade aplicável a todo e qualquer contexto, e assume que o significado do objeto pesquisado muda de acordo com as pessoas analisadas, a época e o lugar em foco, dentre outras circunstâncias.

A pesquisa no campo da Linguística Aplicada (doravante LA) não se limita a identificar ou resolver problemas relacionados à linguagem, mas se estende a compreendê-los com o objetivo de contribuir socialmente para determinado contexto. A LA é um amplo campo interdisciplinar que conecta os saberes sobre a linguagem em uso (CROCKER, 2009). Moita Lopes (2009, p. 37-38) considera que a LA “é uma área de pesquisa que tem como objetivo criar inteligibilidade sobre os problemas sociais nos quais a linguagem tem um papel central”. Para isso, o estudo da linguagem deve estar refletido nas questões práticas do uso, considerando como as práticas sociais se organizam (MOITA LOPES, 2009). Os falantes devem ser concebidos como sujeitos, e a pesquisa, como contribuição à sociedade. É por esse viés que o nosso trabalho se afilia a esse campo.

É comum, na pesquisa qualitativa, que os pesquisadores utilizem vários métodos de geração de dados, a fim de tecer uma análise mais apurada em relação à complexidade dos dados e das diferentes abordagens de pesquisa, dependendo do seu objetivo. Uma abordagem que está associada à pesquisa qualitativa e que também ampara o presente estudo é a pesquisa narrativa. As informações sobre a abordagem e os métodos de pesquisa serão descritas a seguir.

²⁸ “In contrast to positivists, constructivists believe that there is no universally agreed upon reality or universal ‘truth’. Rather, ‘meaning is socially constructed by individuals in interaction with their world.’”

5.2 A Pesquisa Narrativa

Contar histórias, além de ser uma atividade humana universal (RIESSMAN, 1993), pode ser considerada como a principal forma pela qual nossas experiências se tornam significativas (POLKINGHORNE, 1988). A partir dessa premissa, cada vez mais os pesquisadores das diferentes áreas têm encontrado na pesquisa narrativa uma forma legítima de investigação.

De acordo com Barkhuizen, Benson e Chik (2014), a força desse tipo de pesquisa reside no fato de como as pessoas utilizam as histórias para dar sentido às suas próprias experiências em áreas de investigação nas quais compreender esses fenômenos pela perspectiva de quem os experiencia, é imprescindível. Na Psicologia e na Sociologia, a pesquisa narrativa configura-se como uma fonte profícua pela qual o pesquisador investiga os mundos internos dos indivíduos e os fenômenos sociais fundamentando-se nas histórias que as pessoas contam. A pesquisa narrativa responde bem à necessidade de se estudar sobre o eu, a individualidade e as identidades sociais.

Uma boa definição para essa abordagem é trazida por Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p. 3, tradução nossa) que afirmam que:

A investigação narrativa reúne narrativa e pesquisa usando histórias como dados de pesquisa ou narrativas como uma ferramenta para análise de dados ou apresentação de descobertas”. Assim, podemos dizer que a matéria-prima da pesquisa narrativa são as histórias, tanto contadas pelos participantes quanto pelo pesquisador.²⁹

De acordo com os autores, o foco da pesquisa narrativa está no conteúdo das narrativas geradas durante a pesquisa, mais do que na narrativa propriamente dita. Trata-se de uma gama de estudos mais preocupados em como os participantes contam do que o que eles contam e o que isso representa (BARKHUIZEN; BENSON; CHIK, 2014).

A Linguística Aplicada também se afilia a essa abordagem de pesquisa, tomando as narrativas como objeto de diversos estudos que encontram nela “um lugar privilegiado para a análise dos problemas de pesquisa ligados à construção

²⁹ “Narrative inquiry brings storytelling and research together either by using stories as research data or by using storytelling as a tool for data analysis or presentation of findings.”

identitária e interação social” (BASTOS; BIAR, 2015, p. 101). De acordo com Moita Lopes (2021, p. 12),

a investigação sobre o narrar passou a desempenhar um papel central como um lugarTempo de compreensão da vida social e dos efeitos discursivos que o ato de contar uma história provoca, notadamente em relação à construção/performatização das ‘identidades sociais’, subjetividades e da vida social em geral.

Cada vez que uma narrativa surge, esta desempenha uma ação específica naquele determinado contexto interacional, assim como, a cada vez que um indivíduo narra uma experiência de vida, ele performa uma construção de si mesmo que deseja confirmar ao outro. Voltando nossa atenção às pessoas acometidas pela DA, a presente pesquisa integra-se a essa concepção de pesquisa narrativa, almejando melhor compreender a implicação social que as narrativas desempenham nas interações nas especificidades deste contexto neurológico e social.

Apresentado o norteamento do caminho metodológico da tese, na próxima seção, retomaremos a pergunta e os objetivos de pesquisa para justificarmos método de geração de dados.

5.3 Os Objetivos de Pesquisa e o Método de Geração de Dados

Tomando o como objeto de estudo as narrativas orais de pessoas com a DA, a pergunta que motivou a presente pesquisa foi: Como ocorrem as performances narrativas de pessoas acometidas pela DA nas interações face a face e o que essas performances demonstram em termos de construção identitária?

Partindo desse questionamento, o objetivo geral que traçamos é *investigar as performances narrativas de pessoas acometidas pela DA em situações de interação face a face, analisando o que esses empreendimentos demonstram em termos de construção identitária*. Considerando uma análise mais detalhada, apresentam-se os seguintes objetivos específicos:

- i) descrever como se estruturam as narrativas orais de pessoas com DA;
- ii) analisar como as pessoas acometidas pela DA manejam suas performances na interação;

iii) identificar como as pessoas constroem suas identidades por meio da narrativa.

Consonante ao construto teórico que embasa o presente estudo e aos fundamentos teóricos de pesquisa, consideramos as histórias em uma perspectiva interacional, ou seja, coconstruídas em um trabalho conjunto pelos interlocutores e que emergem nas diversas situações conversacionais cotidianas.

Como o método fundamental de geração dos dados, utilizamos a entrevista compreendida como um evento de fala (MISHLER, 1986). De acordo com essa concepção, o discurso é construído conjuntamente entre participante e pesquisador durante a entrevista; os significados das perguntas e respostas são coconstruídos na atividade interacional. Mishler (1986) foi um dos pioneiros a investigar as narrativas que emergem nas entrevistas, entendidas em uma perspectiva interacional. Para o autor, “questionar e responder são formas de falar que se fundamentam e dependem de suposições culturalmente compartilhadas e muitas vezes tácitas sobre como expressar e entender crenças, experiências, sentimentos e intenções”³⁰ (MISHLER, 1986, p. 7, tradução nossa), ou seja, a entrevista deve levar em consideração o contexto social e a cultura dos participantes.

Devido a esse aspecto, torna-se fundamental que a pesquisa privilegie um maior espaço de fala ao participante. Assim, optamos pela entrevista não estruturada, ou entrevista aberta, que difere de uma concepção de entrevista estruturada, como um roteiro de perguntas e respostas a serem definidas pelo pesquisador, e que acaba por exercer um papel centralizador. A entrevista aberta possibilita uma construção colaborativa do discurso realizada entre pesquisador e participante, com foco principal no participante, favorecendo o seu empoderamento (MISHLER, 1986). Santos (2013, p. 25) explica:

É seguindo essa percepção da narrativa como uma performance situada que, na pesquisa interpretativista, há forte tendência em se trabalhar com entrevistas não estruturadas, ou seja, que não sigam um roteiro pré-elaborado, rígido, e que não sejam conduzidas pelo entrevistador de forma a levar o entrevistado a elaborar uma resposta que venha ao encontro de uma suposição teórica prévia. Além disso, a entrevista não estruturada favorece a emergência de narrativas.

³⁰ “Questioning and answering are ways of speaking that are grounded in and depend on culturally shared and often tacit assumptions about how to express and understand beliefs, experiences, feelings, and intentions.”

A fim de favorecer a emergência de narrativas, a entrevista não-estruturada implica uma postura do pesquisador como colaborador, evitando interrupções desnecessárias e deixando o participante à vontade para interagir, garantindo-lhe um maior número de turno de fala. Mishler (1986) salienta que a atitude do pesquisador de interesse pela palavra do participante é fundamental nessa perspectiva de entrevista como discurso conjuntamente construído. Isso significa que durante a entrevista, significados emergem e se desenvolvem e vão sendo moldados turno a turno pelos interlocutores. Essa concepção de entrevista vem ao encontro do enfoque que é dado à narrativa, no presente trabalho: uma narrativa que emerge da interação face a face, construída em colaboração com o interlocutor e pela qual os sentidos são colaborativamente delineados. A narrativa é constituída por processos identitários de quem conta, pois, ao escolher uma história, o participante opera escolhas como que história contar, por qual motivo e como contar. Isso se corrobora com o que salienta Bastos (2005, p. 81), pois, para esta, contar uma história “envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos”.

As entrevistas que integram a investigação desta tese eram previamente agendadas com um familiar ou cuidador das participantes e aconteciam nas suas residências, a fim de propiciar uma maior naturalidade da interação e maior conforto a elas. Um dos pesquisadores comparecia no dia e horário combinados (mensal ou quinzenalmente) com os materiais para a gravação das interações e anotações mais relevantes. Os encontros ocorriam em um contexto de conversas cotidianas, informal, sem definição prévia de tópicos abordados ou um roteiro de atividades pré-definidas.

Além das entrevistas abertas gravadas em áudio e em vídeo, utilizamos também mais dois métodos de geração de dados: a observação e entrevistas com familiares/cuidadores. A observação de interações cotidianas ocorreu por visitas dos pesquisadores na residência das pessoas com DA. A partir dessas observações, foi possível se familiarizar com as participantes, com as pessoas do seu núcleo familiar ou de cuidados, conhecer um pouco dos interesses e gostos dos participantes, verificar características das interações cotidianas e como ocorrem (se ocorrem) as definições de papéis identitários nessas interações. Durante as observações, foram realizadas as notas de campo.

As entrevistas com os familiares/cuidadores das participantes com DA ocorreram previamente às observações. Consistiam em entrevistas semiestruturadas com perguntas relativas à rotina de cuidados com a pessoa acometida, atividades desempenhadas cotidianamente, o impacto do diagnóstico de DA para a pessoa acometida e para a família, as características da linguagem, comunicação, progressão da doença e a condição física. Tais informações contribuíram para nosso entendimento mais global sobre a doença, o histórico da doença, o impacto na vida do participante e da família e para a análise dos dados.

Na seção que segue, passaremos a descrever mais especificamente fatores relacionados ao *corpus* da pesquisa.

5.4 Corpus da Pesquisa

Os dados utilizados na presente pesquisa foram gerados por pesquisadores integrantes do Grupo de Pesquisa Narrativa, Interação e Linguagem (NIL), coordenado pelo Prof. Dr. Caio Mira, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Inicialmente, os dados que foram gerados pelo pesquisador e coordenador do projeto, Prof. Dr. Caio Mira, eram interações entre familiares e cuidadores de pessoas com DA em um Grupo de Apoio coordenado por um médico neurologista. Com base nesses dados gerados, foi escrita a dissertação de mestrado com o título “Um probleminha de memória, um probleminha de cabeça, um probleminha de esquecimento: as estratégias referenciais em narrativas de um Grupo de Apoio” (GIMENES, 2019). À medida que a pesquisa com esses dados se desenvolvia, o Grupo de Pesquisa percebeu a necessidade de investigar também a produção linguística das pessoas acometidas pela DA, como uma forma de conhecer com maior profundidade esse contexto patológico, deslocando a lente de análise sobre o entorno da doença e investigando a realidade das pessoas acometidas pela patologia. Tal recorte tornou-se uma forma de contribuir para a compreensão desse contexto na perspectiva da interação e da linguagem. Dessa forma, partimos para a segunda fase da pesquisa, na qual foram gerados dados com Joana, uma pessoa acometida pela DA,

manifestada sob o subtipo raro denominado ACP³¹. Parte dos dados gerados com essa participante embasaram a pesquisa de minha dissertação de mestrado (CUSTODIO, 2019) e outros, inéditos, subsidiam a presente investigação.

Com a crescente curiosidade do Grupo de Pesquisa em relação às narrativas e também às pessoas com DA, houve um desdobramento do projeto de pesquisa inicial, desenvolvendo-se o projeto subsequente “Narrativas e identidades no contexto da Doença de Alzheimer: existência, posicionamento e histórias na perspectiva interacional e socioconstrutivista”, no qual foram gerados novos dados com outros participantes. Duas dessas participantes foram incluídas na nova etapa da pesquisa: Carmen e Rúbia. No caso de Rúbia, os dados foram gerados por outra integrante do grupo de pesquisa. O primeiro projeto teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos sob o protocolo nº 50341815.3.0000.5344. O segundo, ao qual está vinculada a presente tese, obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa mediante protocolo nº 53242221.5.0000.5344.

Abaixo, segue o quadro que apresenta as características dos dados gerados e utilizados na presente tese:

Quadro 2 – Características dos dados gerados

Participante	Período de geração de dados	Tempo dos dados	Pesquisador responsável pela geração
Joana	34 meses	26 horas	Professor orientador; Katuscia
Carmen	5 meses	14 horas	Katuscia
Rúbia	7 meses	8 horas	Outra pesquisadora do grupo de pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora.

As narrativas selecionadas para compor esta tese são, do ponto de vista interacional, histórias que apresentam maior desenvolvimento como evento e também grau de historiabilidade, o que pode ser verificado durante o período de

³¹ A Atrofia Cortical Posterior é um subtipo raro da DA que atinge, primeiramente, as áreas de associação visual e os lobos parietais. Assim, os primeiros sintomas manifestados estão relacionados a dificuldades nas funções visuoperceptivas, visuoespaciais e práxicas (CAPRILE *et al.*, 2009).

observação, geração de dados e transcrições. Outro aspecto relevante é que essas narrativas apresentam um maior grau de envolvimento da pessoa com DA como narrador ativo/participante ativo na interação. Além desses fatores, as narrativas revelaram aspectos levantados em nossa pergunta de pesquisa e emergiram após os primeiros encontros com as pesquisadoras. Atribuímos isso à familiaridade que se consubstanciou nos momentos em que as pessoas sentiram-se à vontade para falar mais sobre si mesmas. Por fim, podemos dizer que as narrativas selecionadas também apresentam, de forma substancial, os fenômenos linguísticos interacionais os quais são reveladores das construções identitárias dessas mulheres ao realizarem suas performances.

Após análise minuciosa dos dados gerados e transcrição, foram selecionados os dados que serão analisados no próximo capítulo. Para cada participante, foram selecionadas duas narrativas, de interações diferentes, com exceção da participante Rúbia, de quem será apresentado apenas um dado. A participante em questão foi a última a integrar o estudo, tendo recebido 4 visitas da pesquisadora. Nas duas primeiras visitas, foi realizada a observação e não se geraram dados gravados, pois a participante mostrou-se dispersa e indisposta a interagir. Nas duas outras visitas, foram gerados dados gravados, sendo utilizada, nesta tese, a narrativa presente em uma delas.

A seguir, descreveremos as participantes que integram o presente estudo.

5.5 Participantes da Pesquisa

O presente estudo da tese conta com três participantes mulheres. A primeira participante é identificada pelo nome fictício Joana”, que foi escolhido por ela própria. Joana participou da pesquisa por reunir os seguintes critérios: ter sido diagnosticada com DA, estar em um estágio inicial ou intermediário da patologia, residir em uma cidade próxima, na região metropolitana de Porto Alegre, e apresentar interesse e disponibilidade em participar da pesquisa.

A segunda participante da pesquisa foi escolhida tendo como critérios ter sido diagnosticada com DA, em estágio inicial ou intermediário, disponibilidade em participar da pesquisa, residir também em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, ter nível de escolaridade e profissão diferentes da primeira

participante. Seu nome fictício é Carmen, definido pela pesquisadora, conforme decisão da família.

Por fim, a terceira participante selecionada apresenta os mesmos critérios concernentes à anterior. Seu nome fictício é Rúbia, o qual foi definido por sua neta.

A identidade e o anonimato das participantes são preservados durante todo o processo de geração e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo). As famílias das participantes foram consultadas sobre a participação na pesquisa e foi explicado o objetivo e a contribuição que o presente estudo previa. As famílias estiveram presentes em todas as etapas de geração de dados. Os familiares tinham ciência do anonimato da identidade de todos os envolvidos, seja utilizando nomes fictícios, seja desfocando imagens nas gravações de vídeo e científicos foram de que haveria a possibilidade de desistir do estudo a qualquer tempo. As gravações, transcrições e primeiras análises foram mostradas às famílias para que pudessem efetuar o consentimento.

5.5.1 Joana

Era uma tarde muito agradável aquela em que visitei pela primeira vez a casa de Joana. Este seria o nosso primeiro encontro, após o coordenador do projeto intermediar a minha ida com a participante. Chamei no interfone e a cuidadora veio me atender. Conduziu-me até a casa, onde Joana me esperava sentada. Quando entrei na sala, ela prontamente veio me receber com um sorriso no rosto. Pude perceber o quanto ela estava animada para a nossa conversa e o como ela tinha histórias para me contar e, realmente, minha impressão estava correta, Joana estava preparada para me receber, com seus álbuns de fotografias consigo para que pudesse me mostrar e conversar sobre (Notas de campo).

Joana é uma mulher de 75 anos, natural do Rio Grande do Sul. Joana foi diagnosticada com DA manifestada sob uma variante atípica chamada ACP³² há cerca de sete anos e é ciente de sua condição. Ela recebe o auxílio de três cuidadoras para a execução de suas atividades diárias (uma no turno do dia, uma no

³² Cabe destacar que a DA apresenta dois tipos de variantes não amnésicas, sendo uma delas a ACP (Atrofia Cortical Posterior), uma neurodegenerência que surge em decorrência da DA, apresentando o mesmo quadro etiológico: o acúmulo do peptídeo β -amilóide nos vasos sanguíneos que impede as sinapses dos neurônios (SERINO *et al.*, 2014). Devido à localização inicial, na pessoa com ACP, os primeiros sintomas estão relacionados à linguagem e à perda de visão (CRUTCH *et al.*, 2013), enquanto alterações na memória episódica se tornam mais discretas do que na DA pura. (DE PAULA *et al.*, 2014). Dado este esclarecimento acerca da ACP, ressaltamos que no âmbito da presente pesquisa, trataremos a patologia como DA, tendo em vista que a distinção entre DA e sua variante não interferem na natureza de nosso estudo pois ambas ocasionam perdas relacionadas à linguagem e interação.

turno da noite e uma aos finais de semana) e o apoio dos familiares e amigos mais próximos.

Ela é uma professora aposentada, pós-graduada, participa de atividades culturais, gosta de cinema, música e literatura. Viajar é uma de suas atividades preferidas; já esteve em vários países, em alguns chegou a viver por certo tempo. Em sua rotina, procura diversificar suas atividades, realizando exercícios físicos, organizando seus livros (com o auxílio das cuidadoras), álbuns de músicas, fotografias, recordações de viagens e eventos culturais, como saídas para cinema, teatro e concertos musicais. Joana também costuma viajar para visitar familiares e amigos. Na maior parte do tempo, demonstra uma atitude ativa e participativa frente ao que lhe é proposto no dia a dia.

Joana é familiar de uma pessoa conhecida pelo pesquisador coordenador que, sabendo o teor da pesquisa, indicou-a a participar, principalmente considerando a personalidade de Joana de ser aberta ao diálogo, gostar de receber pessoas, interagir, conversar sobre os mais variados assuntos, o que lhe proporciona momentos de distração e alegria, visto que mora sozinha, com o acompanhamento das suas cuidadoras. Na fase inicial, o pesquisador coordenador realizava a geração de dados. Posteriormente, ele questionou se Joana aceitaria receber a visita de outra pesquisadora, com o que ela concordou prontamente. Desde o primeiro contato, ao telefone, para combinarmos a visita, bem como na visita inicial, Joana foi muito gentil e comunicativa, fazendo muitas perguntas para conhecer melhor a pesquisadora, conversando sobre os mais variados assuntos e mostrando sua casa e objetos com valor sentimental como seus álbuns de fotos.

Essa prontidão e abertura às conversas se manteve durante todas as entrevistas, e evidenciaram a satisfação dela com o participar desses momentos. Os encontros aconteciam em sua residência, quinzenal ou mensalmente, sendo previamente agendados com a sua cuidadora. A participante sempre esperava na sala de sua casa, onde era possível observar uma estante com inúmeros livros e CDs que, por diversas vezes, ela fazia questão de mostrar, além de *souvenirs* de algumas das viagens que realizou. Ela mesma criava uma rotina na visita, encaminhando a pesquisadora ao sofá para sentar e conversar e depois servindo um café, antes de finalizar, tratando sempre com muita atenção e gentileza sua interlocutora.

Nas primeiras interações realizadas com Joana, uma das cuidadoras da participante fazia parte do encontro. Era comum a participante esperar na sala de sua residência com algum material sobre o qual gostaria de conversar e a interação se desenvolvia a partir disso. Outras vezes, a entrevista acontecia motivada por assuntos de interesse, ou compartilhados, em interações anteriores, ou por situações vividas por Joana no intervalo entre as visitas. Os assuntos também giravam em torno da antiga rotina de trabalho de Joana como professora universitária de língua inglesa ou de memórias de viagens por ela realizadas. Os encontros duravam em média de uma hora e trinta minutos a duas horas.

Atualmente, Joana encontra-se em um estágio intermediário da doença e está ciente de sua condição patológica. Os sintomas apresentados são a perda acentuada de visão, mobilidade reduzida (devido à visão). Em relação à linguagem, a fala de Joana demonstra dificuldade de articulação fonológica no início de palavras, de acesso lexical, parafasias semânticas e lexicais e repetição de segmentos vocálicos.

A partir da observação dos dados, é possível afirmar que Joana demonstra ser uma pessoa otimista, bem-humorada e que se orgulha de sua profissão. Não são raras as histórias que conta sobre sua prática docente, assunto marcante nas entrevistas. Conserva, em sua residência, textos, cartões postais, cartas, discos e vários materiais que utilizava em suas aulas de inglês. Outro tópico sobre o qual gosta de conversar são suas viagens. Além do português, sua língua materna, Joana fala inglês essa é outra atividade que Joana sente muito prazer em desempenhar: falar outras línguas.

Durante as entrevistas, algumas vezes, queixa-se por não poder desempenhar tarefas habituais que costumava exercer antes da doença como ler o jornal, ver fotos ou poder sair sozinha e por estar dependente da ajuda de outras pessoas. No entanto, Joana procura manter-se o mais saudável possível, tanto física quanto mentalmente. Para isso, alia tratamentos médicos a exercícios físicos, recebe amigos para conversar, passeia e está aprendendo braile, em função do declínio de sua visão estar afetada pela doença.

5.5.2 Carmen

O primeiro dia em que fui à casa de Carmen para a observação, sua filha me esperava, mas ela não sabia da minha ida ou quem eu era. Quando cheguei fui apresentada a ela como amiga de sua filha, que tinha ido visitá-las. Carmen foi muito simpática e educada e não se importou muito com a minha presença, agindo naturalmente e dirigindo-se à família. Isso não mudou muito durante as entrevistas.

Todas as vezes que chego à casa de Carmen ela está me esperando pacientemente, sentada, com um sorriso no rosto. Seu jeito calmo é convidativo para a conversa. Apesar de saber um pouco sobre as características da doença, fico surpreendida como ela tem vivas e nítidas algumas memórias do passado e como confunde as pessoas com as quais convive todos os dias (Notas de campo).

A participante identificada como Carmen é uma mulher de 85 anos, natural do Rio Grande do Sul. Carmem tem quatro filhas, todas adultas. Foi casada por 53 anos e hoje é viúva. Segundo uma de suas filhas, os primeiros sintomas surgiram dois anos após a perda do marido. Primeiramente, Carmen foi diagnosticada com demência leve. Após um ano apresentando sintomas leves de demência, ela recebeu o diagnóstico de DA. Os sintomas evoluíram para o esquecimento de elementos de sua rotina diária e de relações de parentesco olhar disperso e agressividade. A família chegou a contar para Carmen sobre seu diagnóstico de DA, mas ela já estava com a doença um pouco avançada e apenas respondeu: “coisa triste a pessoa ter uma doença”. Depois disso, nunca mais tocou no assunto. Apenas durante as interações, algumas vezes fala com espanto “como a gente esquece as coisas”, sem estabelecer relação alguma com a patologia.

Em relação à linguagem, verifica-se uma redução do uso de orações complexas e preferência por orações mais simples, circunlóquios, repetições, pausas e dificuldade no acesso lexical. Carmen recebe o auxílio da filha mais jovem, com quem ela mora, para a execução de suas atividades diárias e de outra filha que não mora com ela. Além das filhas, a participante recebe o auxílio de uma cuidadora que vem todas as manhãs a sua casa, que presta assistência em sua higiene e alimentação. Carmen confunde-se com a relação de parentesco inclusive das pessoas que moram com ela, como a filha, por exemplo, a quem por vezes refere-se como cunhada.

Carmen foi convidada a participar da pesquisa pela pesquisadora que conhecia a sua filha mais nova, com quem ela mora, que participa de todas as

entrevistas, identificada sob o nome fictício de Ana. Ana faz parte do círculo de amizades da pesquisadora e, sabendo das pesquisas que estavam sendo realizadas com pessoas com DA, falou sobre sua mãe. Assim, Carmen passou a integrar os estudos, após a aprovação da família.

Carmen é analfabeta e sempre cuidou do lar. Ela foi a irmã mais velha de cinco irmãos. Sua mãe faleceu precocemente, com 33 anos, quando ela contava apenas 7 anos. Assim, teve que passar a tomar conta da casa e dos irmãos mais novos e abandonar a escola. Quando seu pai se casou novamente, sua madrasta não aceitou os enteados e cada um dos irmãos foi morar em uma casa diferente, com parentes. Mais tarde, quando Carmen se casou, cuidava da casa, dos filhos e ajudava na renda familiar vendendo roupas, costurando sapatos e roupas e fazendo doces. Antigamente, gostava de fazer crochê, passear e cozinhar. Gostava muito de reunir a família e organizar as ceias de Natal. Atualmente, a rotina de Carmen se resume a ficar em casa, caminhar pelo pátio e assistir à televisão. Carmen precisa do auxílio diário e constante das filhas para execução das tarefas de sua rotina diária como higiene e alimentação. Não pode sair de casa sem o acompanhamento de outra pessoa, pois chega a esquecer-se onde mora. A família procura integrar Carmen nos eventos como almoços em família, festas de aniversário e passear com ela, em passeios rápidos. Nos passeios, Carmen não identifica mais os lugares conhecidos e posteriormente, ao retornar, não lembra de onde foi. A família estimula a autoestima de Carmen levando-a todas as semanas para pintar as unhas ou ir ao cabeleireiro.

Previamente à etapa de geração de dados, foi realizado um período de observação e aproximação com a participante e com a família, em vista da sua condição mais complexa da patologia. Inicialmente, fiz breves visitas e, posteriormente, fiquei por um tempo mais prolongado realizando observação, a fim de constatar se a participante não se incomodaria com minha presença. Além disso, também realizei entrevistas com a família em três encontros.

As entrevistas são agendadas com a filha da participante e também acontecem quinzenal ou mensalmente em sua residência. Os assuntos das entrevistas são os mais diversos, desde eventos cotidianos da participante até memórias e histórias de vida.

Ao chegar à residência de Carmen, a pesquisadora era recebida pela filha da participante, cujo nome fictício é Ana, que, em seguida, chamava a mãe e se dirigia

à sala de estar. Ana sempre estava presente nas entrevistas e participava ativamente da interação, ajudando a lembrar fatos, introduzindo assuntos e proporcionando um ambiente mais familiar e natural possível. Algumas vezes, Ana pegava algum objeto ou fotos para estimular uma conversa.

A participante é calma e bem-humorada, gosta de participar das entrevistas, embora não demonstre muita iniciativa para iniciar o assunto e fale pouco. Demonstra uma atitude positiva durante as interações, participando da conversa de forma leve e descontraída, apontando o lado bom da vida, na maioria das vezes.

Em todas as vezes em que a pesquisadora chegava à casa de Carmen, era necessário apresentar-se novamente, pois ela não lembrava quem ela é. Após a breve apresentação, os equipamentos eram instalados para gravação e a entrevista era iniciada. A participante sempre demonstrou estar bem-humorada e procurou participar da interação. Normalmente, a entrevista acontecia no fim da tarde, horário em que Carmen toma seus medicamentos que devem ser ingeridos perto da refeição. Então, esta também é a hora em que a filha serve o café, um momento de descontração quando a entrevista acontecia.

5.5.3 Rúbia

A participante identificada como Rúbia tem 77 anos, natural do Rio Grande do Sul e divorciada. Rúbia tem quatro filhos, três dos quais homens e uma mulher. Segundo sua neta, o diagnóstico foi recebido há cerca de 5 anos e o primeiro sintoma apresentado foi o esquecimento.

Atualmente, a participante apresenta como dificuldades relacionadas à DA a perda de memória recente, que é facilmente observada nas interações, pois repete perguntas, informações já mencionadas e histórias. Também apresenta dificuldade em manter a atenção e na compreensão de alguns enunciados, especialmente quando são mencionadas pessoas externas à interação ou quando são realizadas perguntas diretas a ela. Em relação à linguagem Rúbia apresenta dificuldades com o acesso lexical e com a compreensão de frases mais longas, motivadas pela perda auditiva. A perda auditiva dificulta por diversas vezes sua participação nas interações, apesar de usar aparelho auditivo. Além do acompanhamento médico, ela não realiza outro atendimento e não faz nenhum tipo de exercício regularmente.

Para atender às suas necessidades, a família adaptou a residência onde mora com sua filha, construindo um quarto no térreo, próximo à cozinha e providenciou barras de apoio no banheiro. Durante a semana, Rúbia recebe o auxílio de uma cuidadora durante o dia, à noite e, aos finais de semana, os filhos revezam e cuidam dela na sua residência. Ela prefere a companhia e os cuidados dos filhos. A participante precisa de auxílio com a higiene, supervisionando e separando objetos e roupas e com a alimentação, preparando sua comida. Ela percebe os períodos do dia e a hora das refeições.

As entrevistas com Rúbia foram realizadas por outra pesquisadora, integrante do Grupo de Pesquisa NIL. Por intermédio de uma amiga da pesquisadora, neta de Rúbia, a pesquisadora conversou com a família sobre a pesquisa e obteve a anuência em participar do estudo. O nome fictício foi escolhido pela neta.

Rúbia nasceu no interior, casou-se jovem e veio a se divorciar, não se casando novamente. Foi dona de casa e não concluiu o ensino fundamental, fato que é mencionado por ela mesma durante as interações. Gosta de ler, manter-se informada, é religiosa e sempre assiste à missas pela televisão.

Na entrevista com a família, a neta contou que a avó sempre teve alguns esquecimentos, como deixar chaves em casa, porém muito específicos. Ela era muito comunicativa e independente, gostava de dar caminhadas, ia ao mercado quase diariamente, dirigia, limpava a casa e gostava de cozinhar doces e sobremesas. Frequentava grupos de oração, ia às missas e, por diversas vezes, participava ativamente, realizando a leitura bíblica.

Com Rúbia, os dados foram gerados logo no primeiro encontro, pois ela estava acostumada a receber visitas constantes de familiares e conhecidos. Apesar de não reconhecer as pessoas que a visitam, por conta da DA, isso não gera desconforto a ela.

Durante as entrevistas, a participante demonstrava-se receptiva, interessada e comunicativa em relação à interação com a pesquisadora. Um assunto recorrente nas interações é a carreira dos seus netos. Devido à dificuldade de audição, Rúbia pede várias vezes que os enunciados sejam repetidos.

5.6 Transcrição

A transcrição, segundo Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p. 26, tradução nossa) consiste no “processo de transformar a fala gravada em forma escrita”³³. Não há uma regra única a ser utilizada na transcrição: o pesquisador, considerando o objetivo de sua pesquisa, deve optar pelas regras que melhor traduzem seus dados. Cabe ressaltar que toda transcrição é uma representação gráfica das interações face a face.

Mishler (1986) também destaca que, para garantir credibilidade a uma entrevista, é necessária precisão no registro das perguntas e das respostas. Dessa forma, a transcrição exerce um papel fundamental, pois, por meio dela, os dados são validados e, por isso, existe a importância de uma transcrição cuidadosamente realizada.

Durante a transcrição, é necessário dar atenção tanto às características linguísticas quanto para outros recursos semióticos que surgem nas conversas. Trata-se de um trabalho complexo, demorado, que exige escuta cuidadosa e reavaliação, uso de regras explícitas de transcrição e um sistema de notação bem especificado.

Ainda, segundo Mishler (1986), o pesquisador deve ter sempre em mente que o discurso é o objeto de estudo pretendido, portanto, a transcrição deve ser seriamente considerada, aproximando-a o máximo possível da realidade e revisando-a por diversas vezes.

Na presente pesquisa, optamos pelo sistema de notação utilizado na transcrição dos dados nos estudos do projeto NURC (Norma Urbana Culta) e marcações propostas no trabalho de Marcuschi (1986) de Análise da Conversação de orientação textual-interativa (JUBRAN, 2006), adaptada por Mira (2019) e Mira e Custodio (2021a; 2021b; 2022) em seus trabalhos anteriores. Tal sistema de notação “é eminentemente ortográfico, seguindo a escrita-padrão, mas considerando a produção real” do falante (MARCUSCHI, 1986, p. 9).

Como as entrevistas são realizadas com pessoas acometidas pela DA, as transcrições preservam a produção real dos participantes, para uma melhor e mais precisa compreensão dos dados produzidos nesse contexto. Durante as transcrições, também são marcadas falas simultâneas, sobreposição de vozes,

³³ “Transcription is the process of turning recorded speech into written form.”

pausas sem medição do tempo, dúvidas e suposições do pesquisador sobre o que foi ouvido, truncamentos bruscos, ênfases, comentários do analista e silabações. Os sinais utilizados nas transcrições encontram-se nos anexos. Conforme ponderam Biar, Orton e Bastos (2021, p. 238), “a transcrição nos faz também lidar com o grande inconveniente de tornar, por vezes, os dados inteligíveis para os eventuais leitores de demais disciplinas, ou para um público externo aos círculos acadêmicos”. Considerando a natureza complexa de nossos dados, ocasionada pela patologia, além da perspectiva teórica amparada por uma pesquisa narrativa na qual nos situamos, optamos por não realizar uma transcrição multimodal, embora seja inegável sua ocorrência em nossos dados. Dessa forma, escolhemos citar alguns gestos ou outros recursos semióticos que exercem influência, de alguma forma, nas análises. Consideramos a transcrição como uma aproximação da oralidade que seja viável para que leitores de outras áreas e pessoas leigas, mas que, de alguma forma, têm relação com a DA, possam compreender o teor deste trabalho, possibilitando concretizar uma contribuição social efetiva e acessível.

A próxima e última seção que compõe o presente capítulo trará as definições do método empregado para a análise dos dados e as categorias anteriormente fundamentadas que servirão para um aprofundamento dos objetivos traçados.

5.7 Modelo e Categorias de Análise

No empreendimento analítico desta tese, adotamos o modelo de lâminas de observação proposto por Biar, Orton e Bastos (2021), que vem sendo utilizado para a análise das narrativas pelo Grupo de Pesquisa Narrativa e Interação Social (NAVIS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

O modelo apresenta a proposta de três lâminas analíticas que permitem observar a narrativa em níveis específicos “a partir da materialidade linguística e interacional dos dados, que entendemos serem índices que apontam para o contexto sociocultural mais amplo, espécie denexo entre as dimensões micro e macro” (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 240).

Resumidamente, as autoras propõem a seguinte organização: a primeira lâmina, na qual o pesquisador trabalha na identificação e descrição da estrutura da narrativa; a segunda lâmina, que analisa a ordem interacional, ou seja, como as narrativas foram construídas e, finalizando, a terceira lâmina, na qual são

identificados os discursos emergentes que extrapolam o contexto micro e apontam para questões de ordem macrossocial.

Segundo as autoras, as lâminas analíticas não podem ser assumidas como “etapas diferentes da análise”, tendo em vista que “frequentemente se sobrepõem - os mesmos excertos realizam ações em três níveis” (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 243).

Dada a natureza de nossos dados e o objetivo geral de *investigar as performances narrativas de pessoas acometidas pela DA em situações de interação face a face, analisando o que esses empreendimentos demonstram em termos de construção identitária*, organizamos as lâminas e análise, de acordo com os objetivos específicos delineados:

Quadro 3 - Laminações e categorias de análise

Lâmina	Enfoque	Objetivo específico	Categoria de análise
Primeira	Estrutura da narrativa	Descrever como se estruturam as narrativas orais de pessoas com DA;	Dimensões da narrativa (OCHS; CAPPS, 2001).
Segunda	Interação	Analisar como as pessoas acometidas pela DA manejam suas performances na interação;	Performance (BAUMAN, 1986); <i>Scaffolding</i> (HYDÉN, 2018).
Terceira	Embates discursivos	Identificar como as pessoas constroem suas identidades por meio da narrativa.	Indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003); Enquadre e <i>footing</i> (GOFFMAN, 1998); Pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998).

Fonte: Elaborado pela autora.

As categorias de análise utilizadas para a análise dos dados na presente tese apresentaram-se evidentes nos dados que foram observados. A partir da observação realizada *in loco*, nas anotações feitas e pela análise dos dados durante as transcrições, foi possível observar que as categorias que mobilizaremos

evidenciavam fenômenos linguísticos recorrentes reveladores de traços identitários das participantes e reafirmadores dos seus *selves* em performances narrativas durante as interações. Passaremos a apresentá-las brevemente:

Pelo fenômeno linguístico da *indexicalidade*, as participantes negociam significados com os interlocutores que evidenciam sentidos exteriores, ligados ao contexto e que apontam para suas construções identitárias ou para como querer se representar para o outro, como constroem seus *selves*.

O *enquadre* estabelecido pelos interlocutores durante as interações, direcionam a narrativa de forma que *footings* são assumidos pelas participantes e resultam em movimentos linguísticos que demonstram como esse eu deseja apresentar-se ao outro, como sua performance narrativa é construída, levando diretamente à indexicalidade, mencionada anteriormente.

Por fim, as *pistas de contextualização* além de indicar significados sinalizados pelos falantes, levando-se em consideração a situação interacional que está ocorrendo, ou o *enquadre*, direcionam nosso olhar perante a análise do fenômeno da indexicalidade, incluindo, além das pistas linguísticas, outros recursos semióticos como gestos, olhares, pausas, mudanças prosódicas, etc. os quais serão mobilizados em nossas análises.

Nas seções seguintes, apresentaremos com mais detalhamento cada uma dessas categorias e, por fim, explicaremos o método de análise que será utilizada.

5.7.1 Indexicalidade

A construção de uma narrativa e a sua intencionalidade discursiva vai além de um repertório de palavras combinadas a fim de dar sentido ao que se conta. O contexto é um dos fatores que desempenha um papel fundamental quando estamos nos comunicando em qualquer tipo de interação e, da mesma forma, quando desempenhamos a atividade narrativa. Quem é a pessoa que narra? Para quem narra? Onde? Quando? Sob quais circunstâncias? Sobre o quê? Que escolhas semióticas faz quando narra? Esses são apenas alguns aspectos que podem ser levados em consideração quando pensamos no contexto que envolve um evento comunicativo, ou no caso deste estudo, uma narrativa. Não há como separarmos linguagem e contexto pois “a maneira pela qual a linguagem se encaixa no contexto

é que cria significado”³⁴ (BLOMMAERT, 2005, p. 39-40, tradução nossa) ou seja, o uso que fazemos da linguagem é substancialmente influenciado pelo contexto no qual são negociados os significados pelos indivíduos (BLOMMAERT, 2005).

Entre os signos linguísticos que optamos por utilizar ao nos comunicarmos, como também por aqueles que não foram selecionados, mas cujo significado está implícito, o discurso é constituído e os interlocutores compartilham desse entendimento. Não somente signos linguísticos, mas signos não linguísticos também desempenham essa função. São estes: os gestos, as características físicas do falante, entre outros (AGHA, 2007). De acordo com esse pressuposto, o mesmo enunciado, realizado em duas situações diferentes, produz significados únicos, pois recebe a influência de contextos diferentes. Toda a relação entre contexto e significado nos direciona para a noção de indexicalidade, cujo conceito, segundo Collins (2011, p. 408, tradução nossa), está centrado na questão do contexto, visto que “sempre há mais naquilo que é compreendido daquilo que é literalmente escrito ou falado”³⁵. A indexicalidade é a capacidade que o signo linguístico possui de indicar significados que podem ser recuperados pelo contexto local e cultural, mas que não estão expressos literalmente.

Nas palavras de Blommaert, Westinen e Lappänen, (2015, p. 122, tradução nossa), “a indexicalidade é a dimensão do significado em que características textuais apontam (indexam) significados recuperáveis contextualmente”³⁶. A indexicalidade está diretamente vinculada à capacidade dos falantes de produzir significados baseados em aspectos do contexto, em seus conhecimentos mútuos e na metapragmática³⁷ situacional. Conforme explica Silverstein (1993, p. 36-37, tradução nossa), “sem uma função metapragmática simultaneamente em jogo com quaisquer funções pragmáticas que possam existir na interação discursiva, não há possibilidade de haver coerência interacional”³⁸. Assim, as interpretações realizadas

³⁴ “We can now accept without having to go into detailed discussion that the way in which language fits into context is what creates meaning, what makes it (mis)understandable to others.”

³⁵ “At its most basic the concept of index focuses on the question of context — how there is always more to what is meant or understood than what is literally said or written.”

³⁶ “Indexicality is the dimension of meaning in which textual features “point to” (index) contextually retrievable meanings.”

³⁷ Para Signorini (2017), a metapragmática envolve uma reflexão metalinguística e metacomunicativa, ou seja, o entrelaçamento de dimensões que refletem sobre o uso da língua e os significados em dado contexto.

³⁸ “Without a metapragmatic function simultaneously in play with whatever pragmatic function(s) there may be in discursive interaction, there is no possibility of interactional coherence, since there is no framework of structure [...]”

das pistas indexicais são atividades metapragmáticas manifestadas nas práticas discursivas.

Além do significado literal, denotacional, existe uma amplitude de significados que subjazem os enunciados que produzem efeitos sociais e que podem ser marcados por suposições generalizadas a respeito de inúmeros aspectos da vida social como raça, religião, nacionalidade, entre outros. Assim, a indexicalidade pode apontar para uma gama de relações inferíveis ou significados estereotipados que carregam diferentes cargas (AGHA, 2007), ou seja, nem sempre esses significados apontados dizem respeito somente a um espaço micro onde está situada a interação, mas se estende para um contexto social macro, onde não há como delimitar onde inicia um e onde encerra o outro.

Silverstein (2003, p. 193, tradução nossa) chama de ordem indexical o “conceito necessário para nos mostrar como relacionar o microssocial com os quadros macrossociais de análise de qualquer fenômeno sociolinguístico”³⁹. Segundo ele, os fatos indexicais apresentam padrões de semelhança e de estabilidade manifestados a partir de regras e padrões constituídos historicamente entre os indivíduos e que são percebidos graças a uma ancoragem indexical, ou seja, uma estabilidade que normatiza o discurso (AGHA, 2005; 2007; BLOMMAERT, 2010; PINHEIRO, 2014).

Abarcando a valoração e as relações de poder e autoridade que emergem nas práticas discursivas pela indexicalidade, Blommaert (2010) amplia o conceito de Silverstein (2003) e apresenta uma noção de ordem de indexicalidade inspirado na ordem do discurso de Foucault (2009), “que opera em um plano superior de estruturação social: uma ordem nos sistemas gerais de semiose significativa válida em grupos em dado momento”⁴⁰ (BLOMMAERT, 2010, p. 38, tradução nossa). Segundo o sociolinguista, as relações de indexicalidade podem remeter a categorias sociais que se entrelaçam a outras ordenações com relações de valoração que ditam um grupo como sendo melhor ou pior, em um nível mais alto ou mais baixo. A ordem de indexicalidade traz à tona relações de poder e de desigualdade presentes nas formas de semiose, diferindo grupos sociais.

³⁹ “[...] ‘indexical order’ is the concept necessary to showing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of analysis of any sociolinguistic phenomenon.”

⁴⁰ “This is where we meet another kind of order to indexicalities, one that operates on a higher plane of social structuring: an order in the general systems of meaningful semiosis valid in groups at any given time.”

Conforme pudemos observar, a indexicalidade “põe em relevo a conexão entre os aludidos níveis escalares que constituem uma interação discursiva” (PINHEIRO, 2014, p. 114), apontando significados implícitos no discurso que remetem a categorias sociais amplas de identificação e pertencimento do indivíduo com o mundo social. Nas narrativas que analisaremos, a noção de indexicalidade servirá para demonstrar como os sujeitos se veem e se apresentam nas relações com os interlocutores.

De acordo com Agha (2007, p. 38-39, tradução nossa), os elementos dêiticos, além de cumprir uma função denotacional de significar as coisas ao mundo e inclusive as pessoas na interação, também “ligam os conteúdos denotados aos cenários interacionais, apontando significados que são dependentes de variáveis do contexto como onde, quando e por quem o enunciado foi produzido”⁴¹. Os dêiticos utilizados ao inserir falas reportadas no evento narrativo, por exemplo, podem indicar como esse “eu” se apresenta para seu interlocutor construindo esse significado a partir de elementos do contexto que servem como álibi que confirmam o que está sendo coconstruído.

Em uma das interações com a participante Joana, ela relata uma conversa com sua médica:

Aí eu só disse pra **ela** que nesse momento **eu** não tava falando muito... então eu acha... eu assim...**eu** tav com um pouco receio de falar né... como nós tinha duas horas pra falar coisas nossas eu disse vamo... sei lá... **ela** disse assim tu não e **teu** inglês? Ah **eu** não tenho falado nada... com **ninguém...** **tu** não gostaria de falar? **Ela** disse **aqui agora aqui nós duas aqui?** Ué... vamo tentar porque **eu** não tenho falado as duas horas de trabalho foram em inglês.

Nesse trecho, o dêitico “eu” indexa a narradora Joana, exercendo o papel de paciente no evento narrado, mas também de protagonista e o dêitico “ela” indexa a médica, uma pessoa com a autoridade para analisar sua condição física e seu desempenho cognitivo. É importante observar que, além de indexar as personagens

⁴¹ “A deictic utterance reflexively points to variables of utterance context such as where, when and by whom an utterance is produced.”

da história, os dêiticos “ninguém”, “agora” e “aqui”, apontam para a situação não convencional de consulta médica, na qual paciente e médica conversam por um longo período de tempo em um outro idioma para que Joana possa praticá-lo.

5.7.2 Enquadre e *Footing*

O enquadre é determinante para que os interlocutores compreendam o evento comunicativo, interpretem-no e se engajem de acordo com o esperado. De acordo com o enquadre projetado, os indivíduos se situam de acordo com dois questionamentos básicos: *i.* o que está acontecendo aqui? e *ii.* onde se situa essa interação?

Enquadre foi um conceito desenvolvido por Goffman (1998) a fim de abordar a metamensagem contida nos enunciados, ou seja, elementos do contexto que direcionam a atenção dos interlocutores, a fim de definir uma situação e dar sentido a determinado evento comunicativo (PINHEIRO, 2014). Goffman define enquadre como “definições de uma situação construídas de acordo com os princípios de organização que governam os eventos - pelo menos os sociais - e nosso envolvimento subjetivo neles” (GOFFMAN, 1998, p. 10). Para o sociólogo, os enquadres possuem um caráter dinâmico, pois vão se transformando durante a interação, moldados pelas negociações e reconfigurações realizadas pelos indivíduos. Guimarães (2014) destaca que, a cada transformação ou redefinição de enquadre, ocorre a adição de uma laminação que “está associada à simultaneidade de diferentes dimensões contextuais (cf. seção 3.2) e configura-se como um fenômeno discursivo coconstruído na interação” (GUIMARÃES, 2014, p. 78).

A pequena narrativa sobre a consulta médica apresentada na seção anterior, na interação com o pesquisador, demonstra um enquadre estabelecido de consulta médica, tipicamente algo formal e rígido, no qual se posicionam papéis bem definidos de especialista e paciente em que há uma quebra de normas. Além disso, é estabelecida uma situação que tem algo de informal e no qual o papel de paciente ganha destaque quando apresentar seu *self* como alguém com uma habilidade que quebra expectativas, frente ao quadro em que se encontra. O alinhamento entre médica e paciente na narrativa indexa, na interação, o posicionamento que Joana quer assumir e a identidade que deseja coconstruir com o interlocutor. O *footing* assumido pela participante na interação revela alguém que não está limitada pela

doença, mas que mantém sua habilidade de professora/falante de inglês, o que pode inclusive ser constatado pela figura do especialista da área médica; é esse o alinhamento que constrói na interação.

A negociação de enquadres desencadeia a projeção de *footings* por parte dos indivíduos envolvidos na interação. *Footing* (GOFFMAN, 1998) é o termo utilizado pelo autor que surge como um desdobramento do conceito de enquadre. *Footing*, segundo Ribeiro e Garcez (1998, p. 70), “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção”. Os autores destacam ainda que os *footings* assumidos pelos interlocutores estão presentes “na maneira como gerenciam a produção ou a recepção de um enunciado” (RIBEIRO; GARCEZ, 1998, p. 70).

Os *footings* são negociados na interação (sustentados ou modificados) e apontam para a forma como os significados são produzidos localmente. Goffman (1998, p. 75) destaca que “uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução”. Essas mudanças de alinhamento dizem respeito tanto a papéis discursivos quanto a sociabilidades assumidas no discurso. No tocante a papéis discursivos, Goffman (1998) critica a fragilidade dos papéis tradicionais de falante e ouvinte, que dizem respeito somente ao som, excluindo o papel da visão, tão relevante na interação. Por essa razão, o autor mencionado propõe novos papéis discursivos que melhor definem a complexidade desses papéis.

Aprimorando a tradicional concepção de ouvinte, o sociólogo apresenta diferentes posições que um interlocutor que está momentaneamente participando da atividade discursiva pode assumir. A primeira delas é o termo participante “ratificado”, referindo-se à pessoa que está reconhecidamente dentro da atividade discursiva, o que não garante, de qualquer forma, que ela esteja ouvindo o que está sendo dito e, em seguida, o termo “não ratificado”, caracterizando aquele participante que, apesar de não estar engajado na atividade discursiva, está ouvindo o que está sendo dito. Esses participantes não ratificados ou eventuais são chamados pelo autor de “circunstantes”, ou seja, “podem acompanhar temporariamente a conversa ou captar fragmentos dela, isso tudo sem muito esforço ou intenção, tornando-se assim “ouvintes por acaso” (GOFFMAN, 1998, p. 77), ou,

fazendo isso de maneira intencional, com o real objetivo de se apropriar da informação, porém fora do foco visual dos participantes, sem sua ciência, sendo qualificados como “intrometidos”.

No caso do participante "ratificado", que também pode ser chamado de endereçado, seria a posição ocupada por “aquele a quem o falante remete sua atenção visual e para quem espera eventualmente passar o papel de falante” (GOFFMAN, 1998, p. 78). No entanto, na gama de possibilidades infindáveis de interações possíveis, há também aquelas compostas por um maior número de participantes, nas quais o falante vai dirigir suas atenções a todos de maneira geral, mas, em alguns momentos, vai se dirigir diretamente a um ou a alguns deles. Nesse caso, os demais poderiam ser chamados de ouvintes não-endereçados (GOFFMAN, 1998, p. 78).

No tocante à produção discursiva, Goffman (1998) substitui a figura do falante pela laminação de três outras figuras: o “animador”, o “autor” e o “responsável”. O “animador” é compatível, em termos de sistema comunicativo, com o interlocutor. Trata-se da “máquina de falar, um corpo envolvido numa atividade acústica ou, se quiserem, um indivíduo engajado no papel de produzir elocuições” (GOFFMAN, 1998, p. 87), ou seja, aquele que verbaliza os enunciados. Cabe ressaltar que o animador exerce um papel mais significativo na complexidade da atividade comunicativa do que simplesmente um falante (alguém que emite sons). O animador, além da verbalização, utiliza uma gama de gestos, olhares, expressões faciais, dentre outras pistas contextuais que coparticipam da construção do significado. No caso do autor, Goffman (1998, p. 87) destaca que existe alguém por trás das palavras que são ditas, “alguém que selecionou os sentimentos que estão sendo expressos e as palavras nas quais são codificados”. Por fim, o “responsável” é alguém que expressa suas crenças ou opiniões ou de seu grupo por meio dos enunciados pelos quais se compromete (GOFFMAN, 1988, p. 87).

Os *footings* assumidos pelo narrador, as escolhas linguísticas, o evento narrado e os significados que negocia com o interlocutor apontam para a coconstrução de sociabilidades na interação que podem ser verificadas pelo construto teórico das pistas de contextualização que passaremos a discutir a seguir.

5.7.3 Pistas de Contextualização

Qualquer fato linguístico, conforme argumenta Silverstein (2003, p. 194-195, tradução nossa), “é necessariamente um fato indexical, pela forma como os signos em uso apontam para contextos sociais de ocorrência”⁴². Quando os interlocutores constroem enquadres na atividade discursiva e, considerando tais enquadres, assumem posicionamentos e alinhamentos, ou seja, *footings* que levam a uma construção desse eu que se projeta na interação, em termos de sociabilidades, o construto teórico das pistas de contextualização proposta por Gumperz (1998) desempenha uma função singular que materializa linguisticamente papéis que vão sendo assumidos e indexicalidades que estão sendo mobilizadas.

Gumperz concentra-se nos elementos linguísticos contextuais que provocam sentido (ou mudanças de sentido) no discurso e nas construções de significado que são concretizadas em decorrência da negociação de conhecimentos pressupostos entre os participantes. Dessa forma, para o autor em foco, o contexto tem função fundamental na atividade linguística. Nas suas palavras,

A diversidade linguística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia a dia no sentido de que, numa conversação, os interlocutores - para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida - se baseiam em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar. (GUMPERZ, 1998, p. 99).

As pistas de contextualização sinalizam para pressuposições contextuais que são interpretadas graças ao conhecimento prévio dos interlocutores, à cultura e ao reconhecimento da atividade na qual estão situados. Gumperz (1998, p. 99) utiliza o termo atividade como:

A unidade básica de interação socialmente relevante” qualificando-a como “um processo dinâmico que se desenvolve e sofre alterações à medida em que os participantes interagem[...]constelações de traços presentes na estrutura de superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona a que a precede ou segue.

⁴² “By this time we can surely say that the work of contemporary linguistic anthropology has firmly established that any linguistic, a.k.a. sociolinguistic, fact is necessarily an indexical fact, that is, a way in which linguistic and penumbral signs-in-use point to contexts of occurrence structured for sign-users in one or another sort of way.”

As pistas de contextualização são, de acordo com Gumperz (1998) traços sinalizados pelos indivíduos e interpretados pelos interlocutores, de acordo com a atividade em que se encontram, como o que está sendo dito deve ser compreendido, com base no contexto. Dentre esses traços, estão incluídas pistas linguísticas, como, por exemplo, alternância de código ou de estilo, pistas paralinguísticas, como pausas, hesitações, como também prosódicas, por exemplo, entoação, acento, tom (RIBEIRO; GARCEZ, 1998). Além dessas, também podem ocorrer pistas não linguísticas como gestos, olhar, entre outros recursos semióticos.

Voltando-nos novamente à narrativa da consulta médica de Joana, podemos verificar como o fenômeno da indexicalidade é observável pela materialidade linguística das pistas de contextualização. Além do uso dos dêiticos, conforme mencionado anteriormente, podemos identificar como pistas de contextualização a alternância de estilo, criando uma performance narrativa que enfatiza sua potencialidade em oposição ao seu quadro patológico, o uso de falas reportadas e a mudança prosódica, utilizando ênfase em seu enunciado “as duas horas de trabalho foram em inglês”.

Considerando o método e as categorias de análise aqui elencados, na próxima seção passaremos à análise, propriamente dita, dos dados selecionados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados está organizada em três seções. Na primeira seção, analisaremos os dados de Joana, a primeira participante do estudo. Na segunda seção, serão analisados os dados de Carmen, a segunda participante a compor o estudo e, por fim, na terceira seção, analisaremos o dado de Rúbia, última participante a compor esta pesquisa.

Cada seção foi subdividida com o objetivo de organizar melhor a análise, apresentando a contextualização do dado, a narrativa e a análise de acordo o método empregado das lâminas de observação.

As narrativas serão apresentadas de forma completa, sem segmentação ou divisão em excerto com a finalidade de proporcionar uma melhor compreensão da interação, dos fatos linguísticos em jogo e da narrativa como um todo, evitando a fragmentação dos eventos narrados e possíveis perdas das ações dos atores envolvidos. Além disso, a apresentação da narrativa de forma completa vem ao encontro da análise que será realizada, sem separar categorias, mas mediante a observação das lâminas de análise de forma integrada, sem separação de categorias.

6.1 Performance Narrativa de Joana: a Trajetória Profissional de uma Professora

Joana já havia participado de encontros anteriores com outro pesquisador, mas essa seria a primeira visita desta pesquisadora, a quem ela ainda não conhecia. Visto que se tratava de um encontro inicial, a interação girou em torno da apresentação de ambas, iniciando a conversa falando sobre a profissão que têm em comum: a docência. Inicialmente, a pesquisadora se apresenta à Joana e conta um pouco sobre sua vida: onde mora, sua rotina profissional, onde trabalha, as funções que desempenha, seu trabalho acadêmico. Joana sente-se muito à vontade e logo também começa a contar como foi sua trajetória profissional, desde a primeira escola na qual deu aula, uma escola particular. Esta interação aconteceu em julho de 2018 e abrange cerca de uma hora e meia de gravação.

No momento da interação abaixo relatada, Joana continua a narrativa sobre sua profissão, dando ênfase ao narrar as várias situações positivas da sua trajetória

profissional, iniciando pela licença que lhe foi concedida. Dessa forma, Joana constrói uma performance narrativa na qual, interacionalmente, sua identidade frente à troca de experiências e de conhecimentos mútuos com a pesquisadora fica mais proeminente.

6.1.1 “Eu tive benesses maravilhosas”

250	Joana:	então eu trab/ trabalhei no ((escola privada))
251		por quinze anos
252	Pesquisadora:	aham
253	Joana:	depois e eu trabalhei quando eu terminei o::
254		estado aí eu eu podia a ã: ... eu tinha assim
255		naquela época eu j tinha quando eu terminei
256		assim a quando eu tava com quare:nta anos eu
257		podia terminar ã: o meu curso eu podia não
258		trabalhar mais entende? aí eu eu
259	Pesquisadora:	aposentadoria no caso
260	Joana:	isso isso aí
261	Pesquisadora:	[sim antes tinha era era com menos idade né
262	Joana:	[isso
263	Pesquisadora:	do que agora
264	Joana:	isso isso mesmo tá e aí ... aí a dona
265		Elisandra ã: a e no meu no momento da minha
266		vida eu tive uma ã:: uma oportunidade de:: ir
267		com o meu ex-marido ã:: ir pra ...Alemanha
268	Pesquisadora:	Uhum
269	Joana:	ele tinha um uma: uma: ((pausa longa))
270		incumbência de ir ã:: pe pela is pelo estado
271		do Rio Grande do Sul: assim né... aquelas
272		coisa assim de ... é tem os os ã ... como é
273		que eu vou dizer? vamos supor os a rádio:: e o
274		a vou te dar te dar um exemplo
275	Pesquisadora:	tá
276	Joana:	a ru a... a a: ((pausa longa)) a aquela a...

277 Pesquisadora: ele foi pra Alemanha a serviço?
278 Joana: não é tá mas pera um pouquinho
279 Pesquisadora: [ah:
280 Joana: mas eu queria te dizer que:: o o o e ã: esse:
281 a dona Elisandra
282 Pesquisadora: tá
283 Joana: ela:: ... conseguiu pra mim uma
284 licença ...para
285 ã:: para tra/ para acompanhar marido
286 Pesquisadora: a:: [sim::
287 Joana: [entendeu? ((risos))
288 Joana: entendeu?
289 Pesquisadora: [claro
290 Joana: [tinha isso ((risos)) por exemplo ali na
291 cozinha
292 Pesquisadora: aham
293 Joana: ah só pra tu ver
294 Joana: se tu vai na [cozinha] da minha casa
295 Pesquisadora: [aham]
296 Joana *ali é tudo em vermelho... tu tá enxergando
297 ali por ali [né?*(
(ergue o braço direito e o direciona para a
cozinha de sua casa))
298 Pesquisadora: [sim tô vendo
299 Joana: ...
300 aquilo foi... a:ssim pra mim quando eu
301 eu f/ eu fui / eu fui
302 fazer o curso com o jos/ com o meu ex-marido
303 né... ele tinha que fazer... ele era do do
304 zolé/zo/zo/ do zoológico
305 : ...
306 Pesquisadora a[h:
307 Joana: [do do: ... lá no: ... do::... da/
308 ali do

309 ...

310 Pesquisadora: ((nome da cidade?))

311 Joana: [((nome da cidade)) exatamente

312 Pesquisadora: [nome da cidade

313 Joana: [né]

314 isso então... e/ então/ a dona Elisandra

315 *deu nos pauzinhos [dela*

316 Pesquisadora: ((risos))
((balança a mão direita e sorri))

317 Joana: ela deu a possibilidade que eu fosse junto

318 com com ele ...passar o ano ...na Alemanha

319 ... [entende?

320 Pesquisadora: [bah que coisa b[oa

321 Joana: [né

322 ...

323 e aí e aí quando eu voltei a dona Elisandra
timba
((fala alongada, com os dois braços faz um
movimento suave como se fosse bater em uma
mesa com os punhos fechados))

324 Joana: Joana tu é muito boa tu vai ficar na ((escola
estadual))

325 ain:da entende que dizer

326 ...

327 então/ quer dizer então eu tive... benesses

328 maravilhosas

329 Pesquisadora: sim::

330 Joana: mas eu era estudio:sa eu: ... era ...

331 cumprito:sa ... quando/ eu me lembro assim
quando eu

332 fui ...fui pro: pro Estado lá pra: me

333 me dizer que eu tinh/... podia ã/ m/ me
aposentar

334 ela olhou assim *a senhora não tem nenhuma::

335 [(SI)

336 Pesquisadora: [falta?*

((expressão facial de surpresa, coloca as mãos espalmadas em frente ao corpo como se estivesse lendo um papel))

337 Joana: não nenhum falta... a senhora ... limpa

338 Pesquisadora: no::ssa ((ri[sos))

339 Joana: [entendeu? porque... eu ti/ eu

340 morava perto onde... onde que/ agora não é muito longe a

341 ((escola estadual))daqui eu posso ir a pé

342 Pesquisadora: ah[::

343 Joana: [eu podia tu entende? então eu ia para o

344 ((escola estadual)) depois eu ...ã/ fui pra um

345 concurso eu/ fui/ *pra esco/ pra ((escola privada))

346 ((escola estadual))* então

((toca com o indicador da mão direita, os dedos da mão esquerda, um de cada vez))

347 eu *fui indo*... depois eu fui trabalha ... ã: no::

((faz movimento circular para a frente com o indicador da mão esquerda))

348 ... ((nome do curso de idiomas))

349 Pesquisadora: ah:[:: que daí é cursinho né?

350 Joana: [entende?

351 ...

352 aí era/ é

353 Pesquisadora: uhum

354 Joana: era um curso

355 Pesquisadora: uhum

356 Joana: entende? aí então eu/ eu/ ... trabalhei trabalhei

357 em ... toda a minha vida tu entende?

358 Pesquisadora: sim

359 Joana: (ralava) então assim *dava aula na escola
privada

360 depois ... ã:: na ... faculda:de ... eu também
dei

361 aula... depois e:: ã::... depois eu fui: ...

362 fiz um concurso... pra: o/ pra o estado pro:
pro

363 Pesquisadora: pra universidade

364 Joana: [pra universidade*... e aí passei
(novamente toca os dedos da mão esquerda, um
de cada vez, conforme cita os locais))

365 Pesquisadora: bah::

366 ...

367 Joana: e aí eu fiquei ã:: eu fiz dez anos e:
trabalhei na universidade en/ entende? como

368 professora ... eu era do:

369 do: ... eu trabalhava ... com:: os...

370 es-tágios

371 ...

372 ...

373 Pesquisadora: a:i: que le[ga:l

374 Joana: [entende?

375 Pesquisadora: [que interessante

376 Joana: [eu levava as pessoas assim por exemplo ... a
eu

377 ia nas/ nas es/

378 Pesquisadora: [nas esco:las

379 Joana: [nas esco:las delas pra: dar ide:ias e tal

380 [e tal e eles tavam fazendo
aula

381 Pesquisadora: [a:: entendi ai que interessante

382 aham

383 Joana: eles eram alunas e... a gente fazia... o
estágio

384 com elas

385 Pesquisadora: si:m

386 Joana: foi mu:ito bacana foi uma ati/ foram dez anos

387 ma-ra-vi-lhosos entende? e nesse meio eu

388 ganhei uma m/ ã/ olha só [que sorte

389 [(risos)]

390 que coisa boa... mas e tudo be/ tudo/ não é

391 seja assim

392 é::... por exemplo... hoje enquanto tu tá

393 chegando aqui

394 Pesquisadora: sim

395 Joana: eu vi por acaso com um pouco do eclip/

396 eclipseco

397 Pesquisadora: ah:: sim

398 Joana: entendeu? ((risos))

399 Pesquisadora: aham

400 Joana: então *eu vou ver agora porque daqui a pouco

401 eu não vou mais mais mais ver* ((fala

((fala acelerada em tom de riso, inclina o

corpo para a frente rapidamente e arregala os

olhos, ergue os braços para cima))

402 Pesquisadora: desculpa ((risos))

403 Joana: e aquelas coisa que é *uma vez só na vida*

((levanta um dedo da mão direita))

404 Pesquisadora: é: [é verdade

405 Joana: [entendeste? é/ [it's now or ne/

406 Pesquisadora: [a gente tem que

aproveitar

407 o momento

408 Joana: it is now or never

409 Pesquisadora: now or never ((risos)) é verdade ((risos))

410	Joana:	então assim ó aí ... essas essas coisas assim
411		são coisas ã: legais da tua vida
412	Pesquisadora:	sim

6.1.2 Análise do Dado

Contextualizando elementos dessa interação que ocorrem previamente ao recorte dado na análise, discorreremos brevemente fatos ocorridos. A pesquisadora inicia a interação se apresentando e, após algumas perguntas de Joana, inicia uma narrativa sobre o seu trabalho e como a sua vida é corrida. Quando ela finaliza a narrativa, avaliando a sua rotina como corrida, Joana diz “eu também fui assim”. A partir desse *feedback* da participante, a pesquisadora diz: “Eu imagino, como é que foi?”. A pergunta aberta foi o elemento motivador e uma negociação interna entre ambas que garante a manutenção do turno de fala mais longo (NORRICK, 2007) para Joana contar a narrativa central dessa interação que foi a trajetória profissional da participante. Nesse momento, ocorre uma inversão de papéis e uma negociação do espaço de fala que anteriormente estava garantido para a pesquisadora, enquanto contava a sua história.

A narrativa de Joana não pode ser caracterizada como uma narrativa monológica, pois, a todo o momento, há suspensão do turno de fala de Joana e trocas conversacionais, embora o espaço maior de fala esteja sendo assegurado para Joana. Alguns elementos da estrutura da narrativa concebida por Labov e Waletzky (1967) até podem ser encontrados na narrativa, de Joana, mas não necessariamente todos e nem na ordem esperada. Dessa forma, as dimensões da narrativa (OCHS; CAPPS, 2001) são analisáveis na história de Joana, sendo uma forma condizente de análise com a natureza de nossos dados.

Com a metáfora da representação teatral, Goffman (2014) demonstra como os indivíduos se projetam para os outros, durante as interações, em diferentes situações sociais, realizando um gerenciamento de impressões sobre si. Ele defende a ideia de que o *self* é o resultado das interações cotidianas e da imagem que projetamos de nós mesmos. Uma vez que é a primeira interação entre Joana e a pesquisadora, a participante constrói uma performance narrativa que reivindica o *self* que quer apresentar.

Joana se posiciona como personagem principal da história, narrando sua trajetória profissional. A narrativa caracteriza-se por uma reportabilidade estendida (LINDE, 1993), pois se trata da história profissional de Joana, memórias importantes de sua vida que podem ser contadas e recontadas em diversas situações para diferentes interlocutores.

Na narrativa, Joana assume a posição de narradora principal e de personagem principal, em uma história que não apresenta personagens antagonistas, mas, sim, personagens que corroboram com o *self* que Joana quer coconstruir com a interlocutora. O excerto apresentado acima gira em torno de uma das situações positivas ocorridas na vida de Joana e também impactou sua vida profissional.

Na linha 250, Joana conta o primeiro local onde trabalhou e o período. Em seguida, segue narrando sobre o seu trabalho como professora estadual e como teria tempo de serviço para se aposentar. A participante não enuncia o termo aposentadoria, e, na linha 259, a pesquisadora solicita esclarecimento, o que é confirmado pela participante (linha 260).

Momentaneamente, a narrativa é suspensa pela pesquisadora que introduz a informação relacionada à idade com que ela poderia se aposentar naquela época. Na linha 264, Joana ratifica a informação da pesquisadora e utiliza o marcador discursivo “tá” como forma de encerramento daquele assunto e o marcador “e aí” como um retorno à história que ela estava narrando.

Nas linhas 264 a 267, Joana narra a oportunidade que teve de ir à Alemanha acompanhar o então marido, devido a uma licença que conseguiu por intermédio da dona Elisandra. Nas linhas 269 a 276, surge uma pequena narrativa encaixada com a finalidade de contextualizar o motivo da viagem para a pesquisadora. Na linha 276, após pausas longas de Joana, a pesquisadora pergunta se seria uma viagem a trabalho (linha 277). Então, na linha 278, confirma e solicita que a interlocutora aguarde a reorganização da sua narrativa e na linha 281, Joana prossegue e consegue acessar o item lexical que desejava “licença” (linha 284).

Na linha 287, o marcador discursivo *entendeu* com tom de riso e, em seguida na linha 290 *tinha isso*, também enunciado com riso, evidenciam a chance que Joana teve, e talvez considerada por ela como rara, ou não muito comum, que contribuiu para seu aprimoramento como professora de inglês.

Na linha 290, com o marcador discursivo “por exemplo”, a participante suspende momentaneamente a narrativa para relacionar os objetos em vermelho que tem na cozinha, com o curso que realizou na viagem. Ela ainda contextualiza mais informações sobre o trabalho do marido e retoma a narrativa novamente na linha 314 com o marcador discursivo “então” e a resume nas linhas 317 a 319. A ajuda prestada pela amiga é reforçada pela expressão “deu nos pauzinhos dela” (linha 315), popularmente conhecida como “mexeu os pauzinhos”.

Após a avaliação da pesquisadora (linha 320), Joana continua a história e a sua performance narrativa começa a manifestar pistas que indexam a identidade que a participante coconstrói com a pesquisadora durante a interação. Passemos a analisar os recursos linguísticos/semióticos empregados pela participante ao narrar a história.

A partir da linha 321, Joana inicia a sequência narrativa referente à sua trajetória profissional, a partir do retorno da viagem à Alemanha com o marido. Na linha 323, com a expressão interjetiva “timba”, Joana marca com entonação e gesto a relevância daquilo que sua amiga diz e que ela reporta como um diálogo construído: “Joana tu é muito boa, tu vai ficar na escola estadual ainda” (linha 324). Ao reconstruir a fala de dona Elisandra, Joana utiliza o tom de voz e a expressão corporal como recursos semióticos que apontam para o seu potencial profissional que se consolida com as próximas cenas narradas e que estão diretamente relacionados à identidade que é coconstruída com o interlocutor. A performance narrativa de Joana se modifica e ganha nuances teatrais com entonação de voz e expressão corporal que enfatizam a declaração de outras pessoas sobre sua competência e compromisso profissional.

Nas linhas 327-328, Joana avalia positivamente os fatos ocorridos na sua vida como “benesses maravilhosas”. No entanto, nas linhas que se sucederão ela deixará evidente que não se tratava apenas de sorte ou de chances, mas de uma postura profissional comprometida e dedicada.

Nas linhas 330 a 331, a participante faz um movimento discursivo explicativo, dando informações sobre seu comportamento profissional. Ela utiliza predicções sobre sua postura: “eu era estudiosa, eu era cumpridora” (no sentido de cumpridora de seus deveres), quando eu me lembro assim e, em seguida, isso é reforçado pela fala reportada de uma outra personagem que surge, a profissional

que a atendeu quando fora pedir a aposentadoria, que se surpreendeu por Joana nunca ter apresentado uma falta sequer ao trabalho. Cabe destacar aqui, que, ao reportar a fala “a senhora não tem nenhuma:: ã:: não nenhum falta... a senhora... limpa” (linha 334-337), Joana enfatiza o que diz, assumindo uma postura corporal e entonação que novamente encenam o que havia sido dito e a sua relevância ao contexto interacional.

Nas linhas 339 a 341, Joana novamente contextualiza a pesquisadora, explicando que morava próximo à escola e que podia ir a pé. Com o marcador discursivo “então” na linha 343, Joana retorna à história, resume que trabalhou em toda a sua vida e enumera os lugares nos quais trabalhou, evidenciando sua vasta experiência profissional à pesquisadora. Ao citar tais locais (escolas de rede pública, privada, de idiomas, universidade), Joana toca cada um dos dedos das mãos, reforçando a ideia de não serem poucos os locais. Além de enumerar os locais, a participante reforça o tempo pelo qual trabalhou: “trabalhei em toda a minha vida tu entende?” (linha 356-357), “eu fiz dez anos eu trabalhei na universidade en entende?” (linha 367-368). Nessas duas referências ao seu tempo de trabalho, Joana utiliza o marcador discursivo “entende”, como um pedido de confirmação, uma forma de alinhamento com a pesquisadora sobre o *self* que está sendo construído na narrativa.

Na linha 368, Joana introduz seu último trabalho e a atividade que desempenhou. Na linha 370-371, ela conta sobre outra experiência que teve com a docência, o trabalho com os estágios na universidade e em seguida, descreve o que esse cargo lhe permitia fazer: eu levava assim as pessoas (linha 376), eu ia nas escolas delas para dar ideias e tal (linhas 379-380), a gente fazia o estágio com elas (linhas 383-384) e, por fim, avalia positivamente a experiência usando o predicativo “maravilhosos” (linha 387), marcado por gestos e por uma segmentação silábica que reforçam o sentido na constituição da sua identidade, além de novamente repetir o período de tempo pelo qual exerceu essa função. A performance narrativa de Joana indexa sua personalidade ativa, proponente e criativa. O fato de trabalhar com estágios indexa a condição de uma professora experiente e capaz de aconselhar professores iniciantes, além de revelar a atitude colaboradora de Joana.

Após narrar sua trajetória profissional, na linha 388, Joana inicia uma nova sequência narrativa: “e nesse meio tempo ganhei uma olha que sorte” e interrompe, fazendo com que a interlocutora, reflita com ela sobre sua vida, comparando com algo que está acontecendo no momento: um eclipse. Joana entextualiza uma notícia veiculada na mídia, de que estaria ocorrendo um eclipse naquele dia, trazendo tal fato ao contexto da interação, como um exemplo de que as oportunidades únicas acontecem e cabe a nós não as deixar passar.

Segundo Bauman e Briggs (2006, p. 206), a entextualização consiste no “processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional”. Na linha 400-401, a participante fala que viu, antes de a pesquisadora chegar, as notícias do eclipse e pensou “eu vou ver agora porque daqui a pouco não vou mais ver”. O enunciado de Joana indexa sua condição de doença com a qual convive que está ocasionando a perda visual acentuada. Contudo, a referência não é em tom melancólico ou pessimista. Pelo contrário, ao enunciar isso, Joana acelera a fala e faz gestos reforçando a ideia da transitoriedade e da chance que ainda tem para aproveitar. Em seguida diz: “é aquelas coisa que é uma vez só na vida” (linha 403) e, propositalmente, mudando de idioma, entextualiza um verso da música muito conhecida *it is now or never* (linhas 405, 408), de Elvis Presley, revelando sua identidade de professora de inglês que utiliza a segunda língua autonomamente, bem como reconstrói o contexto, levando a interlocutora a refletir que tudo o que aconteceu na vida de Joana não foi apenas sorte, mas resultado do que ela soube usufruir, aliás, muito bem no leque de oportunidades que surgiram. De acordo com Gumperz (1996, p. 364, tradução nossa), o *code switch* é uma metamensagem que “funciona como uma estratégia de sinalização indexical que é empregada para sugerir as pressuposições em termos das quais as mensagens são compreendidas”⁴³.

No caso da presente interação, o *code switch* indexa a identidade de Joana associada à língua inglesa e à paixão de falar essa outra língua. Além disso, o *code switch* de Joana ainda atua como um recurso que ela utiliza para acentuar o significado do que está sendo entextualizado pela letra da canção. Isso reforça a performatividade do enunciado, instaura um alinhamento identitário entre ambas as

⁴³ “[...] function as an indexical signaling strategy [...] which is employed to suggest the presuppositions in terms of which constituent messages are understood.”

interlocutoras que compartilham da mesma profissão como professora de inglês e os mesmos conhecimentos sobre a língua, alinhando-se essa mesma identidade social.

As pistas indexicais utilizadas pela participante (predicações, entextualização, diálogos construídos, entonação, gestos, risos, *code switch*) apontam para a construção identitária e para o *footing* que ela estabelece com a interlocutora.

Analisando as dimensões da narrativa, em termos de narração, podemos observar na narrativa de Joana o grau de colaboração e coconstrução constante com a pesquisadora. A participante mantém-se como a narradora ativa, mas estabelece com a interlocutora movimentos que indicam cooperação, alinhamento e compreensão do que está sendo dito e da forma como está sendo dito, conforme é possível verificarmos no quadro abaixo:

Quadro 4 - Ações desempenhadas por Joana durante a narrativa 1

Linhas	Ação desempenhada	Tópico
250 - 258	Narrativa da trajetória profissional	Lugares nos quais trabalhou
259	Interrupção da narrativa pela pesquisadora	Aposentadoria
264 - 288	Joana retoma a narrativa	Licença concedida
290	Joana suspende a narrativa	Objetos da cozinha
314 - 325	Retoma a narrativa	Oportunidade de viajar com o marido
327 - 331	Suspende a narrativa para fazer avaliação e dar algumas informações contextuais	Seu perfil profissional
331 - 337	Retoma a narrativa	Comprometimento profissional
339 - 343	Suspende a narrativa para dar explicação contextual	
343 - 368	Retoma a narrativa	Lugares onde trabalhou
369 - 384	Introduz nova narrativa	Orientação de estágios
386 - 390	Avaliação	
392 - 401	Introduz nova narrativa	Eclipse
403 - 411	Postura Moral	Aproveitar oportunidades

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos observar que a história de Joana segue uma linearidade, pois ela narra uma sequência de eventos progressivos, iniciando com a viagem que fez com o marido, narra sobre todos os lugares nos quais trabalhou até seu último emprego na universidade. No entanto, como é possível verificar nos movimentos narrativos tabulados acima, a participante faz interrupções e contextualizações com a pesquisadora, em uma tarefa colaborativa, para que sua história seja compreendida e para que o *self* que está sendo construído seja realmente compartilhado.

Observando a dimensão do encaixe, dado o enquadre dessa interação e a pergunta feita inicialmente pela pesquisadora, podemos afirmar que a narrativa encontra-se encaixada ao contexto interacional e, a partir dela, vão surgindo outras pequenas narrativas encaixadas a essa, que operam no sentido de dar informações adicionais à pesquisadora, como no caso da narrativa sobre seu trabalho com os estágios, ou operando como uma narrativa ilustrativa à primeira, como no caso da narrativa sobre o eclipse.

A historiabilidade da narrativa de Joana pode ser considerada alta, visto que atende às expectativas da interação, além de ser uma história “altamente contável” (OCHS; CAPPs, 2001, p. 13), ou seja, que pode ser diversas vezes recontada, visto tratar-se da história profissional de Joana. Além disso, a performance narrativa que Joana desempenha faz a história tornar-se atrativa e confiável.

Sendo uma narrativa coconstruída, a responsabilidade de colaboração é de ambas: de Joana e da pesquisadora. Assim, mapeamos os movimentos de colaboração exercidos pela pesquisadora na interação que exercem a função de andamento:

Quadro 5 - Movimentos de colaboração da pesquisadora

Recurso	Momento da interação
Confirmações	claro (linha 289); aham (linhas 292, 295); sim tô vendo (linha 298); cidade menor (linha 312); aham (linha 292, 382, 399); sim (linhas 329, 358, 385, 394, 412); a:: entendi (linha 381) ah:: sim (linha 397); é: é verdade (linha 404);

	<i>now or never</i> ((risos)) é verdade ((risos)) (linha 409)
Continuadores	aham (linhas 252, 295); uhum (linha 268, 353, 355); tá (linha 275, 282)
Pedido de esclarecimento	ele foi para a Alemanha a serviço? (linha 277) ah::: que daí é cursinho né? (linha 349)
Informações contextuais	sim antes tinha era era com menos idade né do que agora (linhas 261; 263);
Fornecimento de item lexical	aposentadoria no caso (linha 259); cidade menor (linha 310)
Fornecimento de item lexical e finalização de enunciado	falta (linha 336); pra universidade (linha 363); nas esco:las (linha 378)
Expressão avaliativa	no::ssa (linha 338); bah:: (linha 365)
Sinalização de entendimento	ah (linhas 279, 306, 342); ah:: sim:: (linha 286)
Finalização de enunciado	falta (linha 336)
Avaliação	bah que coisa bo:a (linha 320); a:i: que lega:l (linha 373); que interessante (linha 375); ai que interessante (linhas 381); a gente tem que aproveitar o momento (linhas 406, 407).

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Oliveira (2013).

Os movimentos utilizados pela pesquisadora vêm ao encontro dos tipos de andamento propostos por Hydén (2018) contribuindo com um enquadre da interação que proporcionasse seu engajamento, realizando contribuições que visam coconstruir significados e, a partir de reparos, nos momentos que há a necessidade. É importante frisar que as contribuições da pesquisadora na atividade de andamento são mínimas, tendo em vista que Joana atua como a narradora principal e conduz a interação.

Em relação à postura moral da narrativa de Joana, podemos dizer que está diretamente relacionada a um discurso de ordem macro que perpassa sua história profissional: de que a dedicação e o esforço compensam e de que precisamos

aproveitar o que de bom a vida oferece. Se considerarmos as mudanças de escala sociolinguística, conforme proposto por Bloomaert (2006), Joana apresenta um salto de escala, saindo do local, da situação particular inicial de aproveitar as chances que teve, passando a referir-se sobre isso de forma translocal, geral, como um valor, um ensinamento social que quer compartilhar com a pesquisadora, alcançando um nível escalar mais alto. Esse salto escalar pode ser relacionado à experiência e nível de atuação na educação que Joana detém e a pesquisadora não, apesar de não haver uma relação de poder pré-estabelecida entre ambas.

Podemos considerar que a performance narrativa que Joana coconstrói com a pesquisadora representa a identidade de uma professora dedicada, comprometida, experiente, que amava a profissão que exercia e que aproveitava as oportunidades que lhe eram proporcionadas. Joana alinha-se durante a narrativa com a pesquisadora, que também é professora, colocando-se em uma posição de colega, quase que de uma mentora, alguém experiente que tem algo a passar para a profissional mais nova.

6.2 Performance Narrativa de Joana: a Simplicidade do Amor

A narrativa que analisaremos a seguir faz parte de uma interação ocorrida com Joana, realizada em novembro de 2018. A entrevista abrange cerca de 2h 05 min de gravação e nela participam Joana, a pesquisadora e a cuidadora de Joana identificada pelo nome fictício de Zilá, que apenas faz algumas interrupções.

Joana, sabendo que assim como ela, a pesquisadora também é professora de inglês, já havia manifestado em encontros anteriores a vontade de conversar nesse idioma. Dessa forma, ao chegar à residência da entrevistada naquele dia, a participante já inicia a interação falando em inglês. Durante a entrevista, surgem vários assuntos: sua preocupação em ser entendida, pois sabe que tem algumas dificuldades linguísticas ocasionadas pela DA, sobre a conclusão do mestrado da pesquisadora, sobre um livro de Joana chamado “O Tao da Física”, de Fritjof Capra, que fala sobre o fato de todas as pessoas estarem conectadas de alguma forma, no universo, sobre suas cuidadoras, sobre uma notícia veiculada no telejornal sobre Pisa, sobre sua viagem ao Vaticano, onde viu o Papa, sua viagem a Nottingham, entre outros assuntos. Por mais da metade da entrevista, Joana continua falando em inglês, mas em determinado momento sente dificuldade e pede para falar em

português e, assim, a interação prossegue, ora em inglês, ora em português. Após falar sobre suas viagens, a participante inicia a narrativa que analisaremos a seguir.

6.2.1 “My dear, meu querido”

10	Pesquisadora:	<i>yes ... so if you have if you had to choose one city</i>
11		<i>to live in and: not Brazil where would you go?</i>
12		<i>? ... if Bolsonaro: ((risos))</i>
13	Joana:	<i>[ah::</i>
14	Pesquisadora:	<i>chutar nós do Brasil</i>
15	Joana:	<i>°ai meu De:us°</i>
16	Pesquisadora:	<i>[onde tu escolheria?</i>
17		<i>...</i>
18	Joana:	<i>ã: ... Portugal ((em inglês))</i>
19	Pesquisadora:	<i>Portugal? I guess you would say USA ((risos))</i>
20	Joana:	<i>[no::</i>
21	Pesquisadora:	<i>no? ((risos)) Portugal because it is</i>
22	Joana:	<i>because I have friends</i>
23	Pesquisadora:	<i>oh</i>
24	Joana:	<i>[in Portugal</i>
25		<i>...</i>
26	Pesquisadora:	<i>that's right ... Lisboa?</i>
27	Joana:	<i>Porto</i>
28	Pesquisadora:	<i>Porto everybody talks very well about Porto</i>
29	Joana:	<i>Porto is very good</i>
30	Pesquisadora:	<i>is it beautiful there? ... is it similar to Brazil?</i>
31		<i>... no</i>
32	Joana:	<i>no:</i>
33		<i>...</i>
34	Pesquisadora:	<i>It's different</i>

35 Joana: *ai a: I have I've be been there*

36 Pesquisadora: *once?*

37 *...*

38 Joana: *twice*

39 Pesquisadora: *twice*

40 Joana: *because Dolores my friend*

41 Pesquisadora: *aham*

42 Joana: *she lives there*

43 Pesquisadora: *aham*

44 Joana: *she used to live here*

45 Pesquisadora: *an:*

46 Joana: *then she loo: she moved there because she*
... she

47 *had her children in Brazil and they they*
decided to...

48 *go to: ... to:*

49 Pesquisadora: *to Portugal*

50 Joana: *Portugal for good and I went there with*
Lucas

51 Pesquisadora: *your ex-husband*

52 Joana: *no*

53 Pesquisadora: *no?*

54 Joana: *my dear meu querido aquele que eu que eu vi*
meu primeiro namoro

55 Pesquisadora: *ã*

56 Joana: *que ele eu tinha quinze nem quinze eu tinha*
uns deze/

57 *n:... °não é dezenove eu tinha:°*

58 Pesquisadora: *ai me conta essa história eu adoro história*
de amor

59 Joana: *eu tinha uns:*

60 Pesquisadora: *((risos))*

61 Joana: *eu tinha: eu tinha: a crush*

62 Pesquisadora: *((risos))*

64 Joana: *in Lucas Lu-cas*

65 Pesquisadora: ah tá porque o outro era Marco Antônio né?

66 Joana: Marco Antônio

67 Pesquisadora: tá este é Lucas

68 Joana: Lucas

69 Pesquisadora: tá

70 Joana: Lucas Silva

71 Pesquisadora: Lucas Silva tá

72 Joana: *I met him and I loved*

73 Pesquisadora: *[fifteen: you were*

74 Joana: *I I eu as/ seve/ sen/*

75 Pesquisadora: *seventeen?*

76 Joana: [quantos anos eu tinha? ... °sete
dezessete°

77 Pesquisadora: [o café
tá lá

78 vamos indo
. ((interrupção para servir o café))
. .

108 Joana: meu pai tinha loja

109 Pesquisadora: an

110 Joana: a casa grande casa é:

111 Pesquisadora: hum:

112 Joana: casa pequena

113 Pesquisadora: aqui na cidade?

114 Joana: é

115 Pesquisadora: tá

116 Joana: e o seu Silva ... é: eu digo

117 Pesquisadora: pai

118 Joana: (é)

119 Pesquisadora: dele?

120 Joana: não o o: ã: não o seu Lucas o seu: ... o
seu Silva

150 ...

151 Joana: a rua por ali

152 Pesquisadora: sim

153 Joana: quase lá deixa assim então meu pai ...
154 tinha ... ele
155 não era dono ... ele era: associado ... meu
156 tio ...
157 era irmão da minha vó

158 Pesquisadora: aham

159 Joana: quer dizer o tio Gil o tio Freitas ... e a
160 minha vó
161 eram donos da casa pequena

162 Pesquisadora: uhum

163 Joana: vieram do do interior

164 Pesquisadora: interior

165 Joana: interior ... pra cidade

166 Pesquisadora: tá

167 Joana: tá ... então tem gente dali ... e aí ... e
168 o seu
169 Silva veio da Europa veio pro pro Rio e
170 conheceu as
171 lojas casa pequena coisa do tipo

172 Pesquisadora: hum:

173 Joana: e vendeu coisas

174 Pesquisadora: uhum

175 Joana: e aí o seu Silva ficou amigo do meu pai e
176 ficaram
177 muito amigos aí o: o brabo Borges meu
178 cunha/ era: o:
179 ... ele era: Borges era o sócio do meu pai

180 Pesquisadora: uhum

181 Joana: mais o: Silva vem se ele ... pensou assim
182 se o se o

176 Bre/ o Breno faz fizer for farsa parte
desse trabalho

177 Pesquisadora: uhum

178 Joana: eu eu vou assi/ eu vou fazer eu eu faço eu
trabalho

179 com vocês ... então meu pai sai da casa
pequena e

180 foi trabalhar com o Borges ... o seu Silva
com as

181 coisas que o seu seu Silva tinha ...
camisas ...

182 Epsilon

183 Pesquisadora: hum:

184 ...

185 Joana: outras coisas

186 Pesquisadora: uhum

187 Joana: então vinham essas coisas vieram pra pra
cida:de ...

188 então ficaram amigos

189 Pesquisadora: sim uhum

190 Joana: e: amizade ... de verdade mesmo

191 Pesquisadora: uhum

192 Joana: aí: ... o Lucas meu querido que agora não
vive mais

193 Pesquisadora: hum

194 Joana: mas eu eu vi ele pela primeira vez quando
eu tava

195 ... eu tava assim ... se:te não é sete anos
não

196 dize/ não dezessete não eu era bem jovem

197 Pesquisadora: quin:ze por aí

198 Joana: nã:o

199 Pesquisadora: menos?

200 Joana: não pera um pouquinho ... já tava quase ...

quantos
201 anos eu tinha ... sete oito nove
202 Pesquisadora: era criança
203 Joana: é assim ... dezessete não dezessete não
pode ser ...
204 quando eu ver a primeira o Lucas pela
primeira vez
205 eu ((suspiro)) nunca mais eu esqueci
206 Pesquisadora: capaz tu sentiu aquela coisa? ... que era o
cara?
207 que coisa né
208 Joana: mas mas só foi sonho foi coisa bonita
209 Pesquisadora: sim sim
210 Joana: eu fui viver com ele
211 Pesquisadora: hum
212 ...
213 Joana: última pessoa que ... como é que eu vou
dizer? ...
214 eu fui vi o Lu/ eu vi o Lucas ... °como é
que eu vou
215 dizer?° ah eu ia pro Rio vira e mexe eu ia
me eu ia
216 pra casa do seu Silva
217 Pesquisadora: ah: tá então tu continuava vendo ele
218 Joana: [ele era amigos
219 Pesquisadora: ah tá
220 Joana: amizade na família no
221 Pesquisadora: sim
222 Joana: tinha o pai tudo
223 Pesquisadora: uhum
224 Joana: meu irmão meus irmãos iam pro Rio
225 Pesquisadora: [uhum
226 Joana: pra casa do seu Silva ... então ... e aí
... depois

227 ... uma vez o Lucas veio pra cidade e nós
os irmãos

228 nós nós eu tenho até um ... por acaso ...
na casa no

229 apartamento que a gente morava a praça

230 Pesquisadora: uhum

231 ...

232 Joana: ali ... a gente morava

233 Pesquisadora: uhum

234 ...

235 Joana: aqui aí ... aí o Lucas já ir ele já era
mais velho e

236 eu e mais encantada

237 Pesquisadora: ((risos))

238 Joana: fiquei

239 Pesquisadora: [aham

240 Joana: porque ele as lojas seguiam

241 Pesquisadora: sim

242 Joana: e aí então o o Lucas vinha mas o Lucas era
bem

243 quieto assim (mesmo)

244 Pesquisadora: [ele era quieto

245 Joana: e ele era: ele era querido mas ele era: ...
o Lucas

246 ele era muito

247 ...

248 Pesquisadora: introspectivo assim

249 Joana: é: é: ele era as ele era querido mas ele
não era

250 muito assim estusiaso

251 Pesquisadora: aham

252 Joana: mas ele mandou cartões e deu ... assim meu
253 aniversá:rio uma coisa assim

254 Pesquisadora: uhum:

255 Joana: o:: natal com e: assim
256 Pesquisadora: ele dava lembranças
257 Joana: mandava
258 Pesquisadora: uhum
259 Joana: né do: cartão: assim por se a gente por ca
por
260 cartão eu me lembro
261 Pesquisadora: sim
262 Joana: antigamente era assim né
263 Pesquisadora: aham
264 ...
265 Joana: aí ... o Lucas mandou um cartão (uma vez)
que a: ...
266 ã: ... ele dizia assim ... quem ã: ã ã ã
adivi:nhe
267 quem é quem é essa pessoa na foto: era um
cartã:o só
268 um cartão de: natal
269 Pesquisadora: uhum
270 Joana: mas o so/ mas assim a se o se o: como é que
eu vou
271 dizer assim o sim é: o: ... como é que é?
... o os
272 o: ... o sorriso parece algum alguma de
vocês qual
273 será? uma coisa assim mas era assim a: as a
Cristal
274 e a:: e a Maria lê são cabelos brancos
assim claros
275 e eu era mais ã: ... eu não sei como pra
mim assim o
276 Lucas se me le achou que era eu uma coisa
assim
277 Pesquisadora: ah: tá

278 Joana: aí ((risos)) fiquei encantadíssima
279 Pesquisadora: ((risos))
280 Joana: por muito tempo
281 Pesquisadora: ((risos))
282 Joana: [((risos)) ... aí depois ... aí eu fui uma
vez aí
283 a Dolores ... já era minha amiga né
284 Pesquisadora: uhum
285 Joana: que ela veio conhecer ela veio de ... a
Dolores veio
286 morar aqui e aí eu vim conviver com ela
287 Pesquisadora: sim
288 Joana: depois ... foi coisa de um ((SI)) e pra ir
embora ...
289 aí ... ((pausa longa)) que que eu tava te
falando?
290 ...
291 Pesquisadora: que tu ficou encantadíssima com ele
292 Joana: a: ((risos))
293 Pesquisadora: [((risos))
294 Joana: e aí sabe daí fiquei: ... encanta ah: sim
...
295 encantadíssima aí passou o tempo da vida da
gente
296 nunca mais:
297 Pesquisadora: passou um tempão aí
298 Joana: muito tempo
299 Pesquisadora: [tá
300 Joana: muito ... de repente ... como é que foi?
... como é:
301 que foi? ... ah ... aí eu tava: eu tava na
cidade
302 ... e a: e a eu tenho minhas amigas ... ã:
aí eu

303 comentei que o Lucas ... ã:: ... tava: ...
tava

304 solta:ro solta: solto: sol tava

305 Pesquisadora: solteiro

306 Joana: [solto: sozi:nho e tal

307 Pesquisadora: uhum

308 Joana: e ele tava morando em s: em ... em:: como é
que é?

309 em:: ... no interior

310 Pesquisadora: hum::

311 ...

312 Joana: e aí eu já tinha falado com a com a com a
Dolo:res

313 já tinha za/ fala: i:: ... é ... aí eu sei
que depois

314 ... ah aí: aí pula

315 Pesquisadora: tá

316 Joana: aí chegou o tempo de che/ conhecer a cidade
dele

317 Pesquisadora: tá

318 ...

319 Joana: mas a Dolores aí não tava mais

320 Pesquisadora: hum

321 Joana: ela já ela morou aqui depois foi pra
Portugal

322 Pesquisadora: uhum

323 Joana: depois veio pra cá de novo

324 Pesquisadora: uhum

325 Joana: daí ... e aí nessa essa o Lucas tava aqui e
a

326 Dolores telefonou porque a Dolores e o bur/
e a: o

327 meu ex-marido Marco Antônio ... e a Dolores
... e o

328 meu ex-marido Marco Antônio

329 Pesquisadora: tá

330 Joana: tudo no mesmo s no mesmo blopataque patê
pateto pete

331 Pesquisadora: patota (SI)

332 Joana: [da parte de aniversário

333 Pesquisadora: sim

334 Joana: aham e aí aí foi essa:

335 Pesquisadora: aí tu soube que ele tava solteiro

336 Joana: hum?

337 Pesquisadora: aí tu soube que ele tava solteiro nessa
época

338 Joana: tava é aí como é que foi?

339 Pesquisadora: mas tu já estava casada

340 Joana: hum:: isso é separa:da i:

341 Pesquisadora: já estava separada

342 Joana: hum há muito tempo

343 Pesquisadora: [ah tá muito tempo depois

344 Joana: [u:::

345 Pesquisadora: tá

346 Joana: ai me ... bah me separei do Marco Antônio
... quando

347 o Alex tinha três anos

348 Pesquisadora: ah tá

349 ...

350 Joana: ele conheceu mao: uma moça mais moça e se
encantou

351 ...

352 Pesquisadora: com ela

353 Joana: e aí eu fiquei a ver a do

354 Pesquisadora: navios

355 Joana: navios

356 Pesquisadora: sim

357 Joana: bom então ... isso ... e

358 Pesquisadora: [e daí o: o Lucas
tava
359 solteiro também nessa época então
360 Joana: sim
361 Pesquisadora: tá
362 Joana: o Lucas já tinha a t/ a mulher tinha
morri:do e tal
363 Pesquisadora: [ah ele
364 tava viúvo
365 Joana: uhum ... mas eu não eu falava ã: através da
Dolores
366 Pesquisadora: ah: tá
367 Joana: quando tava ali tarãrãrãrã aí depois veio
a:... aí a
368 Dolores veio morar na cidade
369 Pesquisadora: tá
370 Joana: depois foi embo:ra pra Portugal
371 Pesquisadora: [uhum
372 Joana: aí ficou pra lá sempre
373 Pesquisadora: ah::
374 Joana: aí depois ... aí ... como é que foi que eu
entrei
375 com o me? ... o me ah ... foi uma coisa
assim Diná a
376 minha amiga começou aí começou... começou
uma coisa ah
377 Joana tu tu por que que tu não procura o
Lucas não
378 sei o que não sei o que
379 Pesquisadora: [ah: as amigas que sabiam
380 Joana: é ... realmente foi assim daí começaram por
que que
381 tu não vai visitá-lo? tarãrãrãrã
382 Pesquisadora: ((risos))

383 Joana: [eu me atirei e fui ((risos))
384 Pesquisadora: ((risos))
385 Joana: [eu fui pra: cidade onde ele tava
386 Pesquisadora: an
387 ...
388 Joana: e aí eu telefonei e aí começamo conversa:r
e
389 tarãrãrãrã e aí aí começou uma conversinha
390 Pesquisadora: só de conversa
391 Joana: é aí por telefone
392 Pesquisadora: tá
393 Joana: aí depois disso ... ((barulho de xícara))
opa foi
394 assim de de: ... de eu fazer eu meu Deus eu
vou me
395 atirar pra esse cara
396 Pesquisadora: ((risos))
397 Joana: nunca tinha e era eu é que tem tinha ... um
gosto
398 por ele né ele nem sabia
399 Pesquisadora: é?
400 Joana: (SI) que que eu mas é
401 Pesquisadora: ele não sabia?
402 Joana: era nã:o era amiga
403 Pesquisadora: tá
404 Joana: era amiga
405 Pesquisadora: aham
406 Joana: essas coisas de ca de car:ta de não sei o
que: é::
407 esporádico
408 Pesquisadora: ah tá
409 Joana: né mas as famílias eram amigas
410 Pesquisadora: tá
411 Joana: [(uhum) agora tu vê no dia que eu cheguei

412 lá na
cidade dele o Lucas mostrou pra mim uma
foto do meu

413 pai com as: filha dele com a Du/ a Duda tá
aqui ó

414 aqui é a Duda mostrando quer dizer tinha
umas coisas

415 juntas

416 Pesquisadora: sim

417 Joana: que tavam na na: que eram pra ser

418 Pesquisadora: entrelaçadas lá

419 Joana: uhum

420 Pesquisadora: uhum

421 Joana: né aquela do: do livro esse que nós tamo:
falando

422 Pesquisadora: sim

423 Joana: é tudo nós tamo assim

424 Pesquisadora: interligados

425 Joana: interligados né e aí: então foi ã essa co/
que eu

426 tava te contando essa:

427 Pesquisadora: aí tu te mandou pra cidade dele

428 Joana: fui

429 Pesquisadora: tá

430 Joana: aí ... aí eu fui eu fiquei na casa dele

431 Pesquisadora: an

432 Joana: a casa grande bonita ainda tá lá essa casa
ã quem tá

433 é o... o: Leo o filho dele

434 Pesquisadora: filho dele

435 Joana: é e aí:

436 Pesquisadora: e começaram a namorar?

437 Joana: não foi cinco dias e nós ficamos mas era
assim ó

438 primeiro dia senta acor/ primeiro dia assim
439 ((risos)) ele disse assim eu tô com com
frio tu não?
440 pode fazer: u/ uma massagem em mim
441 Pesquisadora: [((risos)) que
bonitinho
442 Joana:
[começou assim
443 e eu fazendo ã pra ele ficar quentinho
444 Pesquisadora: ((risos))
445 Joana: [assim ai boa noite tchau (já) é noite tá
no outro
446 dia bom dia de no tanranrã bom foi sempre
assim não
447 não teve ah aí de repente eu me dei conta
que ele
448 tava fu/ fumando Lucas: eu não venho mais
aqui se tu
449 fuma
450 Pesquisadora: capaz
451 Joana: parou disse já começou parando
452 Pesquisadora: [((risos))
453 Joana: né
454 Pesquisadora: quer mais bolachinha?
455 Joana: sim
456 Pesquisadora: aqui tem salga:da e aqui tem doce
457 Joana: doce
458 Pesquisadora: tu quer doce?
459 Joana: doce
460 Pesquisadora: então eu vou botar aqui ó ... doce
461 Joana: aqui?
462 Pesquisadora: já botei no teu prato aqui ó
463 Joana: tá assim tá
464 Pesquisadora: essas são salgadas

465 Joana: bom aí
466 Pesquisadora: an
467 ...
468 Joana: aí foi assim essa coisa né
469 ...
470 Pesquisadora: e daí foram os cinco dias de namoro assim
bem leve
471 Joana: bem le:::ve a coisa mais queridinha
472 Pesquisadora: que bonitinho
473 Joana: um namo:ro meu Deus aí no outro aí: n eu:
nessa ã:
474 eu fui a primeira vez depois no meio do:
do:
475 Pesquisadora: do a:no
476 Joana: do não ... eu acho que (SI) acho que: dois
ano não
477 dois não foi assim
478 Pesquisadora: [dois me/
479 Joana: nesse dia
480 Pesquisadora: tá
481 Joana: nesse ano eu fiz três
482 Pesquisadora: três viagens pra lá
483 Joana: assim
484 Pesquisadora: tá uma a cada três meses de certo
485 Joana: (uhum)
486 Pesquisadora: tá
487 Joana: é cada s cada é ... aí começou assim mais
né ... até
488 que uma vez... que eu já tinha dificuldades
aí a
489 Zilá me levou
490 Pesquisadora: hum::
491 Joana: pra ir pra pro Rio
492 Pesquisadora: tá

493 Joana: e ela não gosta de vi/
494 Pesquisadora: viajar
495 Joana: uhum aí foi ... então foi
496 Pesquisadora: e daí vocês ficaram vários anos namorando
497 Joana: aí até até ele morrer
498 Pesquisadora: ah::
499 Joana: aí: agora por exemplo ... ã ... na semana
500 três
501 semanas atrás era o: o aniversário de de
502 nascimento
503 dele
504 Pesquisadora: ah tá
505 ...
506 Joana: °né°
507 Pesquisadora: [uhum
508 Joana: então o filho dele ... eu me dei:: com eles
509 (comum)
510 Pesquisadora: sim
511 Joana: tanto é que eu: eu falo com eles de vez em
512 quando
513 até ... o meu telefone tava ruim ... eu não
514 pude
515 falar ... com o Leo
516 Pesquisadora: uhum
517 Joana: Leo é o Leonardo né
518 Pesquisadora: uhum:
519 Joana: filho do: ... do Lucas ... que era Lucas
Silva né
520 Pesquisadora: sim sim
521 ...
522 Joana: então: a gente fica com alegria e tristeza
523 ao mesmo
524 tempo né
525 Pesquisadora: sim ah mas tem que pensar que são poucas as

520	pessoas que acham o amor assim né
-----	--------------------------------------

6.2.2 Análise do Dado

Após conversar sobre alguns dos vários locais os quais Joana já visitou, a pesquisadora faz a pergunta a respeito de qual lugar ela escolheria para viver. Ela pensa um pouco e responde Portugal (linha 18), para a surpresa da pesquisadora, pois sempre havia manifestado muita identificação com os Estados Unidos da América, em entrevistas anteriores. Joana segue a conversa em inglês, após alguns momentos anteriores em português. Na linha 26, a pesquisadora pergunta se seria em Lisboa e Joana esclarece que seria em Porto (linha 27). Após alguns comentários sobre Porto (linhas 28-34), Joana inicia uma pequena narrativa (linha 35), contando que esteve em Porto duas vezes e sobre a sua visita à amiga que lá vivia, Dolores. No entanto, o personagem que motivará a narrativa principal dessa interação, surge na linha 50, Lucas. Diante do engano da pesquisadora (linha 51), Joana esclarece de quem se trata “*my dear* meu querido aquele que eu vi meu primeiro namoro” (linhas 54-55). A partir dessa orientação, ela inicia uma outra narrativa encaixada, sobre o seu primeiro amor.

Após tentar lembrar-se da idade que tinha quando conheceu Lucas (linhas 57-58), Joana conta que tinha “*a crush in Lucas*”, nas linhas 62-64. A performance narrativa de Joana começa a representar a si mesma e a Lucas como os personagens principais da história, o típico casal romântico. Isso é validado pelos diversos recursos linguísticos que Joana emprega que indexam sua paixão por Lucas e também sua agência em relação à iniciativa da aproximação.

Ainda nas linhas 54-55, ela se refere a ele da forma “*my dear* meu querido aquele que eu vi meu primeiro namoro”. Ela utiliza predicativos que denotam sua afetividade em relação a ele como “*dear*”, “querido” e sua agência “eu vi”. Novamente, na linha 62, ela utiliza a expressão “*crush*”, que enfatiza seu sentimento por ele e, na linha 72, sua agência: “*I met him and I loved*”.

Nas linhas 77-78, a cuidadora entra e serve o café. Neste ponto há uma interrupção da narrativa que não apresentaremos, pois não interfere em nossa análise.

Na linha 110, surge uma narrativa encaixada à narrativa central sobre Lucas. A narradora faz uma volta no tempo, a fim de explicar à pesquisadora como Joana e seu primeiro amor se conheceram. Essa narrativa traz uma gama de referências a lugares, pessoas e fatos acontecidos que fizeram com que a sua família e a de Lucas se aproximassem, graças aos negócios, e se tornassem amigos. Seu Silva, pai de Lucas, vindo de Portugal, fornece mercadorias ao pai de Joana para vender na loja da família.

Nas linhas 136 a 141, novamente a narrativa é interrompida pela cuidadora que a auxilia na alimentação. Demonstrando estar esquecida do ponto em que parou (linha 142), a pesquisadora retoma o assunto do qual falavam (linha 143) e Joana prossegue. Nas linhas 146 a 152, Joana tenta lembrar-se de um ponto de referência para dar à pesquisadora localizar onde ficava a loja. Não conseguindo êxito, ela desiste da tarefa “deixa assim” e com o marcador discursivo “então” (linha 153) continua a narrar os eventos que levaram ela e Lucas a se conhecerem.

A história narrada demonstra que os pais de Lucas e Joana se tornaram parceiros de negócios, mas também bons amigos, conforme ela ressalta na linha 190, “amizade de verdade mesmo”. Até este momento, podemos perceber que Joana não apenas engaja-se na atividade narrativa, como demonstra uma atividade sociointeracional, perpassando entre o mundo da história e o aqui e agora interacional, preocupando-se em orientar a interlocutora para esses movimentos e para a sua compreensão da história (MIRA; CUSTODIO, 2021a).

Após contextualizar para a pesquisadora como conheceu seu primeiro amor, Joana retoma a referência a Lucas (linha 192) e contextualiza uma nova informação de que ele já falecera “o Lucas meu querido que agora não vive mais”. Novamente, ela escolhe termos que indexam todo seu carinho por ele como “meu querido”. Já nas linhas 204-205, ela conta que, quando viu Lucas pela primeira vez, ela nunca mais o esqueceu e, ao dizer isso, suspira. O ato de suspirar, nesse momento de fala, serve como um outro recurso semiótico que denota o seu sentimento por Lucas, anterior à locução adverbial “nunca mais”, a qual denota a importância desse fato. Segundo Gumperz (1998, p. 100), “as pistas de

contextualização são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização para a sinalização de pressupostos contextuais”. Essas pistas podem se manifestar de várias formas, dependendo do repertório linguístico dos falantes, historicamente determinado. Além de pistas linguísticas, também são passíveis de análise as pistas paralinguísticas, como, no caso citado, o ato de suspirar, encenando a interlocutora a intensidade do que sentia.

Em seguida, na linha 208, a participante deixa explícito que não aconteceu nada além do seu encantamento por Lucas naquela situação: “mas mas só foi sonho foi coisa bonita”. Os predicativos “sonho” e “coisa bonita”, também agem indexando o amor puro e inocente que iniciava. Joana esclarece que continuou a ver Lucas, em vista da amizade entre as famílias (linhas 213 a 232) e, mesmo que o tempo estivesse passando, sua paixão não deixava de existir: “aí o Lucas já ir ele já era mais velho e eu e mais encantada” (linhas 235 e 236).

A participante também utiliza predicativos que indexam a personalidade de Lucas e justificam sua agência em relação ao relacionamento entre ambos. Ela se refere a ele como “bem quieto” (linhas 252 - 253), “ele era querido mas ele não era muito assim estusiaso” (linhas 249-250), no sentido de entusiasmado. Porém, Joana também narra eventos que demonstram que Lucas não lhe era indiferente. Ela conta sobre os cartões que ele mandava no seu aniversário (linha 242-243), lembranças no Natal (linha 255-260), suas brincadeiras (linhas 265-276), indexando que havia um carinho recíproco. Por fim, nas linhas 278 e 280, novamente Joana reforça o que sentia: “fiquei encantadíssima por muito tempo”.

Joana, então, começa a fazer referência a Dolores (linha 283), sua amiga que vive em Portugal e apresenta um breve lapso de memória. Ela solicita ajuda à pesquisadora (linha 289) e faz uma pausa para lembrar onde a narrativa havia sido suspensa (linha 290). Após a ajuda da pesquisadora (linha 291), a participante ri (linha 282) e continua a narrativa dizendo que, passado muito tempo depois, por intermédio de amigos em comum, Joana soube que Lucas estava sozinho (linha 337) e ela, por sua vez, já era separada há muitos anos do ex-marido Marco Antônio (linha 340). Nas linhas 300 a 314, é possível notar trechos de esquecimento e confusão que Joana administra passando para eventos sequenciais.

Na linha 339, a pesquisadora solicita informações se nesse período, Joana estava casada. A fim de esclarecer sobre sua separação, Joana traz outra narrativa encaixada, nas linhas 342-357, explicando que sua separação aconteceu quando seu filho Alex tinha apenas três anos de idade, quando seu ex-marido se apaixonou por uma mulher mais jovem. Joana utiliza a expressão “a ver navios” (linhas 353-355) que entextualiza seu sentimento de frustração diante do ocorrido. A narrativa é retomada na linha 362, quando a participante esclarece que Lucas estava viúvo; passaram-se alguns anos e sua amiga Diná lhe sugeriu procurar Lucas. Joana utiliza a fala reportada “ah Joana tu tu por que que tu não procura o Lucas?” (linha 376-378), desempenhando uma performance narrativa que proporciona uma maior veracidade dos fatos à interlocutora. Diante da insistência das amigas e do tempo em que passou encantada por Lucas, Joana toma uma decisão e, na linha 383 e 385, demonstra novamente sua agência, empregando verbos de ação que indexam sua atitude e coragem: “eu me atirei e fui / eu fui pra: cidade onde ele tava”. Nesse ponto da narrativa, acontece o clímax da história, revelando sua atitude corajosa. Ela conta que eles começaram a conversar pelo telefone e reporta sua própria fala nas linhas 394-395, novamente indexando sua atitude decidida: “meu deus eu vou me atirar pra esse cara”. Joana ainda reforça, nas linhas 397-398, que foi uma atitude unicamente dela, pois Lucas não sabia de seu interesse. A partir da linha 411, a participante conta como foi quando o visitou pela primeira vez, que ele mostrou uma fotografia do pai dela com as filhas. Joana, nesse momento, indexa o discurso de que todos estamos, de certa forma, interligados, assunto que havia conversado anteriormente com a pesquisadora, ao referir-se ao livro de Capra. Na linha 426, novamente, a participante se perde ao tentar retomar a história e é auxiliada pela pesquisadora, o que identificamos na linha 427. Em seguida, ela dá continuidade à história dizendo que foi visitar Lucas e ficou na casa dele (linha 430), onde, no momento, mora o filho dele.

A pesquisadora pergunta se, com a ida de Joana à casa de Lucas, eles finalmente começaram a namorar (linha 436). A participante, então, a partir da linha 437, começa a contar o que aconteceu. Ela narra situações que revelam o carinho entre ambos, corroboram com a personalidade mais tímida de Lucas e indexam o carinho e o cuidado dela. Na linha 439-440, ela traz a fala reportada de Lucas

pedindo que ela fizesse massagem nele, o que é complementado pelo gesto de esfregar as mãos, feito por Joana. Na linha 443, ela conta “e eu fazendo ã pra ele ficar quentinho”, nas linhas 447 a 449, ela conta “aí de repente eu me dei conta que ele tava fu/ fumando” e reporta a própria fala “Lucas: eu não venho mais aqui se tu fuma” e na linha 468 conclui “aí foi assim essa coisa né”.

Na linha 454, há outra interrupção na narrativa, para que a pesquisadora auxilie a participante a servir-se à mesa do café. Após a pausa, Joana retoma o assunto, na linha 468, e a pesquisadora resume o namoro predicando-o como “leve”, o que é aceito e complementado pela participante: “bem le:::ve a coisa mais queridinha” (linha 471). A participante ainda relata que foi três vezes naquele ano visitá-lo (linha 481) e que, em uma das vezes, já sentia dificuldades ocasionada pela DA e foi acompanhada pela cuidadora (linhas 487-489).

Por fim, diante da pergunta da pesquisadora, Joana afirma que eles namoraram até ele morrer (linha 497) e inicia o desfecho da narrativa. Ela ainda afirma que, mesmo após a morte de Lucas, mantém contato com o filho dele (linhas 498-499) e retorna ao presente, dizendo “então: a gente fica com alegria e tristeza ao mesmo tempo né” (linhas 508-510).

Nessa interação, Joana conta uma longa história, com riqueza de detalhes que demonstram sua preocupação constante com a compreensão da interlocutora. A história não apresenta a estrutura proposta pelo modelo laboviano (LABOV; WALETZKY, 1967), principalmente por seu caráter de coconstrução, mas pode ser analisada seguindo as dimensões da narrativa propostas por Ochs e Capps (2001).

Joana se posiciona como narradora principal e ativa (dimensão narração), conduzindo a história, mesmo que, algumas vezes, apresente algumas dificuldades linguísticas ou mnésicas, momento em que ela solicita auxílio e continua a narrativa. A historiabilidade da narrativa pode ser compreendida como alta, visto tratar-se de uma história de vida que revela uma experiência importante na vida da participante, além de indexar como ela se constrói para a pesquisadora naquele momento da interação. De acordo com Hydén e Örvulv (2008, p. 149, tradução nossa), “contar e

recontar as mesmas histórias autobiográficas, podem ser uma forma importante de demonstrar aspectos do *self* e identidade do narrador”⁴⁴.

Os movimentos narrativos de Joana podem ser mapeados no seguinte quadro:

Quadro 6 - Ações desempenhadas por Joana durante a narrativa 2

Linhas	Ação desempenhada	Tópico
Linha 35	Inicia a narrativa	viagem a Portugal
Linha 50	Orientação / nova narrativa	Lucas
Linha 110	<i>Flashback</i> - narrativa encaixada	Como se conheceram
Linha 146	Retoma a narrativa	Como se conheceram
Linha 346	Inicia narrativa encaixada	divórcio
Linha 357	Retoma a narrativa	Lucas
Linha 465	Retoma a narrativa após interrupção	Lucas
Linhas 497 a 516	Desfecho	
Linha 517	Coda	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à dimensão do encaixe, a história surge perfeitamente atrelada ao contexto interacional, e as pequenas narrativas que surgem dentro da narrativa principal apresentam relevância e a complementam. Em relação à linearidade, Joana faz opções de sequenciamento da narrativa de forma não linear algumas vezes, como, por exemplo, ao contar como conheceu Lucas, ou como se desencadeou seu divórcio. No entanto, a escolha de progressão dos fatos usada pela narradora atua no sentido de promover um melhor entendimento dos acontecimentos pela pesquisadora.

Em se tratando de colaboração entre ambas, mapeamos os movimentos de andamento da pesquisadora:

⁴⁴ “To tell and retell the same autobiographical stories may be a way to show important aspects of the teller’s self and identity.”

Quadro 7 - Movimentos de colaboração da pesquisadora

Recurso	Momento da interação
Confirmações	<p><i>that's right</i> (linha 26) <i>It's different</i> (linha 34) <i>twice</i> (linha 39) ã (linha 56) tá este é o Lucas (linha 67) tá (linhas 69, 315, 392, 410) Lucas Silva tá (linha 71) uhum (linhas 132, 149, 160, 170, 174, 177, 258, 284, 307, 322, 324, 420, 505) a avenida uhum (linha 147) sim (linhas 152, 189, 221, 241, 261, 287, 323, 346, 406, 412, 497) aham (linhas 157, 251, 263) interior (linha 162) sim sim (linhas 209, 515) ele era quieto (linha 244) só de conversa (linha 390) filho dele (linha 434)</p>
Continuadores	<p>aham (linhas 41, 43, 124, 239, 405) an (linhas 109, 386, 431, 466) hum: (linha 111, 168, 183, 310) tá (linhas 115, 129, 145, 164) hum (linhas 211) uhum (linhas 177, 186, 223, 225, 230, 233, 254, 269, 371, 511) tá (linhas 299, 317, 329, 345, 361, 369, 392, 429, 480, 486, 492)</p>
Pedido de esclarecimento	<p><i>Portugal because it is</i> (linha 21) Lisboa? (linha 26) <i>Is it beautiful there? Is it similar to Brazil?</i> (linha 30) <i>Once?</i> (linha 36) <i>Your ex-husband</i> (linha 51) <i>no?</i> (linha 53) Por que o outro era Marco Antônio né? (linha 65) <i>Fifteen you were</i> (linha 73) aqui na cidade? (linha 113) dele? (linha 119) quin:ze por aí? (linha 197) menos? (linha 199) era criança (linha 202) ah ta então tu continuava vendo ele (linha 217) ele dava lembranças (linha 256) passou um tempão aí (linha 297)</p>

	<p>aí tu soube que ele tava solteiro (linha 335) aí tu soube que ele tava solteiro nessa época? (linha 337) mas tu estava casada (linha 339) e daí o: o Lucas tava solteiro também nessa época então (linhas 358-359) é? (linha 399) ele não sabia? (linha 401) e aí tu te mandou pra cidade dele (linha 427) e começaram a namorar? (linha 436) ah tá uma a cada três meses decerto (linha 484) e daí vocês ficaram vários anos namorando (linha 496)</p>
Informações contextuais	<i>Everybody talks very well about Porto</i> (linha 28)
Fornecimento de item lexical	pai (linha 117) Português (linha 126) solteiro (linha 305) patota (linha 331) dois me/ (linha 478) viajar (linha 494)
Fornecimento de item lexical e finalização de enunciado	<i>to Portugal</i> (linha 49) com ela (linha 452) navios (linha 354) três viagens pra lá (linha 482)
Expressão avaliativa	<i>Portugal? I guess you would say USA</i> (linha 19) <i>no?</i> (linha 21) <i>oh</i> (linha 23) capaz (linha 450)
Sinalização de entendimento	ah:: (linhas, 373) ah tá (linhas 65, 122, 229, 277, 348, 366, 408, 502) hum (linha 193) aham (linha 251) hum (linha 310) já estava separada (linha 341) ah tá muito tempo depois (linha 343) ah ele tava viúvo (linhas 363-364) ah: as amigas que sabiam (linha 379) hum:: (linha 490) ah:: (linha 498)
Solicitação de narrativa	ai me conta essa história (linha 59)

Reformulação	entrelaçadas lá (linha 418) interligados (linha 424)
Recapitulação do assunto	na rua ali (linha 143) que tu ficou encantadíssima com ele (linha 291) e daí foram cinco dias de namoro assim bem leve (linha 470)
Finalização de enunciado	introspectivo assim (linha 248) do a:no (linha 475)
Avaliação	eu adoro história de amor (linhas 59-60) capaz tu sentiu aquela coisa que era o cara que coisa né (linhas 206-207) que bonitinho (linhas 441, 472) sim mas tem que pensar que são poucas as pessoas que acham o amor assim né (linhas 519-520)

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Oliveira (2013).

Os movimentos utilizados pela pesquisadora atuam mais no sentido de expressar atenção e compreensão à narradora. Nessa narrativa, houve mais pedidos de esclarecimento, o que é comum ocorrer em narrativas mais longas. Como em algumas passagens a participante demonstrou lapsos de memória, as recapitulações do assunto foram importantes para a continuação da narrativa.

A última dimensão, a postura moral, está ligada à crítica ao comportamento do ex-marido, motivo do seu divórcio e também à fidelidade dos seus sentimentos. A performance narrativa utilizada por Joana a posiciona como uma mulher romântica, carinhosa e apaixonada, mas, ao mesmo tempo independente e empoderada, que rompe paradigmas tradicionais, talvez de sua própria geração, e toma a iniciativa para viver o amor da sua vida. Além disso, apesar de demonstrar gestos de carinho com Lucas, não deixa de lhe cobrar por atitudes erradas, o que indexa o comportamento de uma mulher insubmissa. Apesar da decepção sofrida com sua separação e com os anos passados, ela não desiste da ideia de vivenciar aquele sentimento da juventude. Vale destacar que a menção indireta à DA, feita pela entrevistada nessa interação, não é destacada por ela na narrativa, apenas visa contextualizar os eventos. O destaque é dado à história do seu grande amor, essa que deseja contar.

6.3 Performance Narrativa de Carmen: a Infância

Essa interação foi a primeira entrevista realizada com Carmen, então sua primeira experiência. Participam da interação a pesquisadora, a participante e também sua filha, identificada como Ana. Inicialmente, a pesquisadora se apresenta à participante e conta um pouco de si. Carmen não demonstra iniciativa de falar sobre si mesma, então a pesquisadora mobiliza alguns tópicos que podem contribuir para a apresentação de Carmen. Esta interação ocorreu em setembro de 2021, abrangendo cerca de trinta e cinco minutos de gravação.

Nesse momento da interação que passaremos a analisar, Carmen está citando para a pesquisadora coisas que gosta de fazer como passear. Logo em seguida, motivada pela pergunta da filha Ana sobre a atividade de costurar, Carmen inicia uma pequena narrativa.

6.3.1 “Coisinha de criança”

222	Ana:		[ô ô
		mãe	
223	Carmem:	ã?	
224	Ana:	gostava de costurar?	
225	Carmem:	eu gostava	
226	Pesquisadora:	gostava?	
227	Carmem:	gostava a minhas filha tudo era é ã: tudo	
		eu fazia	
228		em casa	
229	Pesquisadora:	ah é?	
230	Carmem:	°tudo° ... fazia cas/	
231	Pesquisadora:	o que que a senhora fazia?	
232	Carmem:	as roupa roupinha né	
233	Pesquisadora:	tudo que é tipo de roupa	
234	Carmem:	é: simplesinha né tudo coisas (simplesinha)	
		quando	
235		queria uma coisinha melhor levava no no no	
		no e no:	

236 num: como é que se diz?
237 Pesquisadora: loja?
238 Carmem: não: é nas: ã: ... é não é loja mas aí ã::
agora é
239 parecido
240 Pesquisadora: hum
241 Carmem: pra fazer né fazia
242 Pesquisadora: as costureiras?
243 Carmem: [mandar fazer
244 Pesquisadora: sim
245 Carmem: os: ... é
246 Pesquisadora: e a senhora costura ainda?
247 Carmem: [essas ali sempre tive bem
ã?
248 Pesquisadora: a senhora costura ainda?
249 Carmem: não
250 Pesquisadora: não?
251 Carmem: não ... faz anos que eu não co/ ma/ ... tem
doe
252 terminei com a minha função aí
253 Pesquisadora: mas e a máquina tem ainda?
254 Carmem: não não
255 Pesquisadora: [não tem mais nada
256 Carmem: tirei tudo de mim ... porque não ia fazer
né então:
257 passei pra adiante que ia trabalhar
258 Pesquisadora: mas não ia fazer porque enjoou?
259 Carmem: não é: ... é: não tinha vontade mesmo
260 Pesquisadora: [ah tá
261 Carmem: não tinha não ... não tinha e não tenho
mais assim
262 ã aquela: ... ã fave feve como é mi/ ...
firma firma
263 assim pra se trabalhar assim pra trabalhar

na
264 máquina né
265 Pesquisadora: si:m e fica difícil de manusear
266 Carmem: pra (olhar) também não tenho mais ... não
tenho mais
267 Ana: e o crochê mãe?
268 Carmem: crochê sim croché ainda eu: eu:
269 Pesquisadora: ainda sai
270 Carmem: fazia
271 Pesquisadora: hum
272 Carmem: fazia não (faço) mais
273 Pesquisadora: também não ... e o que que a senhora fazia
de
274 crochê? fazia roupa também?
275 ...
276 Carmem: ah fazia as roupinha pras: pras criança
pequena ...
277 pros maiorzinho eu fazia alguma coisa não
é: ...
278 fazia pra pra pra minhas ... os paninho pra
pra bota
279 as fraldinha
280 Pesquisadora: ah então a senhora fazia pros filhos
281 Carmem: é é: fazia pros filho
282 Pesquisadora: que bom
283 ...
284 Carmem: quando as criança nasciam sempre fazia uma
coisinha
285 assim
286 Pesquisadora: aham
287 Carmem: de croché: assim ... enfeitadinhos
288 Pesquisadora: sapatinho
289 Carmem: é
290 ...

291 Ana: nas toalhas né mãe nas toalhas

292 Carmem: é é isso

293 Ana: [nas toa:lhas nos panos de prato

294 Carmem: isso isso ... é foi isso

295 Ana: toalha de me:sa

296 Carmem: é tudo coisas assim ... fácil né de fazer

297 Pesquisadora: que bom

298 Ana: eu não sei porque

299 Carmem: [se sempre sempre tive assim ...
aquele

300 dom de vi de fazer as coisas assim de fazer
né ...

301 vê um ia fazer às vez fazia ah me fazia
uma: uma: um

302 (SI) um um pro meu filho ... tá deixa que a

303 mãe vai fazer um um uma coisinha pra ele
... aí todo

304 mundo fazia ... as guria eu pras gurias eu
tudo:

305 mais ou menos comigo

306 Pesquisadora: uhum

307 ...

308 Carmem: de fazer as: coisa (pra) elas

309 Pesquisadora: e senhora ensinou alguém? a fazer crochê

310 ...

311 Carmem: é não que ensinasse né ã: não coe ã: não:
não o

312 (cérebro) (SI) não não acertava fazer é::
a::

313 Ana: é: quem aprendeu aprendeu: vendo assim né

314 Carmem: [é:
é:

315 Ana: e ã tipo eu não tenho dom nenhum mas é:

316 Pesquisadora: ((risos))

317 Carmem: é: é:
318 Pesquisadora: a Ana não sabe
319 Carmem: não é: tudo a que menos que não foi não não
fez nada
320 né ... é:
321 Ana: mas eu já virei nora tu viu né?
322 Pesquisadora: aham
323 Carmem: [((risos))
324 Ana: nora cunhada
325 Pesquisadora: aham
326 Ana: mas ela:
327 Pesquisadora: é mas a senhora sempre morou aqui na
cidade?
328 ...
329 Carmem: sempre
330 Pesquisadora: sempre desde pequeninha?
331 ...
332 Carmem: né dizem que sempre não eu: ã: uns anos eu:
...
333 morei (SI) ... (não lembro) como era o nome
da do:
334 ... agora que eu não sei o nome do cas/ da
cidade
335 ((risos))
336 Ana: quando tu era pequena?
337 Carmem: não quando só quando eu (casei)
338 Ana: quando tu casou?
339 Carmem: quando eu casei é
340 Ana: tu morou na outra cidade e depois tu morou
no
341 Uruguai
342 Carmem: [é
343 Pesquisadora: [Urugua:i
344 Ana: Uruguai

345 Carmem: eu ia falar
346 Ana: é:
347 Carmem: (eu morei) no Uruguai é
348 Pesquisadora: [que legal
349 Carmem: é
350 Pesquisadora: e a senhora gostava de lá?
351 Carmem: ã?
352 Pesquisadora: a senhora gostava do Uruguai?
353 Carmem: eu gostava do Uruguai
354 Pesquisadora: por que o que que tinha lá?
355 Carmem: era bom
356 Pesquisadora: hum
357 Carmem: era bom pra o bem do meu marido
358 Pesquisadora: ah é
359 Carmem: é que e tem trabalhava lá né então:
360 Pesquisadora: que que ele fazia dona Carmem?
361 ...
362 Carmem: olha não tinhas de responder ... o que que
ele tinha
363 o que ele fazia lá
364 Pesquisadora: mas era bom
365 Carmem: não me lembro não me lembro mesmo o que que
ele
366 lá é: não é grande coisa (SI)
367 Pesquisadora: trabalhava lá?
368 Carmem: era ... trabalhava ... eu acho que era mais
...
369 (mineração:) como é que se diz? ... assim
um: tipo
370 um: ... como é que se diz assim ... ai
agora eu não
371 sei não lembro
372 Ana: tu lembra porque que vocês foram morar lá?
373 Carmem: ã fomos pra pra:

374 Ana: por que? lembra?
375 Carmem: por causa da do: meu marido que foi ...
tinha que
376 vir porque não ia ficar sozinho (SI)
377 Ana: [i:sso
378 Carmem: na casa
379 ...
380 Ana: e não era relacionado a terras? a trabalhar
na terra
381 Carmem: não era o meu não era nada de terra
382 Ana: não era?
383 Carmem: não
384 Ana: tem certeza?
385 Carmem: não é era ele cuidava dum turma de de...
de: de quem
386 tem cuidava pra: ... o: trabalho né
387 Ana: uhum:
388 Carmem: o ma-terial ... cuidava do: ... do que que
cuidava
389 ... o se tem o: os: como é que diz o patrão
né pra
390 Pesquisadora: uhum
391 Carmem: pra (cuidar)
392 ...
393 Pesquisadora: e a senhora gostava de lá?
394 Carmem: eu gostava ... gostava de lá acho que era
um tempo
395 muito bom ... vai eu morei moremo acho que
uns dois
396 ano lá ... acho que foi ... (não) me lembro
mais
397 Pesquisadora: e era só a senhora e ele ou já tinha
filhos?
398 ...

399 Carmem: tinha se as filhas
400 Ana: já tinha
401 Carmem: já tinha aham é: pequeninhas
402 Ana: uhum
403 ...
404 Carmem: é era pequena
405 ...
406 Pesquisadora: daí a senhora cuidava da casa
407 ...
408 Carmem: não eu tinha: ã tinha: um: uma empregada da
casa
409 Pesquisadora: ah é
410 Carmem: tinha
411 Ana: o:lha que legal
412 Carmem: [é: era tinha no
413 ...
414 Pesquisadora: e a senhora cuidava só das crianças
415 Carmem: só: só das guria
416 Pesquisadora: aham ... então já morou no Uruguai na outra
cidade
417 depois veio pra essa cidade
418 Carmem: aham ... é fize fizemo uma: ... é os lugar
que eu
419 fiquei foi é esses
420 Ana: só também
421 Pesquisadora: [aham: ... e quando criança a senhora
morava onde
422 lembra?
423 Carmem: é: é: na outra cidade eu morava
424 Pesquisadora: [na outra cidade
425 Carmem: sempre sempre morei na outra cidade
426 Ana: sempre deu
427 Carmem: meu pai trabalhava em: na outra cidade
428 Pesquisadora: uhum

429 Carmem: é: na outra cidade pra: aí
430 Pesquisadora: [e a senhora tinha
irmãos?
431 Carmem: ã?
432 Pesquisadora: tinha irmãos?
433 Carmem: não não tinha irmão ... só marido o: pai
435 Pesquisadora: só o pai
236 Carmem: é
237 ...
438 Pesquisadora: (°uhum°)
439 ...
440 Carmem: só o pa/ o: (SI) é um filho
441 ...
442 Pesquisadora: então quando pequena: não tinha com quem
brincar ou
443 tinha
444 ...
445 Carmem: e:u acho que não acho tinha não tinha muita
gente na
446 Pesquisadora: não
447 Carmem: não ... era mais ã acho que era só nós
mesmo que a
448 as tia que já eram tinham mais filho ...
era tudo já
449 mocinha ... tudo já trabalhava
450 Pesquisadora: uhum:
451 ...
452 Carmem: não eram velha mas eram nova mas
trabalhavam né
453 Pesquisadora: sim sim e de criança era só tu então?
454 Carmem: criança era só: eu era eu: tinha mais uma
... tinha
455 mais uma ... acho que era mais a: Neusa
456 Ana: hum pode ser

457 Carmem: é a Neusa
458 Ana: é:
459 Carmem: é a mais nova
460 Ana: i:sso mas tem mais uma
461 Carmem: mais nova não é (abaixo) de mim
462 Ana: i:sso e depois da Neusa tu lembra?
463 Carmem: [sim faz uns anos
mas
464 Ana: sim
465 Carmem: é ... mais uma
466 Ana: é
467 Pesquisadora: e daí vocês brincavam juntas então
468 Carmem: aham
469 Pesquisadora: faziam bagunça na casa
470 Carmem: é
471 Pesquisadora: uhum
472 Carmem: aham e não era muito bagunceira
473 Pesquisadora: não
474 Carmem: cada um tinha uma: ... tinha um: como é que
dizia no
475 uma: ... uma brincadeira ã: algo história
de brincar
476 Pesquisadora: hum
477 Carmem: a tia gostava sempre dá de botar as casinha
tinha
478 nós tinha ... latinha coisinha de de
brinquedo nós
479 tinha muito (pegamo) a minha vó a minha vó
era
480 muito: ... ela sempre foi: foi ã ela
trabalhava numa
481 casa: ... de: família assim sabe
482 Pesquisadora: uhum
483 Carmem: e ã ã ã: restinho de de de: coisinhas que

que a: as
484 dela da da família dela onde ela trabalhava
não
485 queria ela trazia pra nós
486 Pesquisadora: hum::
487 ...
488 Carmem: ((risos)) e nós ficava faceiro e aí
brincar de
489 fazer casinha e fazer coisinha fazer: ...
ah é o:
490 coisinha de criança né
491 Pesquisadora: coisinha de criança
492 Carmem: mas (com o tempo) tudo: muito muito muito
novinhas
493 sem sem mãe sem sem pai também dizer
494 Pesquisadora: ah é?
495 Carmem: sim porque o pai não para em casa né
496 Pesquisadora: sim
497 Carmem: homem parar em casa
498 Pesquisadora: é difícil é
499 Carmem: é difícil ((risos)) ... homem parar em casa
é
500 difícil
501 ...
502 Ana: só se tá doente
503 Pesquisadora: ((risos))
504 Carmem: [é::
505 Pesquisadora: só se tá doente
506 Carmem: só se tá doente mesmo ... ai (eu) má é
rápido
507 ...
508 Pesquisadora: então foi uma infância bo:a
509 Carmem: é: graças a Deus rolemo assim mas ã sempre
bem ...

510 bem acomodadas ... ((risos))
511 Pesquisadora: ((risos)) que bom
512 Carmem: bem acomodadas sempre era na tia a tia
513 Pesquisadora: a tia cuidava
514 Carmem: a tia cuidava ... é: fazia tudo
515 Pesquisadora: uhum
516 Carmem: né cuidava ganha roupa aquilo tudo era uma
tia que
517 nós tinha
518 Pesquisadora: uhum
519 Carmem: era uma tia viúva da minha (mãe)
520 Ana: é
521 Carmem: uhum
522 Ana: essa eu não conheço
523 Carmem: é uma viúva muito muito nova ela fi o o
marido é:
524 era muito bêbado
525 Ana: °bom essa eu não sabia°
526 Carmem: e era uma pessoa que não era: não era: ...
não era
527 sadio e: be/ bebia que nem sei ... foi foi
foi que:
528 que ele levou ... enquanto a: a mãe podia
trabalhar
529 ... não tinha ... não tinha como é que diz?
530 confiança no marido né
531 Pesquisadora: uhum:
532 Carmem: não tinha nem: ... é: as coisas vem
533 Pesquisadora: sim
534 Ana: vem na lembrança né
535 Carmem: é aham dá na lembrança

6.3.2 Análise do Dado

De acordo com Hydén (2018), as histórias de pessoas com algum tipo de doença neurodegenerativa como a DA costumam ser caracterizadas como histórias quebradas (*broken stories*), pois, em contraste com outras, essas narrativas tendem a ser fragmentadas, confusas e repetitivas. No entanto, o autor considera que, apesar dos eventuais problemas que se manifestam ao narrar, a atividade de contar histórias ainda é muito relevante para as pessoas que convivem com esse contexto patológico, pelo simples fato de que a pessoa acometida e outras pessoas da família têm muito da sua identidade investida nas histórias que elas continuam a contar.

Ao falar um pouco sobre si, diante da *open-ended question* da filha Ana, Carmen inicia uma narrativa falando sobre sua antiga atividade de costurar. Na linha 224, Ana pergunta se a mãe gostava de costurar, fato que é confirmado por esta na linha 225. Ao novamente ser questionada pela pesquisadora na linha 226, Carmen inicia sua narrativa.

A performance narrativa de Carmen coloca-a como personagem principal; os demais personagens que surgem são secundários, sem uma participação efetiva na história: estão ali meramente a fim de garantir a veracidade dos eventos narrados.

Na linha 227, Carmen afirma que as roupas das filhas eram feitas por ela. Ao dizer “tudo eu fazia”, Carmen evidencia a importância da sua atividade ao contexto familiar, visto que era ela quem vestia as filhas. Em seguida, passa a descrever o que produzia: na linha 232, ela usa o termo “roupinha” e, na linha 234, usa do predicativo “simplesinha”. Os termos utilizados pela participante no grau diminutivo, indexam o modo simples como ela via sua atividade, sem grandes requintes, o que fica mais evidente quando ela afirma, nas linhas 235-236, que as roupas melhores não era ela quem costurava, mas mandava fazer.

Quando perguntada pela pesquisadora se ela continua a costurar, Carmen nega e nas linhas 251-252 diz “faz anos que e não co/ ma/ ... tem doe terminei com a minha função”. Ao ser questionada se permanece com a máquina de costura, ela responde: “tirei tudo de mim porque não ia fazer” (linha 256), indexando o fim completo de sua atividade de costura de antigamente. Após perguntar o motivo que a levou a abandonar a atividade que

gostava, Carmen enumera alguns motivos, como a falta de vontade (linha 259) e as dificuldades físicas (linha 261-266).

Na linha 267, novamente, Ana questiona a mãe sobre outra atividade que gostava de desempenhar: o crochê. A pequena narrativa sobre a atividade de costurar se encerra e outra se inicia. Nas linhas 273-274, a pesquisadora pergunta o que ela costumava fazer e Carmen, a partir da linha 276, passa a descrever: “roupinha pras criança pequena, pros maiorzinho” (linhas 276-277), “quando as criança nasciam sempre fazia uma coisinha” (linha 284), “enfeitadinhos” (linha 287). Novamente, Carmen opta por utilizar os termos no grau diminutivo, corroborando com a ideia de não ser um trabalho muito elaborado, mas simples, o que é confirmado na linha 296, quando diz “tudo coisa fácil de fazer”.

A participante avalia a si mesma como sendo uma habilidade inata sua de costurar e de fazer crochê (linhas 299-300): “sempre tive assim aquele dom de fazer”. Nas linhas 299 a 305, ela repete que costurava roupas para os filhos e reporta a própria fala “tá deixa que a mãe vai fazer um um uma coisinha pra ele” (linhas 302 a 303). Na linha 308, ela finaliza a narrativa. A pesquisadora faz uma pergunta, linha 309, sobre ela ter ensinado a alguém esse ofício, o que é respondido por Carmen, mas a narrativa apresenta-se definitivamente encerrada.

Após a narrativa analisada acima, na linha 327, a pesquisadora pergunta onde ela morou e Carmen, inicialmente, apresenta uma confusão, dizendo que sempre morou ali. Depois, após a pergunta da pesquisadora (linha 330) ela começa a lembrar-se dos fatos (linha 332-335). Ana auxilia com as informações (linhas 336, 338, 341) e, na linha 345, a participante começa a falar um pouco sobre o Uruguai, onde morou por um tempo.

Na linha 421, a pesquisadora pergunta sobre o lugar onde ela morou quando criança e Carmen conta que morava em outra cidade em razão do trabalho do pai. Nesse ponto da interação, a pesquisadora pergunta sobre a infância de Carmen (linhas 442-443) e, a partir daí, desenrola-se uma narrativa que reativa lembranças fortes do passado.

Apesar da incerteza de alguns fatos, manifestada nas linhas 440 e 445, logo Carmen passa a contar um pouco como fora a sua infância, juntamente com a irmã

mais nova, Neusa. A partir da linha 475, a participante conta que cada uma delas tinha uma brincadeira e que a avó dava uma latinha que servia como brinquedo para elas. Novamente, Carmen utiliza termos no grau diminutivo que indexam a simplicidade das brincadeiras “casinha” (linha 477), “latinha, coisinha de brinquedo” (linha 478).

Da linha 470 a 485, a participante conta que sua avó trabalhava em uma casa de família e trazia o que a família não queria mais para ela e sua irmã brincarem. Novamente, ela opta pelos termos no grau diminutivo, ao contar que “restinho de coisinhas” (linha 483) que seriam descartadas, a vó trazia para elas, indexalizando objetos sem valor. Carmen revela, nas linhas seguintes, que elas gostavam daqueles objetos que se tornavam brinquedos. Ela usa o predicativo “faceiro” (linha 488), explicitando seu contentamento e relatando como brincavam: “brincar de fazer casinha” (linhas 488-489).

Nas linhas que seguem, ao contar que “muito novinhas” (linha 492) “sem mãe sem pai” (linha 493) “porque o pai não para em casa” (linha 495), a participante indexa uma infância de crianças sozinhas, sem a presença da mãe que havia falecido, sob os cuidados da tia e da vó, fato que foi confirmado por Ana, sua filha, antes da interação. Além disso, indexaliza a visão de homem que ela concebe “que não para em casa”, “homem parar em casa é difícil” (linha 499-500), ou seja, trabalha fora, não tem tempo para as crianças.

Apesar de ser um fato triste, Carmen conta a sua história de forma leve, em meio a brincadeiras e risos, como identificamos na linha 499. Quando a pesquisadora conclui que foi uma infância boa, ela confirma, dizendo “rolemo” (linha 509), no sentido de não ter exatamente um lar, mas mostrando que sempre estiveram bem acomodadas (linha 509-510) e que a tia cuidava, fazia tudo, ganhava roupa (linhas 514-517).

Contextualizando para a filha sobre quem era a tia, Carmen insere uma narrativa encaixada da linha 523 à 530, contando a breve história de que era uma tia que ficou viúva jovem, cujo marido bebia muito.

Finalizando a narrativa, a participante volta-se para o presente e reflete: “as coisas vêm” (linha 532); Ana complementa essa ideia, dizendo “vêm na lembrança né” (linha 534), o que é confirmado por ela: “é aham dá na lembrança” (linha 535). O comentário final de Carmen vem ao encontro do

argumento de Hydén e Örvulv (2009) que consideram que, por meio das narrativas de histórias de vida, nós construímos quem somos, desenvolvemos e possuímos uma identidade, um senso de nós mesmos. Para Carmen, ressignificar essa história naquele momento foi algo positivo, dada sua admiração ao concluir a narrativa.

Analisando essa interação, podemos dizer que as narrativas de Carmen, apesar de não apresentarem uma estrutura bem definida, de serem mais curtas e de se apresentarem fragmentadas, conseguem ressignificar suas experiências e refletem uma coconstrução do seu *self* e da sua identidade.

Em relação às dimensões da narrativa, podemos observar que, quanto à narração, Carmen se apresenta, em determinados momentos, como conarradora, necessitando do estímulo e de informações para dar continuidade à história e, em outros, como narradora principal, por exemplo, quando conta sobre sua infância.

Podemos observar os seguintes movimentos realizados por Carmen na narrativa:

Quadro 8 - Ações desempenhadas por Carmen durante a narrativa 1

Linhas	Ação desempenhada	Tópico
Linha 445	Inicia a narrativa	infância
Linha 495	Avaliação	pai
Linha 509	Retoma a narrativa	infância
Linha 519	Inserir informação contextual	tia
Linha 523	Narrativa encaixada	tia
Linha 532	Coda	

Fonte: Elaborado pela autora.

Na narrativa de Carmen, não há uma sucessão de eventos progressivos que revelem uma sequência linear ou não de eventos. A narrativa conta sobre sua condição na infância em uma história curta situada no passado. Segundo Ochs e Capps (2001), as narrativas de experiências pessoais geralmente não são totalmente lineares ou não lineares, mas apresentam diferentes graus. Essa característica da narrativa de Carmen não a torna incoerente.

Quanto ao encaixe da narrativa, apresenta-se relevante e diretamente vinculada ao contexto da interação e ao questionamento feito pela pesquisadora, é

relacionada a sua infância. A pequena narrativa sobre a tia, encaixada à principal também exerce um papel importante, uma vez que contextualiza quem era a tia para Ana que relatou não a conhecer.

Em se tratando de historiabilidade, a narrativa de Carmen a possui em alto grau (historiabilidade alta), retratando fatos de sua vida que a pesquisadora desconhecia e que a filha sabia parcialmente, o que demonstra a coconstrução identitária de Carmen, mesmo com a perda de memória se agravando. Apesar de não utilizar gestos ou muitas falas reportadas, as cenas narradas pela participante prendem a atenção da audiência.

A postura moral aparece, de certa forma, fluída, mas pode ser percebida pelo fato de que, mesmo que a vida tenha sido difícil, Carmen não revela sentimentos de mágoa ou de pessimismo; pelo contrário, ela prefere ver o que há de positivo. A performance narrativa de Carmen mobiliza recursos linguísticos que indexam a identidade de uma mulher de hábitos simples que teve uma infância difícil e humilde e que criou os filhos de forma simples também. Além do mais, apesar de ter vivido momentos tristes e difíceis, não se deixa abater e prefere ver o lado bom da vida. Carmen revela sua humildade e simplicidade sem se queixar das experiências vividas. A performance narrativa da participante demonstra como os eventos narrativos apontam para múltiplas identidades que constituem o seu *self*: a dona de casa, a mãe, a filha órfã, a irmã mais velha, a esposa.

Por fim, tendo em vista que apresenta dificuldades acentuadas em relação à memória, é nítido perceber que a colaboração é imprescindível para a participação de Carmen na interação. Tal colaboração é dada, em parte, pela pesquisadora, mas, principalmente, pela filha, que detém e vivencia um conhecimento mútuo com a mãe, conhece a sua história e pode auxiliá-la.

As ações colaborativas das interlocutoras podem ser mapeadas da seguinte forma:

Quadro 9 - Movimentos de colaboração da pesquisadora e da filha Ana

Recurso	Realizado por	Momento da interação
Perguntas abertas para introduzir tópico	Ana	gostava de costurar? (linha 224) e o crochê mãe? (linha 267) tu lembra por que que vocês foram morar lá? (linha 372) por quê? lembra? (linha 374) e não era relacionado a terras? a trabalhar na terra? (linha 380)
Perguntas abertas para introduzir tópico	pesquisadora	é mas a senhora sempre morou aqui na cidade? (linha 327)
Chamar a atenção	Ana	ô ô mãe (linha 222)
Confirmações	pesquisadora	tudo que é tipo de roupa (linha 233) sim (linha 244, 496, 533) aham (linha 286, 325) não era? (linha 382) tem certeza? (linha 384) uhum (linha 390) já tinha (linha 400) aham (linhas 416, 421) só o pai (linha 435) sim sim (linha 453) coisinha de criança (linha 491) só se tá doente (linha 505) a tia cuidava (linha 513) uhum: (linha 531)
Confirmações	Ana	Uruguai (linha 344) é (linha 346, 458, 466, 520) i: sso (linha 377, 460, 462) uhum: (linha 387) uhum (linha 402) hum pode ser (linha 456) sim (linha 464)
Continuadores	pesquisadora	hum (linhas 240, 271, 356, 476) uhum (linhas 306, 428, 438, 471, 482, 515, 518) uhum: (linha 450) não (linha 446) hum: : (linha 486)
Pedido de esclarecimento	pesquisadora	gostava? (linha 226) ah é? (linha 229) o que que a senhora fazia? (linha 231) as costureiras? (linha 242) e a senhora costura ainda? (linha 246)

		<p>a senhora costura ainda? (linha 248) não? (linha 250) mas e máquina tem ainda? (linha 253) mas não ia fazer porque enjoou? (linha 258) também não... e o que que a senhora fazia de crochê? fazia roupa também? (linhas 273-274) ah então a senhora fazia pros filhos (linha 280) sapatinho (linha 288) sempre desde pequeninha? (linha 330) e a senhora gostava de lá? (linha 350) a senhora gostava do Uruguai? (linha 352) por que o que que tinha lá? (linha 354) que que ele fazia dona Carmen? (linha 360) mas era bom (linha 364) trabalhava lá? (linha 367) e a senhora gostava de lá? (linha 393) e era só a senhora e ele ou já tinha filhos? (linha 397) e daí a senhora cuidava da casa (linha 406) e a senhora cuidava só das crianças? (linha 414) então já morou no Uruguai na outra cidade depois veio pra essa cidade (linha 416-417) e quando criança a senhora morava onde? lembra? (linhas 421-422) na outra cidade (linha 424) a senhora tinha irmãos? (linha 430) tinha irmãos? (linha 432) então quando pequena: não tinha com quem brincar ou tinha (linhas 442- 443) e de criança era só tu então? (linha 453) e daí vocês brincavam juntas então? (linha 467) faziam bagunça na casa (linha 469)</p>
Pedido esclarecimento	de Ana	quando tu era pequena? (linha 336) quando tu casou? (linha 338)

Informações contextuais	Ana	nas toalhas né mãe nas toalhas (linha 291) nas toa: lhas nos panos de prato (linha 293) toalhas de mesa (linha 295) e a senhora ensinou alguém? a fazer crochê (linha 309) é quem aprendeu aprendeu: vendo assim né (linha 313) e ã tipo eu não tenho dom nenhum mas é: (linha 315) tu morou na outra cidade e depois tu morou no Uruguai (linha 340-341) mas tem mais uma (linha 460) e depois da Neusa tu lembra? (linha 462) só se tá doente (linha 502) essa eu não conheço (linha 522)
Fornecimento de item lexical	pesquisadora	loja? (linha 237)
Expressão avaliativa	pesquisadora	Urugua: i (linha 343) ah é? (linha 358, 409, 494) não (linha 473)
Sinalização de entendimento	pesquisadora	ah tá (linha 260)
Reformulação	pesquisadora	não tem mais nada (linha 255) si: m e fica difícil de manusear (linha 265) ainda sai (linha 269)
Recapitulação do assunto		então foi uma infância bo: a (linha 508)
Finalização enunciado	pesquisadora	é difícil é (linha 498)
Finalização enunciado	Ana	vem na lembrança né (linha 535)
Avaliação	pesquisadora	que bom (linhas 282, 297, 511) que legal (linha 348)
Avaliação	Ana	o: lha que legal (linha 411)

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Oliveira (2013).

A colaboração nas interações com pessoas acometidas pela DA são fundamentais, mas, nesse caso, a participação e a coconstrução juntamente com a filha foram elementos-chave para que Carmen reativasse antigas lembranças. As informações contextuais que Ana fornece à Carmen, além de contribuir para a reativar memórias, auxiliam a organizar a narrativa, em uma sequência progressiva de eventos. Hydén (2011) destaca que a pessoa não acometida tem o papel de maior responsabilidade na conversa e no trabalho de reparo, enquanto a pessoa com DA organiza colaborativamente esse trabalho, de forma que possa significar os sentidos e os eventos, atuando ativamente como um participante da interação. O andaimento realizado por Ana possibilitou que Carmen desenvolvesse sua performance narrativa e esta atuou no sentido de reafirmar seu *self* e de coconstruir sua identidade localmente na e pela linguagem em interação com as interlocutoras.

6.4 Performance Narrativa de Carmen: o Casamento, a Família

O segundo dado faz parte de uma entrevista realizada com Carmen em outubro de 2021 e abrange cerca de 33 minutos de gravação, da qual participam Carmen, sua filha mais nova, Ana e a pesquisadora. Ao chegar à residência de Carmen, ela estava tomando seu café da tarde, então a interação acontece na mesa da sala de jantar, enquanto ela e filha fazem a refeição. Ao chegar, a pesquisadora pergunta se Carmen lembra-se dela. Diante da resposta negativa, a pesquisadora se apresenta, senta e começam a conversar.

Nessa entrevista, vários assuntos são abordados: quem cuida da participante, quem a visita e, dentre outros, a saída que a Carmen tinha feito nesse dia, ao salão de beleza. Ana conta que sua mãe foi se arrumar, cortar o cabelo, fazer a sobrancelha e as unhas. Carmen concorda e afirma que não podemos deixar de nos cuidar. Nesse momento da conversa, inicia o excerto que trazemos a seguir.

6.4.1 “Tudo passa no tempo da gente”

246	Ana:	vamo (forrar) né mãe é como fazer se arrumar ficar
247		bonita às vez não quer nem vou falar
248	Carmen:	[((risos))]

249 Ana: não é
250 Carmen: arrumar um casamento ainda
251 Ana: vai
252 Pesquisadora: [oh: ((risos))
253 Ana: por favor nã:o
254 Pesquisadora: a senhora quer arrumar um casamento? a
senhora
255 Carmen: que eu °não°
256 Pesquisadora: não?
257 Carmen: °não quero:° (nunca) nunca pensei
258 Pesquisadora: não?
259 Carmen: ((balança negativamente a cabeça))
260 Pesquisadora: a senhora já foi casada?
261 Carmen: fui casada graças a Deus
262 Pesquisadora: uhum
263 Carmen: e depois que: faleceu eu ((levanta as mãos
para
264 cima)) acabou
265 Pesquisadora: acabou
266 Carmen: acabou a festa
267 Pesquisadora: ((risos))
268 Carmen: é:
269 Ana: tu não vai me contar o que que tu fazia né
mãe
270 Carmen: ((risos))
271 Ana: [ai ai ai
272 Carmen: não é:
273 Pesquisadora: onde como é que a senhora conheceu o seu seu
marido?
274 Carmen: an?
275 Pesquisadora: como é que a senhora conheceu ele? ... o seu
marido
276 Carmen: como é que eu conheci?
277 Pesquisadora: é conheceu onde?

278 Carmen: ah no mesmo lugar
279 Pesquisadora: no mesmo lugar
280 Carmen: [nós morava tudo ju/ meio perto
281 Pesquisadora: ((balança positivamente a cabeça))
282 Ana: tu lembra o que que ele te levava de
presente?
283 Carmen: ã não me lembro agora
284 Ana: tu não lembra? que ele passava ele pegava
na: nas
285 terras do pai dele
286 Carmen: [ah: é
287 Ana: e levava pra ti?
288 Carmen: é é
289 Ana: [o que o que que ele levava mãe?
290 Carmen: moranga né
291 Ana: e que mais?
292 Carmen: moranga né quer: bra/ ... ã
293 Ana: e aquela fruta como é que é o nome?
294 Carmen: [é: ... bragã (SI)
295 Ana: bem grande aquela fruta
296 Carmen: aham
297 Ana: verde:
298 Carmen: é:
299 Ana: como é que é o nome?
300 Carmen: pois é ((risos)) (quer dizer)
301 Pesquisadora: aí que tá como é que é o nome? ((risos))
302 Ana: ai eu não sei o nome tu que sabe tu que
ganhava dele
303 Carmen: eu não lembro o nome é:
304 Ana: era vermelha por dentro ah:
305 Carmen: é é é ... como é que ... não não é (SI)
306 Ana: me:
307 Carmen: é não é melão
308 Pesquisadora: melancia?

309 Carmen: melancia
310 Pesquisadora: melancia
311 Carmen: é: melancia
312 Pesquisadora: a senhora ganhava muita melancia abóbora
313 Carmen: é: é
314 Pesquisadora: muita moranga e muita melancia
315 Carmen: é: queria me lembrar e não:
316 Pesquisadora: não saía ((risos)) eu sei ((risos)) ... ai
ai e a
317 senhora gostava de melancia e de moranga?
318 Carmen: ma:s adorava
319 Pesquisadora: ai só tinha que gostar né já pensou ganhando
320 bastante ((risos))
321 Carmen: pegava lá no pai dele
322 Pesquisadora: an
323 Carmen: e trazia
324 ...
325 Ana: e o que que teu pai dizia? que que é e ele
deixava?
326 ... ou ele dizia uma coisa pra ti ele tinha
uma
327 frase tu lembra?
328 Carmen: ah ele dizia eu não me lembro eu não sei
mais ... eu
329 não lembro
330 Ana: [sessenta e: deixa eu ver eles casaram com
vinte e
331 cinco há sessenta anos atrás ele dizia uma
coisa pra
332 ti não é pra ti: ... namorar esse:
333 ...
334 Carmen: é:: não me (SI)
335 Ana: é ... mas é ele dizia que não era pra ti
namorar

336 esse guri né
337 Carmen: é: é:
338 Ana: [esse guri era rico e queria só te enganar
339 Carmen: ah é é: (isso mesmo)
340 Pesquisadora: ele era rico?
341 Carmen: é ((risos))
342 Ana: ele tinha melancia ((risos))
343 Pesquisadora: [((risos))
344 Ana: melancia e moranga a Katiuscia não sabe:
345 Carmen: é:
346 Ana: né mãe
347 Carmen: é: ... me dava: me trazia melancia moranga:
348 (bastante:)
349 Pesquisadora: [viu é:
350 Ana: ah:
351 Carmen: ele vinha com era: era: pra cá pra
352 Ana: é:
353 Carmen: deixar nas
354 Ana: nos tio dele
355 Carmen: nos tio dele
356 ...
357 Pesquisadora: daí passava ali:
358 Carmen: passava ali
359 Pesquisadora: [e deixava melanci:a
360 Carmen: aham
361 Pesquisadora: dava umas piscadas
362 Carmen: ((risos))
363 Ana: [((risos))
364 Pesquisadora: [((risos))
365 Carmen: ai ai ... até que que ... (tudo) adiantou
... meu
366 pai ele é: ... meu pai não queria né:
367 Pesquisadora: uhum:
368 Carmen: meu p/ meu pai isso aí é filho de gente rica

369 Pesquisadora: ((concorda com a cabeça)) e aí não:
((risos))

370 Ana: e tu lembra o que que ele jogava mãe?

371 Carmen: não

372 Ana: o que que ele gostava de jogar? na época

373 Carmen: eu não me lembro eu o que que ele jogava:

374 Pesquisadora: é:

375 Ana: não?

376 Carmen: não

377 Ana: °tá bom°

378 ...

379 Carmen: não me lembra mesmo

380 Ana: não lembra?

381 Carmen: não

382 Pesquisadora: futebol?

383 ...

384 Carmen: jogava

385 ...

386 Pesquisadora: jogava?

387 Carmen: °(SI)°

388 Ana: quando novo né

389 Carmen: sim

390 Ana: bem novinho igual quando vocês casaram assim

391 Carmen: é:

392 Ana: que ele jogava bastante no clube no time

393 Carmen: é

394 Ana: lembra?

395 Carmen: aham é: isso [aí

396 Pesquisadora: [ah ele gostava então ele
jogava nos

397 clubes

398 Carmen: é: °(SI)

399 Pesquisadora: uhum: ... aí casaram depois tiveram filhos

400 Carmen: ah é

401 Pesquisadora: é?
402 ...
403 Ana: então
404 Pesquisadora: faz ... faz tempo que ele faleceu dona
Carmen?
405 Carmen: fa:z (muito) tempo
406 Pesquisadora: faz
407 Carmen: ((concorda com a cabeça))
408 Pesquisadora: que que ele teve?
409 ...
410 Carmen: °eu acho que foi: ... (SI) pergunta não sei
411 Pesquisadora: doente acidente que que houve?
412 Carmen: não:o
413 Pesquisadora: não lembra?
414 Carmen: ((discorda com a cabeça)) foi assim até meio
de
415 repente ... né Ana
416 Ana: mas ele tinha um câncer no pulmão
417 Carmen: tinha?
418 Ana: lembra que nós descobrimos num dia depois de
vinte e
419 cinco dias ele faleceu foi fulminante
420 Pesquisadora: no:ssa foi rápido né
421 Ana: [é:
422 ...
423 Carmen: eu não me lembro mais
. ((narrativa encerra e surgem outros
assuntos))
. .
730 Pesquisadora: eu ia lhe perguntar gosta de música?
731 Carmen: ã ã eu adoro
732 Pesquisadora: é mesmo?
733 Carmen: foli:a eu gosto

734 Pesquisadora: ((risos))
735 Ana: gosta mesmo
736 Carmen: adoro
737 ...
738 Pesquisadora: dança também?
739 Carmen: danço bah dançava muito agora
740 Ana: (cre:do) ((risos))
741 Carmen: eu não sei mais
742 Ana: não lembra mais né mãe
743 Carmen: é:
744 Ana: [a gente até tenta dar uma mexida mais aí
ela dá e
745 ai para que eu tô cansada
746 Carmen: ((risos))
747 Pesquisadora: [((risos))
748 Ana: daí ela fica mais
749 Pesquisadora: dançar é bom né
750 Carmen: é: bah: coisa mais boa
751 Pesquisadora: a senhora dançava com seu marido então?
752 Carmen: mais no:ssa °senhora°
753 Pesquisadora: é mesmo?
754 Carmen: ((concorda com a cabeça))
755 Pesquisadora: ele era bom de dança também
756 Carmen: e: ele não era muito muito
757 Pesquisadora: não?
758 Carmen: não não não era muito de dançar né mas aí
dançava
759 Pesquisadora: dançava ... pra agradar a mulher dançava
760 Carmen: [é é
761 Pesquisadora: ((risos))
762 Carmen: ele não é muito de baile
763 Pesquisadora: aham
764 Ana: o bailinho era só familiar né mãe
765 Carmen: é:

766 Ana: baile de rua assim não meu pai não ia
767 Pesquisadora: sim
768 Ana: não gostava
769 Carmen: é não ia
780 Ana: mas as quando fazia as festa na família a
gente se
781 divertia
782 Pesquisadora: sim
783 Ana: nossa se juntava a italianada toda e um e
uns
784 portugueses né junto
785 Pesquisadora: ((risos))
786 Ana: a gente festa tava feita
787 Pesquisadora: ((risos))
788 Carmen: é:
789 Ana: era vi:nho cerveja uns cachaça né
790 ...
791 Carmen: é: as as as coisa boa vão acabando
792 Ana: ah é:
793 ...
794 Carmen: tudo passa ... no tempo da gente
ba:rbaridade
795 ...
796 Ana: por isso que tem que aproveitar né mãe
quando
797 Carmen: bah:
798 Ana: [tem que: aproveitar
799 Carmen: é o que eu sempre digo tem que aproveitar
porque: é
800 é tempo pouco ... quando a gente vê
801 Pesquisadora: é já passou
802 Carmen: já passou né °já passou é°

6.4.2 Análise do Dado

Após conversarem sobre a ida ao cabeleireiro, Carmen destaca que não podemos deixar de nos cuidar, afirmação com que a filha concorda. Na linha 250, a participante brinca, dizendo “arrumar um casamento ainda”. A pesquisadora então pergunta se ela quer casar, o que ela nega de forma direta (linhas 255, 257, 259). A pesquisadora então questiona se ela já foi casada e Carmen confirma, utilizando uma expressão interjetiva que indexa sua felicidade em relação ao casamento: “fui casada graças a Deus” (linha 261) e, em seguida, faz um esclarecimento a fim de eliminar quaisquer dúvidas: “e depois que: faleceu eu ((levanta as mãos para cima)) acabou acabou a festa” (linhas 253-264, 266).

Após uma breve brincadeira de Ana com a mãe, a pesquisadora pergunta como Carmen conheceu seu falecido marido (linhas 273, 275). A participante responde que moravam próximos “ah no mesmo lugar nós morava tudo ju/meio perto” (linhas 278, 280). Nesse momento, a filha Ana intervém e faz uma pergunta a fim de desencadear a história de como o casal se conheceu (linha 282). Como Carmen afirma não se lembrar, Ana faz novos questionamentos dando mais elementos contextuais para que ela se recorde (linhas 284-306) e, aos poucos, Carmen vai complementando a história e coconstruindo, com a filha, a narrativa.

Ana vai estabelecendo, com a mãe, uma colaboração, ao narrar, a fim de reativar antigas memórias e contribuir para a participação de Carmen na interação. Hydén (2018) considera que contar histórias nesse contexto da DA é muito mais do que um ato individual, pois envolve as pessoas não como ouvintes apenas, mas como conarradores. E é dessa forma que Ana se coloca na interação, atuando como conarradora, proporcionando a participação da mãe e, mais do que isso, possibilitando que Carmen reconstitua lembranças e coconstrua seu *self* por meio das histórias do passado.

Ana questiona Carmen sobre o que o pai levava para sua mãe, o que ele tirava da terra da família. Nas linhas 284-285, Ana pergunta: “tu não lembra? que ele passava ele pegava na: nas terra do pai dele”. Carmen se recorda e, na linha 290, responde: “moranga né?”. O marcador discursivo funciona como um apelo de confirmação para Ana com quem ela reconstrói essa lembrança.

Ana novamente questiona o que mais o pai levava e nesse momento, Carmen apresenta uma dificuldade de acesso lexical (linhas 292, 300, 303, 307) e é auxiliada pela pesquisadora (linha 308). Ela confirma (linha 309) que era melancia e, quando a pesquisadora pergunta se ela gostava, ela avalia com entusiasmo “ma:s adorava” (linha 318) e reconstrói os eventos da narrativa (linhas 321, 323) “pegava lá no pai dele e trazia”. Após a pausa de Carmen (linha 324), novamente Ana faz novos questionamentos, estimulando a participação de Carmen, a fim de continuar a história (linhas 325-327). A participante apresenta dificuldade em se recordar (linhas 328-329), então Ana conta mais um pouco sobre o que o pai de Carmen dizia a ela sobre o relacionamento (linhas 332-333, 335-336, 338) e Carmen confirma: “ah é é: (isso mesmo), na linha 339. Após uma breve brincadeira de Ana (linhas 342, 344), a participante toma a iniciativa e retoma toda a narrativa (linhas 351-368): ele vinha com era: era: pra cá pra deixar nas nos tio dele passava ali ai ai ... até que que ... não adiantou ... meu pai ele é: ... meu pai não queria né: meu p/ meu pai dizia isso aí é filho de gente rica”. Na linha 368, utiliza a fala reportada de seu pai, indexicalizando a contrariedade com o namoro.

Na linha 468, Ana tenta buscar uma nova recordação da mãe, o fato de que seu pai jogava quando jovem. Carmen não se recorda (linhas 369-381). Mais adiante, a pesquisadora pergunta sobre o falecimento do marido da participante (linhas 404, 408). Ela afirma fazer muito tempo do seu falecimento, mas não se lembrar do que ocorreu, apenas que foi subitamente (linhas 410, 412, 414-415) e logo pede a confirmação de Ana. A filha conta o que aconteceu (linhas 416, 418-419) e Carmen reafirma que não se lembra (linha 423), suspendendo a narrativa.

A interação prossegue com outros assuntos e, quando já está quase no fim, Ana conta que sua mãe sempre gostou de reunir a família em festas, principalmente no Natal e que, quando não pôde mais fazer isso, pediu que as filhas continuassem. No entanto, Ana ressalta que a mãe ainda gosta das festas e reuniões familiares e de sempre tomar uma cerveja ou vinho nos finais de semana, e também de música nas festas. Nesse ponto da interação, a pesquisadora pergunta se Carmen gosta de música (linha 730) e ela prontamente responde que adora (linha 731) e ressalta: “foli:a eu gosto adoro” (linhas 733, 736). Em seguida, a pesquisadora pergunta se ela também dança e ela afirma: “danço bah dançava muito

agora já não sei mais” (linhas 739, 741), e avalia o ato de dançar como “bah: coisa mais boa” (linha 750). Diante dessa manifestação antiga de gosto pela dança, a pesquisadora retoma, então, a narrativa sobre o marido de Carmen, questionando se ela costumava dançar com o marido (linha 751). A participante reativa essa memória e confirma com entusiasmo “mais no:ssa °senhora°” (linha 752). Ela ainda afirma que “não não não era muito de dançar né mas aí dançava” (linha 758). Carmen esclarece que “ele não é muito de baile” (linha 762), com o que Ana concorda e continua a narrativa, dizendo que seu pai realmente não gostava de bailes, mas gostava das festas familiares e se divertia. Carmen escuta atenta e confirma os fatos, conarrando junto com a filha. Por fim, a participante conclui a narrativa, fazendo uma avaliação e demonstrando seu saudosismo: “é: as as as coisa boa vão acabando tudo passa ... no tempo da gente ba:rbaridade é o que eu sempre digo tem que aproveitar porque: é é tempo pouco ... quando a gente vê já passou né °já passou é°” (linhas 791, 794, 799, 802).

A narrativa de Carmen não se enquadra nos padrões da narrativa laboviana, mas pode ser considerada como uma narrativa coconstruída, segundo a perspectiva de Ochs e Capps (2001). A narrativa de Carmen coloca a si mesma e a seu marido como o casal romântico protagonista da história e seu pai como o antagonista, que tinha receio quanto ao relacionamento.

Considerando as dimensões da narrativa proposta pelas autoras, podemos verificar que, quanto à narração, a história é essencialmente coconstruída com múltiplos narradores: Carmen, Ana e a pesquisadora. O conhecimento compartilhado de Ana fornece elementos que ajudam a lembrar fatos e a manter a continuidade da narrativa. Da mesma forma, a linearidade se mantém progressiva pelo andamento da filha, organizando a sucessão de eventos.

Como movimentos realizados por Carmen durante a narrativa, podemos observar:

Quadro 10 - Ações desempenhadas por Carmem durante a narrativa 2

Linhas	Ação desempenhada	Tópico
Linha 46	Inicia a narrativa coconstruída	Namoro
Linha 103	Reconstrói a narrativa	
Linha 124	Finaliza a narrativa	
Linha 310	Inicia a narrativa coconstruída	Dançar
Linha 340	Finaliza a narrativa	
Linha 352	Avaliação	

Fonte: Elaborado pela autora.

A narrativa é encaixada no contexto da interação e surge em resposta aos assuntos que emergem e aos questionamentos decorrentes. A reportabilidade pode ser considerada alta, pois são experiências de vida que não somente atuam na direção de responder a um questionamento feito pelo interlocutor, mas que constroem a identidade de Carmen pela sua performance narrativa, ressignificando os fatos no contexto atual.

A colaboração exercida por Ana, novamente, foi essencial para a participação da mãe na interação, e para que ela desempenhasse uma performance narrativa que representa a identidade que está coconstruindo. Os movimentos de colaboração podem ser observados no quadro que segue:

Quadro 11 - Movimentos de colaboração da pesquisadora e da filha Ana

Recurso	Realizado por	Momento da interação
Perguntas abertas para introduzir tópico	Ana	tu lembra o que que ele te levava de presente? (linha 282) e tu lembra o que que ele jogava mãe? (linha 370)
Perguntas abertas para introduzir tópico	pesquisadora	a senhora já foi casada? (linha 260) onde como é que a senhora conheceu o seu seu marido? (linha 273) como é que a senhora conheceu ele? ... o seu marido (linha 275) é conheceu onde? (linha 277)

		eu ia lhe perguntar gosta de música? (linha 730)
Confirmações	pesquisadora	acabou (linha 265) no mesmo lugar (linha 279) muita moranga e muita melancia (linha 314) faz (linha 406) aham (linha 763) e já passou (linha 801) uhum: (linha 367)
Confirmações	Ana	não é (linha 249) vai (linha 251) é (linha 335) é: (linha 352) gosta mesmo (linha 735) ah é: (linha 792) por isso que tem que aproveitar né mãe quando (linha 796) tem que: aproveitar (linha 798)
Continuadores	pesquisadora	uhum (linha 262) melancia (linha 310) an (linha 322) uhum: (linha 399)
Pedido de esclarecimento	pesquisadora	e a senhora gostava de melancia e de moranga? (linhas 316-317) ele era rico? (linha 340) aí casaram depois tiveram filhos (linha 399) é? (linha 401) faz ... faz tempo que ele faleceu dona Carmen? (linha 404) que que ele teve? (linha 408) <u>doente</u> <u>acidente</u> que que houve? (linha 411) é mesmo? (linhas 732, 753) dança também? (linha 738) a senhora dançava com seu marido então? (linha 751) ele era bom de dança também (linha 755) não? (linha 757) dançava ... pra agradecer a mulher dançava (linha 759)

<p>Informações contextuais</p>	<p>Ana</p>	<p>tu não lembra? que ele passava ele pegava na: nas terras do pai dele (linhas 284-285-) e levava pra ti? (linha 287) o que o que que ele levava mãe? (linha 289) e que mais? (linha 291) e aquela fruta como é que é o nome? (linha 293) bem grande aquela fruta (linha 295) verde (linha 297) era vermelha por dentro ah: (linha 304) e o que que teu pai dizia? que que é e ele deixava? (linha 325) ... ou ele dizia uma coisa pra ti ele tinha uma frase tu lembra? (linhas 326-327) sessenta e: deixa eu ver eles casaram com vinte e cinco há sessenta anos atrás ele dizia uma coisa pra ti não é pra ti: ... namorar esse: (linhas 330-333) é ... mas é ele dizia que não era pra ti namorar esse guri né (linhas 335-336) esse guri era rico e queria só te enganar (linha 338) o que que ele gostava de jogar? na época (linha 372) quando novo né (linha 388) bem novinho igual quando vocês casaram assim (linha 390) que ele jogava bastante no clube no time (linha 392) mas ele tinha um câncer no pulmão (linha 416) lembra que nós descobrimos num dia depois de vinte e cinco dias ele faleceu foi fulminante (linhas 418-419) o bailinho era só familiar né mãe (linha 764) baile de rua assim não meu pai não ia (linha 766) não gostava (linha 768) mas as quando fazia as festa na família a gente se divertia (linha 780-781) nossa se juntava a italianada toda e um e uns portugueses né junto (linhas 783-784) a gente festa tava feita (linha 786)</p>
--------------------------------	------------	---

			era vi:nho cerveja uns cachaça né (linha 789)
Fornecimento de item lexical	de	pesquisadora	melancia? (linha 308)
Fornecimento de item lexical e finalização de enunciado	de	Ana	nos tio dele (linha 354)
Expressão avaliativa		Ana	ah: (linha 350)
Recapitulação do assunto	do	pesquisadora	a senhora ganhava muita melancia abóbora (linha 312) ah ele gostava então ele jogava nos clubes (linhas 396-397)
Finalização enunciado	de	pesquisadora	não saía ((risos)) eu sei ((risos)) ... ai ai e a (linha 316)
Avaliação		pesquisadora	ai só tinha que gostar né já pensou ganhando bastante (linhas 319-320) no:ssa foi rápido né (linha 420) dançar é bom né (linha 749)

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Oliveira (2013).

Levando em consideração a performance narrativa de Carmen, podemos identificar elementos que indexam que ela era feliz com seu casamento, pela locução interjetiva “graças a Deus”, utilizada no excerto anterior (linha 261), quando diz que adorava os presentes recebidos, com uma entonação diferente, do então namorado (linha 318) e, ao contar a narrativa de forma leve e descontraída em meio a risos.

A postura moral de Carmen deixa transparecer valores relacionados à família, e aos momentos juntos. Sua performance narrativa indexicaliza a identidade de uma mulher que foi feliz com o casamento, que dá valor às coisas simples da vida, como

a convivência com a família e que sente falta dos tempos felizes que viveu no passado.

6.5 Performance Narrativa de Rúbia: os Estudos

O dado que será analisado foi a primeira entrevista gerada com a participante em novembro de 2022 e abrange cerca de 37 minutos de duração. Além da pesquisadora, colega do Grupo de Pesquisa, identificada pelo nome fictício Marina e da participante Rúbia, estavam presentes seus netos, Pamela e Bruno.

Rúbia não terminou seus estudos, mas foi alfabetizada com a ajuda da irmã mais velha. Ela sente muito orgulho dos filhos que estudaram. Esse assunto vem à tona na interação e acaba se tornando o tópico principal das narrativas que emergem.

Iniciando a entrevista, a pesquisadora pergunta sobre a rotina da participante e ela explica que a sua filha e ela moram na mesma casa. Nesse momento, a interação é iniciada.

6.5.1 “Umas surras bem boa”

103	Pesquisadora:	ai que bom teve bastante filho
104	Rúbia:	°é°
105	Pesquisadora:	daí vão: vão te visitando né
106	Rúbia:	pois é
107	Pesquisadora:	coisa boa
108		...
109	Rúbia:	ah e a minha filha: ... mora aí em cima
110	Pesquisadora:	a:i que coisa boa aí [tá sempre pertinho]
111	Rúbia:	[eu fiquei lá ó: nesse] eu
112		ama: eu: ... fim de sema:na
113	Pesquisadora:	aham
114	Rúbia:	fica livre mas final de semana é ao contrário
115	Pesquisadora:	aham

116 Rúbia: é fim de semana tá livre
117 Pesquisadora: sim
118 Rúbia: porque na semana ela trabalha
119 Pesquisadora: entendi ... e com o que que ela trabalha?
120 Rúbia: professora
121 Pesquisadora: é mesmo:? eu e a Pamela também né
122 Rúbia: é
123 Pesquisadora: todo mundo professora
124 Pamela: é
125 Rúbia: família tá tudo ((risos))
126 Pesquisadora: sim todo mundo professora
127 Rúbia: especializado
128 Pamela: é: e e tem mais professora na família né vó
129 Rúbia: é ti tinha que ter um que: não digo
professora é: a
130 minha mãe devia ter nos dado umas surras
bem boa
131 Pesquisadora: ((risada))
132 Rúbia: eu não quis ir na escola e não fui
133 Pesquisadora: tu não foi pra escola?
134 Rúbia: não:o
135 Pesquisadora: e ela devia ter insistido pra tu ir
136 Rúbia: [claro] há
muitos
137 anos isso né
138 Pesquisadora: sim entendi
139 Rúbia: mas ã: eu disse mas ã se eu não tinha que
pegar um
140 chinelinho e dar umas
141 Pesquisadora: aham
142 Rúbia: mas desde quando ah ... aí a outra a minha
irmã
143 mais velha ... a que me ensinou depois
144 Pesquisadora: aham

145 Rúbia: porque ela ela foi porque
146 Pesquisadora: ah: ela foi
147 Rúbia: ela foi
148 Pesquisadora: ah:: entendi
149 Rúbia: é ... ela era professora
150 Pesquisadora: que legal e a senhora daí acabou não
estudando
151 Rúbia: eu aí: aprendi: aprendi e eu procu:ro
152 Pesquisadora: aham
153 Rúbia: eu tinha mas nunca me esqueço eu tinha uma
cunhada
154 porque tem coisa que tu lendo tu já vê
155 Pesquisadora: sim
156 Rúbia: como é que se escreve
157 Pesquisadora: aham
158 Rúbia: e como é que fala porque ela dizia as carça
aquilo
159 me dava um:
160 Pesquisadora: dava um nervoso já
161 Rúbia: dava
162 Pesquisadora: ai sim
163 Rúbia: sabe é: é: eu é aquilo que eu te digo eu eu
164 procurei a a: na lendo bastante eu gosto
165 Pesquisadora: [uhum]
166 Rúbia: muito de ler
167 Pesquisadora: ai que coisa bo:a
168 Rúbia: é: então é procurei
169 Pesquisadora: sim
170 Rúbia: ã: aprender né já que eu não fui né no
[colé]gio
171 Pesquisadora:
[sim]
172 Rúbia: mas eu procurei
173 Pesquisadora: daí aprendeu por conta

174 Rúbia: é:
175 Pesquisadora: ai que legal e o que que a senhora gosta de ler?
176 Rúbia: é ... nem sei: eu gosto de ler tudo
177 Pesquisadora: tudo
178 Rúbia: não coisa de que foi fulado não tem uns que ah:
179 matou fulano ah não
180 Pesquisadora: essas coisa violenta não
181 Rúbia: ah não
182 Pesquisadora: ah entendi
183 Rúbia: não é pra me distrair porque que eu vou
184 Pesquisadora: tem que ler coisa boa né
185 Rúbia: é tem que [ler coisa boa]
186 Pesquisadora: [é histórias né] é verdade é melhor
187 [mesmo]
188 Rúbia: [é que nem] ali no correio ã: no: jornal tem uma
189 parte que: que é coisa boa
190 Pesquisadora: é
191 Rúbia: boa de se ver e a outra que é só as:
192 Pesquisadora: só as tragédia né
193 Rúbia: só
194 Pesquisadora: e tá cada vez mais esses jornal né só: só desgraça
195 ... não vê uma coisa boa
196 Rúbia: então é:: eu: eu não gosto de ler essa parte aí
197 Pesquisadora: sim
198 Rúbia: tá louco
199 ...
200 Pesquisadora: é melhor mesmo
201 Rúbia: só coisa ruim [não]

202 Pesquisadora: [daí] fica pensando em coisa
ruim
203 também né de ver as coisas ruim daí
204 Rúbia: é
205 Pesquisadora: daí fica pensando em coisa ruim ... não dá
206 ... ((Rúbia mexe bruscamente na perna))
207 Pamela: ui ... que foi vó?
208 Rúbia: um bicho parecia
209 Pamela: ah
. . .
((interrupção na transcrição devido a assuntos aleatórios))
820 Pesquisadora: e todos estudaram?
821 Rúbia: hum?
822 Pesquisadora: teus filhos estudaram?
823 Rúbia: os meus filho?
824 Pesquisadora: é
825 Rúbia: se eles estudaram?
826 Pesquisadora: sim
827 Rúbia: praticamente todos o ju o João deve dar
aula lá
828 Pamela: uhum
829 Rúbia: o meu mais novo
830 Pesquisadora: aham
831 Rúbia: dá aula em casa de
832 Pesquisadora: sim
833 Rúbia: esse é o que mora mais perto aqui e: o os
outros
834 não:: tenho: o Paulo eu não sei se o que o
que que
835 é: a profissão [dele]
836 Pamela: [((risos))] o pai é
consultor

837 empresarial
838 Rúbia: ah sim muito bom [complicado]
839 Pamela: [que ele ajuda] [os
empresá:rios]
840 Pesquisadora: [é muito
chique]
841 né
842 Pamela: né
843 Rúbia: é:: e:: é e o Jonas não sei mas eu acho que
fez:
844 acho que ele fez todo: né
845 Pamela: sim todos fizeram faculdade
846 Rúbia: é ã ele fez faculdade
847 Pesquisadora: que coisa boa né
848 Rúbia: é
849 Pamela: e a tia Mari e a tia Mari::
850 Rúbia: também ... é ela também
851 Pesquisadora: coisa boa e agora os neto se formando ó a
Pamela se
852 formo:u
853 Rúbia: uhum
854 Pesquisadora: professo:ra
855 Rúbia: se Deus quiser ... tudo: só a única coisa
que eu
856 sempre digo aqui que que: apesar da da de
eu se:
857 ter pouca instrução
858 Pesquisadora: uhum
859 Rúbia: mas assim ó às vezes os pai inventam que o
filho
860 tem que estudar aquilo que eles querem
861 Pesquisadora: aham
862 Rúbia: e eu: não pode ser assim concorda comigo?
863 Pesquisadora: si:m tem que ser cada um estudar o que quer

né

864 Rúbia: aquilo que quer porque aquilo que quer sai
mais bem

865 feito

866 Pesquisadora: sim

867 Rúbia: é e eu não estudei mas sei

868 Pesquisadora: sim

869 Rúbia: e sempre leio bastante gosto então não
estudei

870 porque não passaram um chinelo na bunda

871 Pesquisadora: aham ((risos))

872 Rúbia: se fosse hoje

873 Pesquisadora: si:m

874 Rúbia: né

875 Pesquisadora: se fosse filho teu tu ia fazer estudar

876 Rúbia: ah: ia ué

877 Pesquisadora: sim: não tem não querer estudar

878 Rúbia: depo/ não tem não quero

879 Pesquisadora: sim

880 Rúbia: escolhe o que que quer fazer

881 Pesquisadora: sim é melhor mesmo mas até aquelas pessoas
assim ai

882 eu quero que o meu filho seja mé:dico seja
advogado

883 não tá certo

884 Rúbia: nã:o

885 Pesquisadora: não tá certo tem que deixar a pessoa [ser o
que ela
quer]

886

887 Rúbia: [nã::o
aí já

888 é::] não mas fazer até um segundo grau é o
mínimo

889 Pesquisadora: é o mínimo sim

890 Rúbia: né mas já:
891 Pesquisadora: sim com certeza
892 Rúbia: é
893 Pesquisadora: é verdade
894 Rúbia: então: eu: é: o meu mais novo dá aula em
casa ali
895 Pesquisadora: aham
896 Rúbia: quer dizer ele é formado pra
897 Pesquisadora: sim
898 Rúbia: né e: e tem o Paulo e tem o: Jonas
899 Pesquisadora: aham
900 Rúbia: que: também acho que ele: fez chegou a
fazer o que
901 que tu acha minha:
902 Pamela: oi vó
903 Rúbia: o Jonas ele acho que também fez segundo
grau
904 Pamela: todos fe/ todos têm o segundo grau né [só:]
905 Rúbia: [ã?]
906 Pamela: todos têm o segundo grau e aí o pa::i o
din:do e o
907 tio João fizeram faculdade né
908 Rúbia: pois é e a tua mãe
909 Pamela: e o e acho que o tio tem especialização:
910 Rúbia: ã?
911 Pamela: eu acho que o tio fez uma especialização e
o pai
912 tem o mestrado né lembra?
913 Rúbia: é:
914 Pamela: a Marina faz mestrado também agora [ela tá
fazendo]
915 Pesquisadora: [é: eu
tô]
916 fazendo mestrado

917 Rúbia: e é isso aí que eu digo sempre que a gente
não deve
918 querer que os filho façam aquilo que a
gente quer
919 Pesquisadora: aham
920 Rúbia: não
921 Pesquisadora: tem que deixar ser feliz né
922 Rúbia: e:les que escolham
923 Pesquisadora: sim: é verdade
924 Rúbia: tem que estudar mas tem que
925 Pesquisadora: tem que escolher o que quer estudar [né]
926 Rúbia: [é:]
tem que
927 escolher
928 Pesquisadora: é verdade a senhora tá certa ... por que
senão não
929 vai ser feliz né
930 Rúbia: ã?
931 Pesquisadora: senão não vai ser feliz né
932 Rúbia: é: eu já a mãe já devia ter dado uma surra
e bo/ e
933 feito estudar mas tudo bem agora ela:
934 Pesquisadora: sim:
935 Rúbia: já: já se foi
936 Pesquisadora: sim
937 Rúbia: e a minha irmã mais
938 Pesquisadora: aham
939 Rúbia: que era era mais velha
940 Pesquisadora: sim
941 Rúbia: que me ensinou em casa
942 Pesquisadora: sim
943 Rúbia: e como eu não n: não quis ir pro colégio
mas eu
944 gosto muito de ler

970		minha mãe minha: ((aponta para uma fotografia na estante))
971		
972	Pesquisadora:	aham
973	Rúbia:	é tá tão ali
974	Pesquisadora:	ai que legal
975	Rúbia:	é: naquela:
976	Pesquisadora:	sim
977	Rúbia:	minha irmã mas ve:lho
978	Pesquisadora:	uhum
979	Rúbia:	tinha irmão também que faleceu
980	Pesquisadora:	eram três irmãos então
981	Rúbia:	eram
982		...

6.5.2 Análise do Dado

Inicialmente, a pesquisadora pergunta sobre a rotina da participante e ela começa a falar sobre os filhos. Assim, inicia, na linha 109, uma pequena narrativa sobre a filha que mora com ela. A narrativa sobre a filha leva ao assunto de sua profissão de professora (linha 120) que é compartilhada por outras pessoas da família. Rúbia usa o predicativo “especializado” (linha 127) para referir-se à família, indexando que não apenas têm estudo, mas que seus filhos aprofundaram seus estudos se especializando em suas áreas de atuação. A narrativa, a partir de então pende para o assunto estudo e, na linha 129, Rúbia fala sobre sua condição e faz referência à sua mãe, dizendo que ela devia ter-lhe dado umas surras quando criança, pois, como ela não queria ir para a escola, a mãe acabou permitindo. A fala de Rúbia, nas linhas 129, 130, 132, indexa uma autorresponsabilidade que a participante que se impõe por não ter ido à escola e o seu arrependimento, evidente na expressão “tinha que ter um” (linha 129). Ressalta que somente ela foi diferente, mas também destaca a falta de imposição da mãe que não a obrigou a ir para a escola, com a fala “devia ter nos dado uma surra bem boa” (linha 130). Isso se confirma pela exclamação na linha 136, após a pesquisadora dizer que

a mãe deveria ter insistido, quando Rúbia justifica, dizendo “há muitos anos isso né” (linhas 136, 137), ou seja, em outra época, quando as pessoas tinham outras concepções, modalizando, com esse uso, a culpabilidade da mãe.

Nas linhas 139 a 140, a fala de Rúbia indexa o seu arrependimento por não ter ido à escola e a atitude que a mãe deveria ter tomado, visto que era uma criança que ainda não entendia a implicação de não frequentar a escola. Novamente, a participante utiliza uma expressão que aponta para a necessidade de uma atitude mais rígida da mãe como “pegar um chinelinho” (linha 139-140) e que indexa a reprovação do seu comportamento infantil. Em seguida, ela cita a sua irmã mais velha, que havia estudado, como a responsável por ensiná-la a ler e a escrever posteriormente: “aí a outra a minha irmã mais velha... a que me ensinou depois” (linhas 142-143). A irmã compartilha da mesma profissão da filha e da neta da participante: professora.

Quando a pesquisadora diz que ela acabou não estudando, Rúbia diz que aprendeu e que procura aprender (linha 151), ou seja, utiliza verbos de ação que indexam sua autonomia, iniciativa e inteligência, adquirindo conhecimento por conta própria, a partir daquilo que lê. Na linha 154, a participante diz que “tem coisa que lendo tu já vê”, indexando que a leitura, muitas vezes, ensina na prática, sem necessitar de um mediador. Rúbia faz uma comparação com a cunhada (linhas 153, 154, 156, 158, 159), em uma breve narrativa, reprovando sua condição de falar o português em desacordo com a norma padrão da língua. Em seguida, a participante declara seu gosto pela leitura e reforça sua autonomia em aprender, novamente com os verbos de ação “procurei, lendo, gosto” (linha 164), indexando que, apesar de não ter ido para a escola, ela não se acomodou e aprendeu por mérito seu, através da leitura, o que é explicitado por ela nas linhas 170-172.

Na linha 175, a pesquisadora faz uma pergunta em relação ao tipo de leitura que Rúbia gosta de fazer, diante do que ela responde, mas a narrativa já se apresenta finalizada. A interação, então, prossegue com outros assuntos aleatórios como o local onde a pesquisadora mora, o cachorro da participante, solicitação de água para beber, entre outros que não interferem em nossa análise e, por este motivo não foram transcritos.

Mais adiante, na interação, a pesquisadora questiona se Rúbia criou os filhos sozinha, o que ela afirma que sim. Então, na linha 820, a pesquisadora pergunta se todos estudaram e Rúbia confirma, na linha 826, iniciando uma narrativa sobre as profissões e o nível de escolaridade dos filhos. Inicialmente, a participante fala sobre o filho mais novo, professor (linha 827), depois sobre o Paulo, consultor empresarial (linha 833), e, por último, sobre seu filho Jonas (linha 843). Na dúvida se todos cursaram nível superior (linhas 843-844), a neta confirma a informação (linha 845), atuando em colaboração com a avó. Em seguida, a neta menciona a sua tia Mari, que não havia sido citada, e Rúbia confirma o dito, na linha 850 e finaliza a narrativa.

Na linha 851, a pesquisadora faz uma avaliação sobre a família toda ter estudado, o que Rúbia confirma (linhas 853 e 855) e, em seguida, emite sua avaliação, deixando uma crença sua de que, apesar de não ter estudos, ela permitiu que seus filhos escolhessem suas profissões de acordo com o que eles gostam, sem sua interferência (linhas 855-865). Na linha 867, a participante diz *é eu não estudei mas sei*, indexicalizando o fato de que, apesar de não ter o conhecimento formal, por não ter ido à escola, isso não a faz alguém alienado, ela tem conhecimentos da sua experiência de vida. Na linha 869, Rúbia retoma a narrativa sobre sua infância e o fato de não ter ido à escola, como deveria ter sido conduzido por sua mãe na época, conforme já havia contado no início da entrevista. A participante, em concordância com a pesquisadora, na linha 878, manifesta que os filhos não devem ter a escolha de não estudar, apenas de escolher que carreira seguir e para a qual estudar (linha 880) e ainda acrescenta, na linha 887-888, que o mínimo que se deve estudar é o *segundo grau*, nomenclatura que caiu em desuso em referência ao atual ensino médio.

Na linha 894, Rúbia retoma a narrativa sobre os filhos e o nível de escolaridade que eles atingiram, sendo auxiliada pela neta Pamela, a lembrar-se do que cada um concluiu de estudo. Na linha 917, a participante novamente faz a avaliação sobre deixar que os filhos escolham a área que querem seguir, para serem felizes, que é concluída na linha 927.

Em seguida, na linha 932, novamente a participante retoma a sua história com relação aos estudos e insere novas informações que justificam o fato de não querer ir para a escola, dizendo que moravam no interior e que, para chegar à escola, tinha que caminhar por quase uma hora (linhas 949-950). Na linha 952, novamente Rúbia conta a história de cunhada que ela considera que não falava

corretamente e justifica sua reprovação e espanto, dizendo que está escrito em tudo que é jornal (linha 956) e que, como ela gosta de ler, ela sabe como as palavras são (linhas 960, 962) e segue dizendo que, na sua opinião, tem que ir aprendendo (linhas 964, 965). Por fim, na linha 967, ela conclui dizendo que sua irmã, que era professora, já faleceu. A pesquisadora faz uma pergunta em relação aos seus outros irmãos, mas a narrativa já se encontra finalizada.

A interação de Rúbia demonstra as múltiplas narrativas que podem emergir na interação cotidiana, de acordo com os assuntos que vão sendo mobilizados. Nessa interação, a participante utiliza várias narrativas coconstruídas com a pesquisadora e com a neta, que se complementam e que revelam a reafirmação do seu *self* e como ela se representa naquela cena para a sua plateia.

Considerando as dimensões da narrativa (OCHS; CAPPS, 2001), em se tratando da narração, podemos observar que a narrativa é coconstruída e que Rúbia se coloca como narradora ativa e principal, mantendo seu piso conversacional e recebendo a colaboração das demais participantes que se mantêm em uma posição menos ativa.

Os movimentos realizados por Rúbia durante a interação são os seguintes:

Quadro 12 - Ações desempenhadas por Joana durante a narrativa

Linhas	Ação desempenhada	Tópico
Linha 109	Inicia a narrativa coconstruída	filha
Linha 129	Inicia outra narrativa encaixada	a sua infância e a relação com os estudos/mãe
Linha 153	Inicia outra narrativa encaixada	modo de falar da cunhada
Linha 174	Finaliza a narrativa	a relação com os estudos
Linha 827	Inicia a narrativa coconstruída	os filhos e o estudo/profissão
Linha 850	Finaliza a narrativa	os filhos e o estudo/profissão
Linha 855	Avaliação	livre escolha da carreira
Linha 869	Retoma a narrativa	a sua infância e a relação com os estudos/mãe

Linha 880	Retoma a avaliação	livre escolha da carreira
Linha 894	Retoma a narrativa	os filhos e o estudo/profissão
Linha 917	Retoma a avaliação	livre escolha da carreira
Linha 932	Retoma a narrativa	a sua infância e a relação com os estudos/mãe
Linha 952	Retoma a narrativa	modo de falar da cunhada
Linha 956	Avaliação	
Linha 964	Coda	

Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível perceber, as narrativas são encaixadas no contexto da interação e umas às outras, no sentido de se complementarem e atuarem todas no assunto principal em questão: os estudos. Por se tratar da história de vida de Rúbia e de seus filhos, as narrativas podem ser consideradas com alta reportabilidade. Isso se explica pelo fato de, além de dar conhecimento ao interlocutor sobre as experiências de vida da participante entrevistada, as narrativas trazem consigo o posicionamento de Rúbia sobre como ela coconstrói seu *self* na interação, apresentando os valores que coconstroem a identidade dela, mediante sua performance narrativa.

Quanto à linearidade, podemos verificar a sequência de fatos de forma progressiva, contando fatos do passado, como não ter ido à escola, por exemplo, e fazendo o contraponto a como seria em um cenário atual. No entanto, uma característica que pode ser observada é a repetição de histórias já narradas, de forma circular, como a de sua infância, da sua cunhada e dos filhos. Hydén e Örvulv (2009) afirmam que as pessoas com DA tendem a apresentar narrativas menos organizadas temporalmente e eventos significativos de suas vidas costumam ser mencionados várias vezes, enquanto outros estágios de suas vidas ficam obscuros. Esse fato pode ser observado na interação com Rúbia, na qual fatos importantes que marcaram sua vida foram narrados por mais de uma vez. Tais fatos constroem a identidade da participante, conduzindo o interlocutor a conhecer quem é realmente essa pessoa que se apresenta e que valores significativos possui.

A colaboração exercida por Pamela é pontual em determinados momentos da interação. A neta se coloca em uma posição mais periférica, deixando a avó e a pesquisadora interagirem mais e, quando Pamela oferece algum andaimento, isso ocorre em momentos importantes e que só podem ser coconstruídos por ela juntamente com a avó, como ocorre quando confirma ou fornece informações do contexto familiar. Os movimentos de colaboração de Pamela e da pesquisadora podem ser observados no quadro que segue:

Quadro 13 - Movimentos de colaboração da pesquisadora e da neta Pamela

Recurso	Realizado por	Momento da interação
Perguntas abertas para introduzir tópico	Pesquisadora	e todos estudaram? (linha 820) teus filhos estudaram? (linha 822) e a senhora tinha outros irmãos? (linha 968)
Direcionamento da atenção para a interação	Pamela	oi vó (linha 902)
Confirmações	Pesquisadora	aham (linhas 113, 115, 141, 152, 157, 830, 861, 871, 895, 899, 919, 959, 972) sim (linhas 117, 155, 169, 171, 197, 826, 832, 866, 868, 879, 897, 936, 940, 942, 961, 966, 976) todo mundo professora (linha 123) sim todo mundo professora (linha 126) sim entendi (linha 138) ah: ela foi (linha 146) ah:: entendi (linha 148) ai sim (linha 162) tudo (linha 177) essas coisa violenta não (linha 180) ah entendi (linha 182) tem que ler coisa boa né (linha 184) é (linhas 190, 824) daí fica pensando em coisa ruim também né de ver as coisas ruim daí (linhas 202-203) daí fica pensando em coisa ruim ... não dá (linha 205) né (linha 841) si:m tem que ser cada um estudar o que quer né (linha 863) si:m (linha 873) sim: não tem não querer estudar

		<p>(linha 877) é o mínimo sim (linha 889) sim com certeza (linha 891) é verdade (linha 893) [é: eu tô] fazendo mestrado (linhas 915-916) tem que deixar ser feliz né (linha 921) sim: é verdade (linha 923) é verdade a senhora tá certa ... por que senão não vai ser feliz né (linhas 928-929) senão não vai ser feliz né (linha 931) sim: (linha 934) ah: era longe também ... é daí complica (linha 951) sim ... é daí [complica] (linha 963)</p>
Confirmações	Pamela	<p>é (linha 124) uhum (linha 828) né (linha 842) sim todos fizeram faculdade (linha 845)</p>
Continuadores	Pesquisadora	<p>uhum (linha 165, 858, 978) aham (linha 938, 948, 954)</p>
Pedido de esclarecimento	Pesquisadora	<p>entendi... e com o que que ela trabalha? (linha 119) tu não foi pra escola? (linha 133) e a senhora daí acabou não estudando (linha 150) daí aprendeu por conta (linha 173) e o que que a senhora gosta de ler? (linha 175) se fosse filho teu tu ia fazer estudar (linha 875) só não queria ir pra escola mas a: aprender a senhora queria (linhas 945-946) eram três irmãos então (linha 980)</p>
Informações contextuais	Pesquisadora	<p>eu e a Pamela também né (linha 121) e ela devia ter insistido pra tu ir (linha 135) e tá cada vez mais esses jornal né só: só desgraça... não vê uma coisa boa (linhas 194-195)</p>

Informações contextuais	Pamela	<p>é: e e tem mais professora na família né vó (linha 128) o pai é consultor empresarial (linhas 836-837) [que ele ajuda] [os empresá:rios] (linha 839) e a tia Mari e a tia Mari:: (linha 849) todos fe/ todos têm o segundo grau né [só:] (linha 904) todos têm o segundo grau e aí o pa::i o din:do e o tio João fizeram faculdade né (linhas 906-907) e o e acho que o tio tem especialização: (linha 909) eu acho que o tio fez uma especialização e o pai tem mestrado né lembra? (linhas 911-912) a Marina faz mestrado também agora [ela tá fazendo] (linha 914)</p>
Expressão avaliativa	pesquisadora	é mesmo:? (linha 121)
Finalização enunciado	de pesquisadora	<p>dava um nervoso já (linha 160) só as tragédia né (linha 192) tem que escolher o que quer estudar [né] (linha 925)</p>
Avaliação	pesquisadora	<p>ai: que coisa boa aí [tá sempre pertinho] (linha 110) que legal (linha 150) ai que coisa bo:a (linha 167) ai que legal (linha 175, 974) [é histórias né] é verdade é melhor mesmo (linha 186-187) é melhor mesmo (linha 200) [é muito chique] (linha 840) que coisa boa né (linha 847) coisa boa e agora os neto se formando ó a Pamela se formou professora (linhas 851-852, 854) sim é melhor mesmo mas até aquelas pessoas assim ai eu quero que o meu filho seja mé:dico seja advogado não tá certo (linhas 881-883) não tá certo tem que deixar a pessoa [ser o que ela quer] (linha 885-886) no:ssa mas daí não ajuda né (linha 957)</p>

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Oliveira (2013).

A performance narrativa de Rúbia coconstrói a identidade de uma mulher forte, de uma mãe que se responsabiliza pela educação de seus filhos, reconhece a importância dos estudos e se sente orgulhosa por cada um deles ter seguido sua profissão e estarem atuando nelas. Apesar de não ter ido à escola receber a educação formal, a participante coconstrói a identidade de uma mulher determinada, que nem por isso deixou de estudar e aprender, que gosta de ler e que busca o conhecimento.

A postura moral da participante revela valores em relação à postura que uma mãe deve ter em relação à educação de seus filhos, a rigidez e, ao mesmo tempo, a liberdade que deve lhes dar, a fim de que possam ser bem-sucedidos na vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo anterior, apresentamos cinco narrativas das participantes do presente estudo acometidas pela DA e, por meio daquelas, foi possível observar como essas mulheres se apresentam na interação, ressignificando experiências relevantes de suas vidas. As histórias contadas por cada uma delas demonstram como essas mulheres se veem e como querem ser vistas, ou seja, demonstram a reafirmação de seus *selves* e a coconstrução de suas identidades localmente com o interlocutor que vão muito além de sua condição atual.

O objetivo desta tese: *investigar as performances narrativas de pessoas acometidas pela DA em situações de interação face a face, analisando o que esses empreendimentos demonstram em termos de construção identitária*, foi alcançado, a partir da observação de três lâminas de análise para uma melhor compreensão do fenômeno.

A primeira lâmina de análise (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021) consistia em descrever como se estruturam as narrativas orais de pessoas com DA. Para esse empreendimento, pautamo-nos na concepção de narrativas conversacionais de Ochs e Capps (2001) em razão da natureza de nossos dados, ou seja, das narrativas que emergem naturalmente durante a interação e que são essencialmente coconstruídas. As dimensões da narrativa propostas pelas autoras, por sua fluidez e flexibilidade, serviram como base da possibilidade de analisar como essas narrativas se estruturavam, em termos de narração, historiabilidade, encaixe, linearidade e postura moral.

De acordo com as dimensões das narrativas, foi possível observarmos, mediante os dados analisados, os aspectos que demonstramos nos quadros a seguir:

Quadro 14 - Ocorrência das dimensões nos dados analisados

Dimensões da narrativa	Joana	Carmen	Rúbia
Narração	Uma narradora ativa	Múltiplos conarradores ativos	Uma narradora ativa
Historiabilidade	Alta	Alta	Alta
Encaixe	Encaixada	Encaixada	Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	Ordem causal e temporal em aberto	Ordem causal e temporal finalizada
Postura Moral	Determinada, constante	Determinada, constante	Determinada, constante

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Oliveira (2013).

Observando a tabela acima, podemos constatar que, apesar de as narrativas analisadas diferirem em muitos aspectos como participantes, locais, ambientes, tempo de duração da entrevista, grau de complexidade da patologia em questão e dificuldades apresentadas em decorrência, todas podem ter sua estrutura analisada pelas dimensões propostas por Ochs e Capps (2001). Tais dimensões permitem traçar graus de similaridade e diferenças que nem por isso invalidam sua natureza de narrativa ou sua importância na interação.

A dimensão da narração, talvez uma das mais importantes, por revelar o grau de participação da pessoa com DA na interação e as estratégias de colaboração que permitem ou excluem seu efetivo engajamento, demonstrou que todas as participantes puderam não apenas interagir nas entrevistas, como também, mais do que isso, puderam coconstruir suas histórias, com a colaboração dos interlocutores de forma mais ou menos incisiva.

Traçando um comparativo, Joana, que têm suas memórias mais preservadas, pôde desempenhar o papel de narradora ativa, necessitando do andamento da interlocutora, para a organização e continuidade da narrativa após interrupções e para dificuldades em relação à linguagem, ocasionadas pela doença. Carmen, que apresenta a memória mais comprometida, também pôde contar suas histórias, desempenhando o papel de conarradora junto à filha, principalmente, que conhecia sua história de vida e ofereceu contribuições valiosas que estimularam as lembranças da mãe. Por fim, Rúbia também desempenhou o papel de narradora ativa, necessitando de poucas intermediações da neta em relação à memória dos

fatos, embora suas histórias se apresentassem várias vezes repetidas na interação, fato ocasionado pelo grau de memória afetada.

Quanto à dimensão da historiabilidade, não há como não se considerar alta, tendo em vista histórias de vida das participantes que marcaram suas experiências e que, por tal motivo, foram dignas de serem recontadas às interlocutoras. As histórias narradas foram performadas pelas participantes, utilizando recursos linguísticos ou gestuais, de modo que tudo isso prendesse a atenção e fizesse as interlocutoras compreenderem a relevância ou a avaliação por trás dessa narrativa. Pela historiabilidade, as participantes coconstruíram, com as interlocutoras, a ideia de “essa sou eu”, ou seja, a ação de se representar frente ao outro e de efetuar as escolhas das histórias para narrar. Essa constatação demonstra a intencionalidade discursiva do ator social que se apresenta.

Em relação à dimensão do encaixe, as narrativas de todas as participantes apresentam-se encaixadas ao contexto da interação e ao discurso circundante. Revezamentos de turnos sobre determinados tópicos ou questionamentos das interlocutoras levam à emergência das histórias que são narradas pelas participantes em turnos mais longos, como no caso de Joana; em turnos mais breves, como no caso de Rúbia; ou em turnos breves, com a colaboração da interlocutora, como no caso de Carmen. No entanto, todas as narrativas estão relacionadas à conversa que está ocorrendo e desempenham um papel significativo na interação.

No que tange à dimensão da linearidade, conforme pudemos observar nas narrativas de Joana, existe uma linearidade progressiva com uma ordem causal e temporal finalizada, muito embora, em determinados momentos da narrativa, ela utilize paráfrases ou *flashbacks* para contextualizar melhor a narrativa à interlocutora. No entanto, esses movimentos parecem intencionais, tendo em vista uma melhor compreensão dos eventos narrados e desencadeiam um fechamento da narrativa e uma ordem causal dos fatos. As narrativas de Carmen aparecem com uma ordem causal e temporal mais aberta e nem sempre bem definida, o que pode existir em decorrência das dificuldades mnésicas. Isso, contudo, não prejudica a compreensão do interlocutor, visto que a participante indica quando os fatos ocorreram e utiliza narrativas curtas. Além disso, a colaboração da filha Ana também contribui para que a linearidade seja definida o suficiente e igualmente para que a narrativa tenha sentido. As narrativas de Rúbia, por sua vez, apresentam uma ordem

causal e temporal finalizada, evidenciando uma sucessão de eventos de forma clara ao interlocutor, no entanto, ao analisarmos a interação como um todo, observamos que as narrativas se repetem várias vezes. E mais: a cada nova performance, podem apresentar mais elementos contextuais ao interlocutor, ou menos, isto é, há uma circularidade de narrativas mais significativas para a participante, as quais são recontadas diversas vezes.

Por fim, a dimensão da postura moral, também extremamente importante, deixa transparecer avaliações e traços da identidade desse *self* que se apresenta. A dimensão da postura moral, um dos últimos fatos mencionados nas análises, apareceu nessa sequência, dada sua relação direta com a segunda lâmina de análise (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021), que analisa como as pessoas acometidas pela DA manejam suas performances na interação. A terceira lâmina de análise observada, por fim, identifica como as pessoas constroem suas identidades por meio da narrativa. Conforme mencionado pelas autoras, “essas três lâminas frequentemente se sobrepõem” (BIAR; ORTON; BASTOS, 2021, p. 243), exatamente o que ocorreu em nossas análises. Chega o momento em que passaremos a falar sobre elas conjuntamente, dada a influência e a sobreposição que uma atrela à outra.

A postura moral das participantes se demonstrou determinada e constante ao longo das histórias narradas e mais do que pontuar determinada avaliação sobre algo, ela deixa transparecer “quem sou eu”, ou seja, como esse eu se apresenta ao outro (GOFFMAN, 2014), como reafirma seu *self* na interação. Nas narrativas que as participantes contam, personagens, vozes e eventos corroboram para a construção identitária que elas desejam compartilhar com o interlocutor. Os meios expressivos (BAUMAN, 1986) que Joana, Carmen e Rúbia utilizam nas suas performances narrativas posicionam-nas como mulheres fortes, que venceram obstáculos frente às adversidades mais variadas, de acordo com sua história de vida. Revelam, finalmente, que não se deixaram abater.

A DA, ou a sua condição patológica atual ou os sintomas com os quais têm que conviver, não é o que essas mulheres desejam apresentar à pessoa com quem estão coconstruindo sua identidade. A doença é uma condição atual, não representa quem elas verdadeiramente são ou como se veem e, dessa forma, não é esta representação de si que escolhem coconstruir com a pesquisadora. Nosso intuito, desde o princípio, foi ouvir suas histórias e analisar como as participantes

apontavam para suas coconstruções identitárias. Dessa forma, respeitamos o fato de o assunto DA não surgir nas interações até porque não motivamos sua emergência.

As performances que as participantes construíram posicionam-nas sob uma luz favorável, ou seja, conduzem a uma impressão do interlocutor orientada para uma imagem positiva de si mesmas (GOFFMAN, 2014). De acordo com Goffman (2021, p. 25), o indivíduo projeta uma definição da situação que o coloca como alguém de determinado tipo, exercendo uma exigência moral e tensionando o outro a valorizá-lo e tratá-lo de acordo com o esperado. Fica muito claro, nas narrativas, como as participantes se apresentam e que identidade social elas desejam reafirmar e ter valorizadas.

Joana, em sua primeira narrativa analisada, posiciona-se como personagem principal e alia personagens e falas reportadas que atuam no sentido de corroborar a identidade de profissional bem-sucedida, determinada e dedicada. Joana constrói uma performance utilizando-se de meios linguísticos, avaliações, predicações, e não linguísticos como entonação, gestos, expressão corporal que atuam como índices indexicais da identidade que está coconstruindo e da mensagem que quer deixar à interlocutora. Todos os elementos utilizados estabelecem o *footing* com a pesquisadora que invoca o discurso de aproveitar as chances e as oportunidades que a vida oferece, sem, contudo, tirar-lhe o mérito de merecer as chances que teve, em razão da sua postura comprometida. Na segunda narrativa, a participante se projeta como uma mulher de fortes valores e laços familiares, como uma mulher sensível e, ao mesmo tempo determinada, que busca o amor, porém de forma prudente e sensata. Ao longo da narrativa, o *footing* estabelecido com a pesquisadora demonstra a importância que esse amor teve na vida de Joana e a sua identidade, marcada pela imagem de uma mulher perseverante que soube esperar o momento certo para viver essa história.

Carmen, na sua primeira história, constrói uma performance narrativa baseada fundamentalmente em recursos linguísticos que atuam indexando a construção identitária de uma mulher simples, batalhadora, que passou por dificuldades financeiras desde a infância, que se acostumou a uma vida simples, que se dedicou a cuidar da família desde criança e, mais tarde, quando casada, a ajudar na renda familiar. A segunda história narrada por Carmen corrobora com a construção identitária anterior, indexando a identidade de uma mulher simples, mas

também aponta para uma mulher que não se deixou abater pelas dificuldades, que se mantém positiva e que sente saudades dos tempos em que viveu com a família reunida. O *footing* estabelecido por Carmen, em ambas as narrativas, demonstra o seu otimismo frente às adversidades e a importância que dá aos momentos simples, em família, o que ela expressa com saudade.

A narrativa de Rúbia utiliza recursos linguísticos e expressivos que apontam para uma construção identitária de uma mulher forte, uma mãe de família que criou os filhos sozinha e que sente orgulho deles. Atesta ser uma mulher que possui valores incontestáveis, a qual, apesar de não ter frequentado a escola, teve autonomia para aprender; mostra uma mulher atuante nos grupos sociais que integra. A repetição de suas histórias traz fatos mais relevantes de sua vida e evidenciam seus valores, representando o seu *self*, aquilo que lhe realmente é significativo e como deseja ser vista. O *footing* estabelecido com a pesquisadora demonstra uma mulher que soube o que era importante para os filhos, que buscou o conhecimento sozinha e que aprendeu por sua força de vontade.

As múltiplas identidades das participantes identificadas nas narrativas como professora, mãe, esposa, companheira, filha, mulheres fortes, cada uma da sua forma, são as representações ou as imagens de si pelas quais as participantes desejam ser reconhecidas. Tais construções identitárias reveladas e performadas nas narrativas expressam os valores, as crenças e as ressignificações de si mesmas que querem compartilhar com os interlocutores. Todas elas têm algo em comum: elas são suas histórias de vida, são suas experiências na relação com pessoas que amam, são quem escolheram ser frente às dificuldades. A identidade social que constroem é exatamente contrária ao estigma da incapacidade que a DA impõe.

Conforme pontua Goffman (2021, p. 12), “quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos”. As narrativas de Joana, Carmen e Rúbia atuam no sentido de quebrar expectativas de categorias pré-definidas e de construir uma identidade social de valor, ou seja, desmistificando o estigma decorrente da patologia e contrapondo suas identidades reais às identidades virtuais que a sociedade impõe.

Considerando tudo o que discutimos na presente tese e estando situados no campo da Linguística Aplicada, esperamos que este trabalho seja uma contribuição para os estudos focados na linguagem em contextos patológicos, visando alargar o entendimento da relação linguagem e interação em contextos reais de uso, visando

demonstrar as potencialidades dos indivíduos em detrimento de incapacidades amplamente já difundidas por testes ou diagnósticos. De acordo com a abordagem socioconstrucionista à qual nos filiamos, entendemos a linguagem como a expressão e a representação de quem somos para nós mesmos e para o outro, uma constituição do nosso eu no mundo social em que estamos e isso é relevante em qualquer contexto. Entretanto, especialmente no contexto da DA, a investigação ratifica uma reafirmação dos *se/ves* de pessoas que estão tendo perdas de memória, mas que ainda lutam para serem ouvidas e serem incluídas no mundo social.

Assim, aliando os estudos da narrativa à concepção de linguagem como prática social, a presente tese se apresenta como um dos primeiros trabalhos nesse campo que se debruça sobre o contexto da DA com esse tipo de *corpus* específico. Esse fato, além de contribuir com uma lente sobre o aqui e agora da interação, verificando como as participantes acometidas pela DA são atuantes durante os assuntos abordados nas entrevistas, engajando-se na atividade interacional e utilizando narrativas como forma de constituir-se no mundo social em coconstrução com os interlocutores, abre espaço para novos trabalhos sobre o tema.

Não negamos o fato de existirem dificuldades tanto de ordem linguística como mnésica, ou ainda outras que surgem durante as interações. No entanto, ressaltamos que, apesar delas, a participação da pessoa com DA nas interações cotidianas é possível, se levarmos em consideração o aspecto colaborativo da linguagem e a concepção de narrativas coconstruídas. O caráter de coconstrução da narrativa desenvolvida pelas participantes não se constitui somente por manifestação das dificuldades da doença por si só, mas como uma característica inata da linguagem (CLARK, 1996).

Se o caráter colaborativo da linguagem está inserido nas mais diversas situações de interação face a face, mais acentuado ele se revela nas interações com pessoas com algum tipo de comprometimento na linguagem, que buscam no interlocutor o auxílio necessário objetivando sua participação. Tanto em nosso estudo inicial (CUSTODIO, 2019), quanto nos estudos posteriores, nos quais nos debruçamos sobre o assunto (MIRA, 2019; MIRA; CUSTODIO, 2019; MIRA; CUSTODIO, 2021a; MIRA; CUSTODIO 2021b; MIRA; CUSTODIO, 2022), até chegarmos à presente tese com novas participantes, temos observado que, diante das dificuldades ocasionadas pela doença, a pessoa com DA busca interagir da

forma como lhe for possível e solicita o auxílio do interlocutor com recursos linguísticos ou outros recursos semióticos a fim de assegurar sua participação.

Assim, a colaboração entre a pessoa não acometida e a pessoa acometida pela DA é peça chave a fim de assegurar não somente seu envolvimento na atividade interacional, como também alguém que ajuda a recordar memórias passadas quando compartilhadas, como Ana muitas vezes faz com sua mãe Carmen. Em nossas análises, é possível observar o quanto a colaboração e o *scaffolding* são essenciais para a coconstrução das narrativas das participantes, em menor ou em maior grau.

Ao assumirmos que as narrativas são arenas nas quais nos representamos e coconstruímos nossas identidades localmente junto ao interlocutor, podemos observar que as performances narrativas realizadas pelas participantes reativam memórias, ressignificam experiências no aqui e agora interacional, reafirmam seus *selves* e apontam para construções identitárias de mulheres fortes, apaixonadas, profissionais, zelosas com a família, dedicadas, batalhadoras, assim como querem ser vistas socialmente e não quem a patologia as tornou.

Dessa forma, pelo ineditismo da presente pesquisa e por sua abordagem voltada à contribuição social, almejamos que este trabalho transdisciplinar ganhe outros espaços de discussão relacionados ao tratamento de pessoas acometidas pela DA como na área médica, psicoterapêutica e outras a fim de que se possa expandir a visão sobre a doença, reconhecendo o espaço necessário e de direito que deve ser assegurado a essas pessoas e o quanto isso pode contribuir com a questão identitária do sujeito.

Esperamos que esta pesquisa contribua para nossas dificuldades nas realidades relacionadas à DA, a fim de que profissionais ou pessoas que convivem com pessoas acometidas possam repensar suas interações e proporcionar um ambiente linguístico/interacional que propicie a participação social de pessoas com patologias neurodegenerativas. Isso posto, esperamos que este trabalho de pesquisa possa oportunizar a esses indivíduos desenvolver suas potencialidades, sua autoestima, integrando e significando as situações sociais que acontecem ao seu redor, tendo assegurado o seu direito à inclusão social.

Em certa interação, ao término da entrevista, após desligar os equipamentos, quando a pesquisadora já se retirava da casa da participante, Ana, filha de Carmen, diz com entusiasmo e alegria: “Nossa, como rendeu... como ela lembrou de coisas

hoje”. As palavras de Ana exemplificam tudo o que aqui defendemos ao longo da presente tese: o quanto é importante assegurar o espaço de interação às pessoas com DA e o quanto as histórias atuam como o lugar de reativação de memórias e reafirmação do *self*. É preciso assegurar o direito de manifestar sua identidade social, o que incide diretamente sobre a percepção sobre si mesmo e sobre a sua construção identitária naquele dado momento.

Por fim, confiamos em que este estudo seja um propulsor de novas pesquisas que venham a contribuir com os estudos sobre a DA para os mais variados âmbitos e para pesquisas acerca da linguagem em contextos patológicos. Almejamos que a investigação realizada possa auxiliar as ações nesses contextos específicos, pormenorizando especificidades e trazendo ao conhecimento fatores que podem auxiliar o melhor entendimento da doença bem como a disseminação de formas benéficas de convívio, incluindo efetiva e socialmente as pessoas acometidas pela DA.

REFERÊNCIAS

- AGHA, A. Introduction: Semiosis across Encounters. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 15, n. 1, p. 1-5, jun. 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/285683095_Introduction_Semiosis_across_encounters>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- AGHA, A. Reflexivity. *In*: AGHA, A. **Language and social relations**. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 14-83.
- ALZHEIMER'S Association Report: 2018 Alzheimer's disease facts and figures. **Alzheimer's & Dementia**, Chicago, v. 14, p. 367-429, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jalz.2018.02.001>>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- ALZHEIMER'S DISEASE INTERNACIONAL. World Alzheimer Report 2015: The global impact of dementia. Disponível em: <<https://www.alzint.org/resource/world-alzheimer-report-2015/>>. Acesso em: 21 mai. 2023.
- BAKHUIZAN, G.; BENSON, P.; CHIK, A. **Narrative Inquiry in Language Teaching and Learning Research**. New York: Routledge, 2014.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text and Talk**, v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/TEXT.2008.018/html>>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- BASTOS, I. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/21840738/Contando_est%C3%B3rias_em_contextos_e_spont%C3%A2neos_e_institucionais_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_estudo_da_narrativa>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **SCRIPTA**, v. 14, n. 7, p. 118-127, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548>>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, São Paulo, v. 31, n. esp., p. 97- 126, ago. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- BAUMAN, R. **Story, performance and event: Contextual studies of oral narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1,2, p. 185-229, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18230>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BEARD, R. L. In their voices: Identity preservation and experiences of Alzheimer's disease. **Journal of Aging Studies**, v. 18, n. 4, p. 415-428, 2004. Disponível em: < <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2004.06.005>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BIAR, L. A.; ORTON, N.; BASTOS, L. C. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de "pós-verdade". **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1982-4017-210205-2920>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BLOMMAERT, J. **Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BLOMMAERT, J. Sociolinguistic scales. **Urban Language & Literacies**, p. 01-14, 2006. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1515/IP.2007.001> >. Acesso em: 31 mai. 2023.

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, J.; WESTINEN, E.; LAPPÄNEN, S. Further notes on sociolinguistics scales. **Intercultural Pragmatics**, v.12, n. 1, p. 119-127, 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1515/ip-2015-0005>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BORGES, G. H. O. C. *et al.* A influência da Microbiota intestinal na patogênese da doença de Alzheimer: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 7, p. 50475-50494, jul. 2022. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/50124/pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, v. 7, p. 585-614, 2005. Disponível em: <https://bucholtz.linguistics.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.ling.d7_b/files/sitefiles/research/publications/BucholtzHall2005-DiscourseStudies.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CARDOSO, E.; DIETRICH, T. P.; SOUZA, A. P. Envelhecimento da população e desigualdade. **Revista de Economia Política**, v. 41, n. 1, p. 23-43, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0101-31572021-3068>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CLARK, H. C. **Using language**. New York: Cambridge University Press, 1996.

COLLINS, J. Indexicalities of language contact in an era of globalization: engaging with John Gumperz's legacy. **Text & Talk**, v. 31, n. 4, p. 407-428, 2011. Disponível em: < <https://doi.org/10.1515/text.2011.020>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CROCKER, R. A. An Introduction to Qualitative Research. In: HEIGHAM, J.; CROCKER, R. A. **Qualitative Research in Applied Linguistics: A Practical Introduction**. Palgrave Macmillan: 2009. p. 3-24.

CRUTCH, S. J. *et al.* The language profile of Posterior Cortical Atrophy. **Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry**, v. 84, n. 4, p. 460-466, 2013. Disponível em: < <https://doi.org/10.1136%2Fjnnp-2012-303309>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CUSTODIO, K. A. **“Como é que vou dizer...”**: a coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com atrofia cortical posterior. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Analyzing narrative as practices. **Qualitative Research**, SAGE, Los Angeles, v. 8, n. 3, p. 379-387, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/1468794106093634>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **Analyzing Narrative**. Discourse and Sociolinguistic Perspectives. New York/Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DE PAULA, Jonas Jardim *et al.* Exame neuropsicológico de pacientes com comprometimento cognitivo leve e demência. In: FUENTES, D. *et al.* **Neuropsicologia**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. Discursos e Vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas Rev. Est. Ling**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 11-29, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25282>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

FETER, N. *et al.* Who are the people with Alzheimer’s disease in Brazil? Findings from the Brazilian Longitudinal Study of Aging. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 24, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720210018>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

FLANNERY, M. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral**: abordagens e modelos. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009 [1970].

GAO, S. *et al.* Incidence of dementia and Alzheimer’s disease over time: a meta-analysis. **The American Geriatric Society**, Indianapolis, v. 67, n. 7, p. 1361- 1369, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/jgs.16027>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

GEORGAKOPOULOU, A. Methods – Analysis – Outreach. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **The Handbook of Narrative Analysis**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2015. p. 255-271.

GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. **Narrative Inquiry**, v. 16, n. 1, p. 129-137, 2006. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1075/ni.16.1.16geo>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIMENES; F. **Um probleminha de memória, um probleminha de cabeça, um probleminha de esquecimento: as estratégias referenciais em narrativas de um**

Grupo de Apoio. 2019. 91 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.

GIMENES; F.; MIRA, C. O ethos discursivo em interações de um grupo de apoio a familiares de pessoas com a Doença de Alzheimer. **Revista Dissol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 9, p. 195, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.35501/dissol.v0i9.606>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

GOFFMAN, E. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 70-97.

GOODWIN, C. Narrative as talk-in-interaction. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **The Handbook of Narrative Analysis**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2015. p. 197- 218.

GUIMARÃES, T. F. **Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada**. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2014.

GUMPERZ, J. Introduction to Part IV. In: GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. (Eds.). **Rethinking Linguistic Relativity**. New York: Cambridge University Press, 1996. p. 359–373.

GUMPERZ, J. J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 98-119.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

HARDY, B. Towards a poetics of fiction: An approach through Narrative. **Novel**, v. 2, p. 5-14, 1968. Disponível em: < <https://doi.org/10.2307/1344792>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

HYDÉN, L. C. **Entangled narratives**: collaborative storytelling and the re-imagining of dementia. Oxford University Press, 2018.

HYDÉN, L. C.; ÖRULV, L. Interaction and narrative structure in dementia. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINA, A.; NYLUND, A. (Orgs.). **Telling stories**: language, narrative, and social life. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2008. p. 149-160.

HYDÉN, L. C.; ÖRULV, L. Narrative and identity in Alzheimer's disease: A case study. **Journal of Aging Studies**, v. 23, p. 205-214, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jaging.2008.01.001>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

HYDÉN, L. How to do things with others: joint activities involving persons with Alzheimer's Disease. *In*: HYDÉN, Lars; LINDEMANN, Hilde; BROCHMEIER, Jens. **Beyond loss: dementia, identity, personhood**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HYDÉN, L. Narrative collaboration and scaffolding in dementia. **Journal of Aging Studies**, v. 25, p. 339-347, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jaging.2011.04.002>>. Acesso em 31 mai. 2023.

HYDÉN, L. Storytelling in dementia: Embodiment as a Resource. **Dementia**, v. 12, n. 3, p. 359-367, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/1471301213476290>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

JEFFERSON, G. Sequential aspects of storytelling in conversation. *In*: SCHENKEIN, Jim (Ed.). **Studies in the organization of conversation**. New York: Academic Press, 1978. p. 79-112.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20396/cel.v48i1.8637253>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. **Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 395-415, 1997. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1075/jnlh.7.49som>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

LABOV, W. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. *In*: LABOV, W. **Language In The Inner City: Studies In The Black English Vernacular**. The University of Pennsylvania Press, vol. 4, p. 354- 396, 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. **The Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 3-38, 1967. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1075/jnlh.7.02nar>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

LEITE, M. S. *et al.* Diagnóstico do paciente com Doença de Alzheimer: uma revisão sistemática de literatura. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR**, v. 30, n. 1, p. 47-50, 2020. Disponível em: <<http://www.mastereditora.com.br/bjscr>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

LI, J.; HAN, X.; ZHANG, X.; WANG, S. Spatiotemporal evolution of global population ageing from 1960 to 2017. **BCM Public Health**, v. 19, n. 1, p. 1-12, jan. 2019. Disponível em: <<http://dx-doi.ez101.periodicos.capes.gov.br/10.1186/s12889-019-6465-2>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

LINDE, Charlotte. **Life Stories: the creation of coherence**. Oxford, Oxford University Press, 1993.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MCDADE, Eric; BATEMAN, Randall. Stop Alzheimer's Before it Starts. **Nature**, New York, v. 547, p. 153-155, jul. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/547153a>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MIRA, C. COMO É QUE A GENTE DIZ? Uma análise das estratégias textual-interativas na narrativa de uma pessoa com Doença de Alzheimer. **Linguagem Em (Dis)curso**, v. 19, p. 419-433, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-4017-190304-7818>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MIRA, C.; CARNIN, A. Histórias sobre o convívio com a Doença de Alzheimer: contribuições da noção de referenciação para a análise de narrativas no contexto de interações de um Grupo de Apoio. **Cadernos De Estudos Linguísticos (UNICAMP)**, v. 59, p. 157-174, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648426>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MIRA, C.; CUSTODIO, K. A. "Isso tudo me traz de novo a vida que eu tinha": a coconstrução de uma narrativa autobiográfica na Doença de Alzheimer. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 1979-2009, 2021a. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.3.1979-2009>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MIRA, C.; CUSTODIO, K. A. A metadiscursividade em narrativas no contexto da atrofia cortical posterior. **Fórum Linguístico**, v. 17, p. 5205-5220, 2021b. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e72980>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MIRA, C.; CUSTODIO, K. A. A narrativa como construção identitária de uma pessoa com Doença de Alzheimer. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 61, p. 747-763, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/010318138670600v61n32022>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MIRA, C.; CUSTODIO, K. A. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. **Investigações**, v. 32, p. 01-23, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.51359/2175-294x.2019.240157>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MISHLER, E. G. **Research interviewing - context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. Discurso, corpo e identidade: masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola. **Gragoatá**, n. 11, p. 207-226, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/47031>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MOITA LOPES, L. P. **Discursos de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Os espaçotempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em Linguística Aplicada. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 40, p.11-33, maio/ago. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.15210/cdl.v0i40.21413>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas**: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Revista Gragoatá**. UFF. Niterói, v. 27, n. 2, p. 33-50, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33105>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Por uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.26512/les.v21i2.35701>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MORATO, E. M. Das relações entre linguagem, cognição e interação - algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 575-590, 2016. Disponível em: < Das relações entre linguagem, cognição e interação - algumas implicações para o campo da saúde >. Acesso em: 31 mai. 2023.

NORRICK, N. R. Conversational storytelling. *In*: HERMAN, D. **The Cambridge companion to narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 127-141.

NÚMERO DE IDOSOS cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

OCHS, Eleanor; CAPPS, Lisa. **Living Narrative**: creating lives in everyday storytelling. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

OCHS, Elinor. Constructing Social Identity: a language socialization perspective. **Research on Language and Social Interaction**, v. 26, n. 3, p. 287-306, 1993. Disponível em: < https://psycnet.apa.org/doi/10.1207/s15327973rlsi2603_3 >. Acesso em: 31 mai. 2023.

OLIVEIRA, L. M. **A performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo**. 2013. 170 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica (PUC-RIO), Rio de Janeiro, 2013.

PINHEIRO, L. G. **(Re)Construindo Performances Discursivas de Maternidade e Não-maternidade em Espaços Virtuais**. 2014. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2014.

POLKINGHORNE, D. E. **Narrative Knowing and the Human Sciences**. Albany, NY: State University of New York Press, 1988.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 70-97.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Analysis**. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

SABAT, S. Dementia beyond pathology: what people diagnosed can teach us about our shared humanity. **Bioethical Inquiry**, v. 16, p. 163-172, 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.1007/s11673-019-09899-0>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

SABAT, S.; NAPOLITANO, L.; FATH, H. Barriers to the Construction of a valued social identity: a case study of Alzheimer's disease. **American Journal of Alzheimer's Disease and Other Dementias**, v. 19, n. 3, maio/jun. 2004. Disponível em: < <https://doi.org/10.1177/153331750401900311>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

SANTOS, W. S. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. *In*: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. **A entrevista na pesquisa qualitativa - perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013. p. 21-35.

SERINO, J. *et al.* Atrofia Cortical Posterior – uma possível causa para as queixas visuais. **Revista Oftalmologia**, v. 38, p. 219-222, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.48560/rspo.6648>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

SIGNORINI, I. Metapragmáticas da redação científica de alto impacto. **Revista do Gel**, v. 14, n. 3, p. 59-85, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.21165/gel.v14i3.2025>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, p.193-229, 2003. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00013-2](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00013-2)>. Acesso em: 31 mai. 2023.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. *In*: **Reflexive Language**: Reported Speech and Metapragmatics. Cambridge University Press, 1993.

SWAFFER, K. Dementia and Prescribed Disengagement. **Dementia**, v. 14, n. 1, p. 3-6, 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.1177/1471301214548136> >. Acesso em: 31 mai. 2023.

SWAFFER, K. **Love, Life, Loss**: a roller-coaster of poetry. Ginninderra Press, 2016.

WOOD, D. J.; BRUNER, J. S.; ROSS, G. The Role of Tutoring in Problem Solving. **Journal of Child Psychiatry and Psychology**, v. 17, p. 89-100, 1976. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

APÊNDICE A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

...	Pausa
:	Fala alongada
/	Truncamento brusco
—	Ênfase
()	Sugestão do transcritor
---	Silabação
(SI)	Segmento incompreensível
[Sobreposição de fala
(())	Comentário do transcritor e designações gestuais
° °	Volume mais baixo
?	Pergunta
* *	Início e término de expressão gestual

Fonte: Marcuschi (1986), adaptado por Mira (2019) e Mira e Custodio (2020, 2021).

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da pesquisa: “O tópico discursivo e o contexto interativo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo sobre a conversação no convívio com a Doença de Alzheimer. O estudo está sendo conduzido pelo Prof. Dr. Caio Mira do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos. Nesta pesquisa, meu interesse é analisar situações de conversação envolvendo uma pessoa acometida pela Doença de Alzheimer e os depoimentos de seus familiares e cuidadores.

A participação no projeto requer gravações de imagens. Os riscos existem, são mínimos, à sua participação nesta pesquisa. Sua participação, no entanto, irá contribuir para o conhecimento relacionado ao uso da linguagem por pessoas portadores de Alzheimer e também para a compreensão de experiência de familiares e cuidadores com essa realidade.

As informações que obtivermos serão rigorosamente confidenciais. Seu nome real será substituído por outro em qualquer apresentação ou publicação baseada nesse estudo. Nas gravações, as imagens dos rostos dos participantes serão desfocadas para assegurar seu anonimato e, principalmente, a confidencialidade dos dados. Como haverá gravações em áudio e vídeo, você tem todo o direito de revisar as transcrições e excluir parcial ou totalmente a gravação, se assim o desejar. Ao concordar em participar do estudo, você autorizará o uso de sua imagem para fins acadêmicos. Sua participação no estudo é totalmente voluntária. Você pode se recusar a participar ou pode se retirar, a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Se você decidir participar, por favor, assine este documento, por meio do qual você concorda com as gravações em áudio e vídeo, assegura o direito de dar sua opinião, de fazer perguntas no decorrer do estudo, além das demais garantias decorrentes desta participação já mencionadas.

Este termo será assinado em duas vias ficando uma em seu poder e a outra com o pesquisador responsável. Agradeço por sua colaboração e interesse no projeto.

Atenciosamente,

.....
Prof. Dr. Caio Mira
Pesquisador Responsável

Nome do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto de Pesquisa: Narrativas e identidades no contexto da Doença de Alzheimer: existência, posicionamento e histórias na perspectiva interacional e socioconstrutivista

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a participar de um estudo sobre narrativa e identidade de pessoas que vivem com a Doença de Alzheimer. O estudo está sendo conduzido pelo Prof. Dr. Caio Mira do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos. Nesta pesquisa, meu interesse é analisar com as narrativas e as identidades são construídas em situações de conversação envolvendo uma pessoa acometida pela Doença de Alzheimer. Além desse objetivo, a pesquisa também prevê entrevistas com os familiares e/ou cuidadores de pessoas com DA e observações da rotina familiar para a compreensão do convívio com a doença.

A participação no projeto requer gravações de imagens. Os riscos existem, são mínimos e estão relacionados à identificação dos participantes, o que pode talvez gerar constrangimentos de ordem pessoal e emocional aos envolvidos. Sua participação, no entanto, irá contribuir para o conhecimento relacionado ao uso da linguagem na Doença de Alzheimer e para a compreensão de experiências vividas por famílias e pessoas que vivem nessa condição.

As informações que obtivermos serão rigorosamente confidenciais. Seu nome real será substituído por outro em qualquer apresentação ou publicação baseada nesse estudo. Nas gravações, as imagens dos rostos dos participantes serão desfocadas para assegurar seu anonimato e, principalmente, a confidencialidade dos dados.

Como haverá gravações em áudio e vídeo, você tem todo o direito de revisar as transcrições e excluir parcial ou totalmente a gravação, se assim o desejar. Ao concordar em participar do estudo, você autorizará o uso de sua imagem para fins acadêmicos. Sua participação no estudo é totalmente voluntária. Você pode se recusar a participar ou pode se retirar, a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Em função do contexto da pandemia de Covid-19 e visando à proteção de todos os envolvidos/as na pesquisa as seguintes medidas serão observadas:

- Todos os envolvidos/as (pessoas com DA, familiares e pesquisadores) deverão estar com imunização contra o Covid-19 completa;
- O uso de máscara entre todos/as deverá ser obrigatório, assim como a higienização das mãos com álcool gel;
- O distanciamento entre os envolvidos/as deverá ser mantido e serão evitados contatos físicos (toques);

Caso o quadro da pandemia se modifique, ou seja, que haja o aumento de casos mesmo diante da imunização da população, haverá a tentativa para que os dados sejam gerados de forma remota, conforme a autorização da familiares ou participantes para a gravação e a disponibilidade técnica para as interações pelas plataformas de webconferência (preferencialmente o Microsoft Teams ou Google Meets).

Se você decidir participar, por favor, assine este documento, por meio do qual você concorda com as gravações em áudio e vídeo, assegura o direito de dar sua opinião, de fazer perguntas no decorrer do estudo, além das demais garantias decorrentes desta participação já mencionadas. No caso da pessoa que vive com Alzheimer não ser capaz de compreender a sua participação da pesquisa, a autorização para a realização da pesquisa será concedida pelo familiar responsável.

Este termo será assinado em duas vias ficando uma em seu poder e a outra com o pesquisador responsável. Agradeço por sua colaboração e interesse no projeto.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Caio Mira
Pesquisador Responsável
e-mail: cmira@unisinos.br
Telefone: (51) 99205 8218

Nome do (a) participante ou do familiar responsável: _____

Assinatura: _____